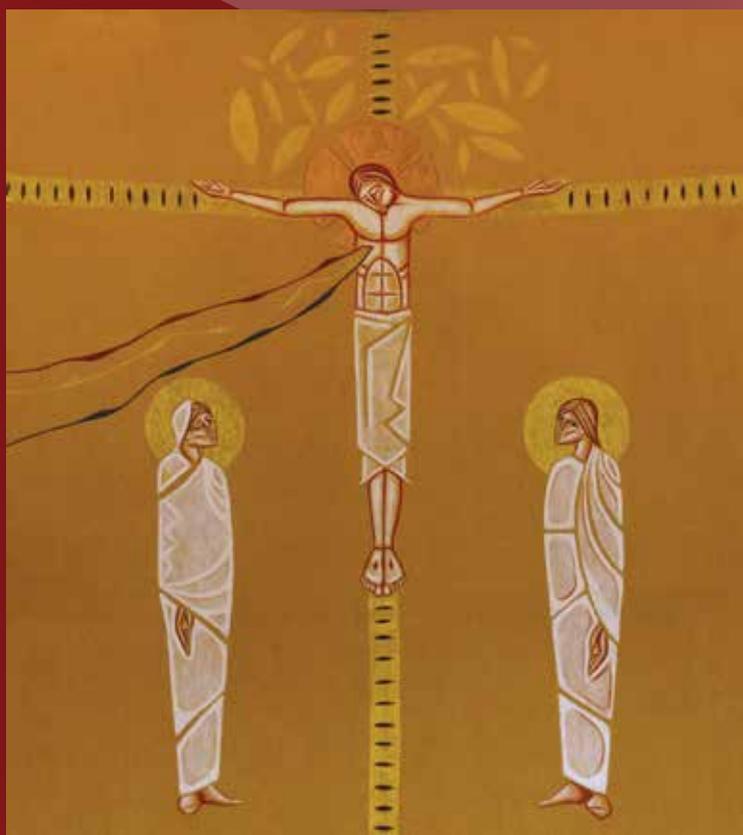


Mês da Bíblia: Evangelho de João



03 “Permaneçei no meu amor para dar muitos frutos” (Jo 15,8-9): introdução ao Evangelho de João

Centro Bíblico Verbo

13 Eu sou o Bom Pastor: uma leitura de Jo 10,1-21

Shigeyuki Nakanose, svd

23 A ressurreição de Jesus segundo a comunidade joanina: uma leitura de João 20,11-18

Maria Antônia Marques

31 Animação bíblica da pastoral (ABP) e o Jubileu do Vaticano II

Décio José Walker

37 Roteiros homiléticos

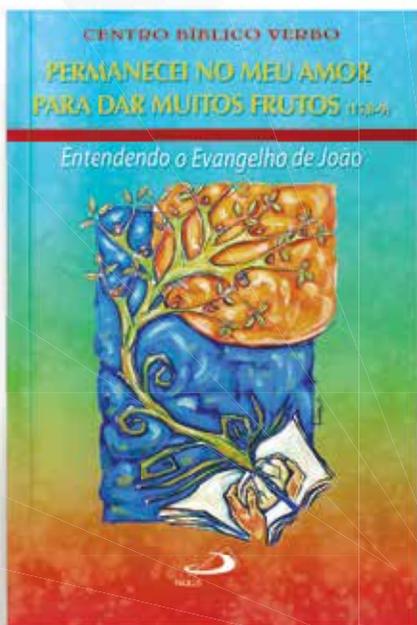
Celso Loraschi

O TESTEMUNHO



da luz

CAMINHOS PARA COMPREENDER JOÃO



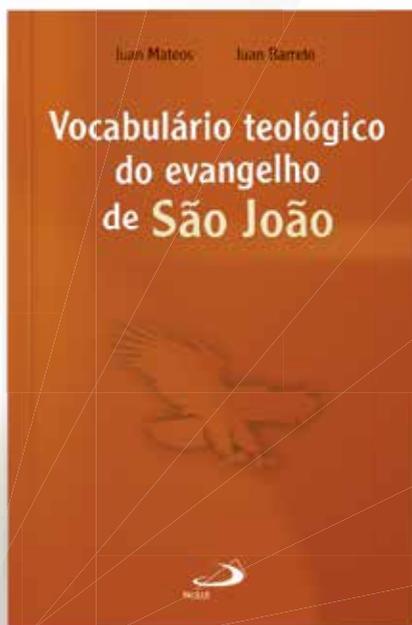
128 páginas

Permanecei no meu amor para dar muitos frutos (15,8-9)

Entendendo o Evangelho de João

Centro Bíblico Verbo

Este livro é um convite para retomar "o caminho, a verdade e a vida" de Jesus. Cria um espaço propenso à Palavra do Senhor por meio do estudo bíblico. Ideal para comunidades pastorais e catequese. É um subsídio para o mês da Bíblia de 2015, dedicado ao Evangelho de São João.



296 páginas

Vocabulário teológico do evangelho de João

Juan Barreto / Juan Mateos

Um volume para familiarizar-se com a linguagem de João e entender o pano de fundo judaico e o sentido simbólico dos termos próprios de seu Evangelho.

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br

 pauluseditora.oficial

 editorapaulus

 paulus.com.br



Caros leitores e leitoras,

Graça e paz!

Neste ano, o livro proposto pela CNBB para aprofundamento no mês da Bíblia é o Evangelho de João. O lema escolhido é “Permanecei no meu amor para produzir muitos frutos”, e o tema, “Discípulos missionários a partir do Evangelho de João”. O mandamento do amor de uns para com os outros, sinal do discipulado, é o principal legado do Evangelho de João. Não se trata de um “amor” qualquer, lembrando que a palavra “amor” é muito banalizada e usada para tudo em nossos dias. Trata-se de amor que tem como meta e como ideal o amor de Cristo. A vivência desse amor nas comunidades cristãs e dos cristãos para com o todo da criação é a principal força missionária. Como tem repetido o papa Francisco, a Igreja cresce não por proselitismo, mas pela força de atração que vem do testemunho.

Aspectos muito concretos do contexto da comunidade de João ocasionaram a ênfase dada ao mandamento do amor e a busca por fortalecer e aprofundar a fé. A comunidade era formada por significativa diversidade: judeus convertidos, samaritanos, pagãos convertidos, galileus, pobres, ricos, membros do grupo de João Batista. Isso exigiu maior abertura para conviver com pessoas de mentalidades diferentes. A convivência e os vínculos de fraternidade foram possíveis por meio do amor, força capaz de ultrapassar as barreiras e preconceitos e ideal de uma nova aliança baseada na solidariedade. A comunidade também era marcada por conflitos e perseguições por parte das autoridades judeu-farisaicas e do império romano, além de manter divergências com outras correntes filosóficas e religiosas. Tanto pela diversidade cultural como pelos conflitos e dificuldades gerados pelas perseguições, a comunidade precisou aprofundar os laços de amor e a fé para resistir e manter-se fiel.

Após a guerra dos judeus contra os romanos (66 d.C.), sobreviveram os fariseus e os judeus

cristãos. Jerusalém e o Templo foram destruídos, e a vida dos habitantes da região foi desestruturada. O grupo dos fariseus assumiu a liderança, aliou-se aos romanos e procurou firmar uma identidade, expulsando os judeus cristãos das sinagogas e perseguindo-os. Exigiam o cumprimento minucioso dos seus 613 mandamentos, situando a lei acima da vida e das pessoas e exigindo, para a purificação, ofertas e tributos. Causaram com isso muita opressão, pois grande parte do povo não tinha condições econômicas para tanto e era considerada impura.

Nesse período surgiu o Evangelho de João, ao longo do qual, em suas entrelinhas, se percebe o conflito e a hostilidade entre luzes e trevas, entre a comunidade e o “mundo” – expressão usada para se referir ao sistema social injusto que se opunha ao projeto de vida trazido por Jesus e assumido por seus seguidores. O Evangelho oferece uma catequese, orienta e anima a comunidade para enfrentar essa situação, salienta a soberania e a divindade e humanidade de Jesus, o bom pastor que cuida de seu povo sofrido e o conduz; o pão da vida eterna, da vida em abundância. O caminho, a verdade e a vida é Jesus, e não um conjunto extenso de regras. Ressalta-se que não basta procurar Jesus superficialmente (6,25-29); é preciso crer e aprofundar essa adesão, assumir o mandamento do amor e as consequências (15,18). Perante os 613 mandamentos dos fariseus, temos, no Evangelho de João, o único mandamento do amor e a constante ênfase na vida.

Procuremos iluminar a conjuntura atual com o Evangelho de João, tendo presente seu contexto e o nosso, uma realidade também marcada por conflitos e adversidades, divisões, preconceito e ódio, grande desigualdade social e diversidade cultural, laços afetivos e comunitários frágeis, crise de fé.

Pe. Jakson Alencar, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Diretor Pe. Claudiano Avelino dos Santos
Editor Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP
Conselho editorial Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Zulmiro Caon,
Pe. Claudiano Avelino dos Santos, Pe. Paulo
Bazaglia, Pe. Darci Marin
Ilustração da capa Lúcio Américo de Oliveira
Ilustrações internas Luís Henrique Alves Pinto
Editoração Fernando Tangi

Revisão Caio Pereira, Alexandre Santana, Iranildo Bezerra Lopes
Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
www.paulus.com.br / www.paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista Vida Pastoral é distribuída gratuitamente pela Paulus. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel.: (11) 3789-4000

Fax: (11) 3789-4004

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para: Revista Vida Pastoral – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Praça Dom Adauto, S/N
Junto à Cúria – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montaury, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 20/22
Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



“Permaneçei no meu amor para dar muitos frutos” (Jo 15,8-9): introdução ao Evangelho de João

Centro Bíblico Verbo*

Diante do contexto de perseguição e sofrimento, a comunidade joanina precisou manter viva a fé e o amor mútuo. Permanecer fiel ao projeto de vida plena – traduzida em casa, comida, saúde, integração social e laços fraternos alicerçados no amor e na solidariedade – só foi possível por manterem viva a memória da vida e da prática de Jesus.

Há alguns anos, um padre missionário em outro país recebeu a notícia de que seu pai estava com câncer. A doença já estava num estágio muito avançado. Não havia mais recursos. O padre viajou e ficou ao lado do pai. Este viveu por mais seis meses. Nesse tempo, o filho, que estava ao lado dele, sentia-se totalmente impotente e muitas vezes reclamava com Deus, que parecia ausente e distante. Era muito duro ver o pai sofrendo daquele jeito, sem poder fazer nada. Mas, alguns momentos antes de morrer, o pai virou-se e, com um sorriso, lhe disse: “Padre José, muito obrigado! Sem a sua presença eu não aguentaria”. Nesse instante, o padre ficou surpreso e compreendeu o mistério do sagrado: o estar junto, o cuidado amoroso com o outro, mesmo não compreendendo.

“Amem-se uns aos outros. Assim como eu amei vocês, que vocês se amem uns aos outros!” (Jo 13,34). A comunidade do Discípulo Amado é chamada a assumir o amor até as últimas consequências. A vivência do amor como sinal do discipulado de Jesus é a principal herança que o Evangelho de João transmite à sua comunidade e que chega até os nossos dias: da mesma forma que padre

*Além dos cursos em sua sede, presta assessoria às dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países. www.cbiblicoverbo.com.br. E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br



José deixou tudo para estar com seu pai, cada pessoa da comunidade é chamada a viver esse cuidado amoroso para com as irmãs e os irmãos. E diríamos mais: um amor extensivo a todas as pessoas, independentemente de etnia, classe, religião e sexo.

Só o amor é capaz de ultrapassar as diversas formas de preconceito que impedem o relacionamento entre as pessoas. Essa comunidade era constituída por pessoas de diferentes grupos, culturas e mentalidades: judeus, discípulos de João Batista, galileus, samaritanos, estrangeiros, doentes, pobres, ricos. Pessoas chamadas a viver a nova aliança, baseada no amor e na solidariedade universal.

Perseguição do império romano, das autoridades judaicas, divergências com outras correntes filosóficas e religiosas faziam parte do cotidiano da comunidade: “Vão excluir vocês das sinagogas. E vai chegar a hora quando alguém, matando vocês, julgará estar prestando culto a Deus” (Jo 16,2). “Se o mundo odeia vocês, saiba que primeiro odiou a mim” (Jo 15,18). Diante do contexto de perseguição e sofrimento, a comunidade reforçou a necessidade de desenvolver profundos laços fraternos de amor e de solidariedade.

Perante as incertezas, é preciso apostar e ir em frente. A comunidade joanina precisou manter viva a fé. Permanecer fiel ao projeto da vida plena – traduzida em casa, comida, saúde, integração social – só foi possível por causa dos vínculos entre seus membros e por manterem viva a memória da vida e da prática de Jesus. Essas pessoas reforçaram a sua fé em Jesus como a ressurreição e a vida no tempo presente (cf. Jo 11,25). É um grupo que acreditou e vivenciou a experiência de que o Verbo se fez carne e vive no seu meio (Jo 1,14). Dessa comunidade recebemos como herança o seu Evangelho, cujo objetivo

o autor deixou por escrito: “para que vocês acreditem que Jesus é o Messias, o Filho de Deus. E para que, acreditando, vocês tenham vida no nome dele” (Jo 20,31).

O Evangelho de João levou mais ou menos 60 anos para ser escrito. Provavelmente, foi sendo elaborado em vários lugares: no norte da Galileia, na Síria e na Ásia Menor. A última redação do livro teria acontecido em Éfeso, na Ásia Menor, por volta do ano 95, com alguns acréscimos posteriores. É um escrito que deve ser lido como interpretação e vivência da comunidade, com o objetivo claro de aprofundar a fé em Jesus como divino e humano: o Verbo encarnado.

Enfim, o Evangelho de João é fruto de uma caminhada comunitária, representada no texto pela figura do Discípulo Amado (Jo 1,35-42; 13,23-25; 18,15; 20,2-10). Quem era esse

discípulo? Ele é anônimo; embora possa ter existido um discípulo que tenha sido reconhecido dessa forma, pode também representar todas as pessoas cristãs que viveram o amor mútuo e assumiram a prática da justiça. É o evangelho do Discípulo Amado! Para entender melhor esse texto, vamos olhar a história e colocar nossos pés no chão da vida dessa comunidade.

“um amor
extensivo a
todas as pessoas,
independentemente
de etnia,
classe, religião
e sexo.”

1. Conhecendo o chão da comunidade de João

A região da Judeia enfrentou diversas dominações imperiais, e a partir da dominação grega, as condições de vida pioraram ainda mais (333 a.C.). As pessoas estavam sendo dominadas, exploradas e escravizadas. Muitos grupos populares resistiram à dominação e buscaram uma forma alternativa de viver. Em 63 a.C., os romanos dominaram a Palestina. No tempo de Jesus e um



pouco depois, as revoltas e os descontentamentos com a opressão dos romanos atingiram o auge. Em 66 d.C., quando os romanos saquearam o Templo de Jerusalém, os vários grupos, mesmo tendo posições diferentes, uniram-se para lutar contra os dominadores. Esse movimento ficou conhecido como a Guerra Judaica (66-73 d.C.).

Nessa guerra, o povo judeu foi derrotado pelos romanos. Jerusalém, a Cidade Santa, e o Templo foram destruídos. O Templo era uma instituição central na vida do povo, controlava a sua vida em todos os aspectos. Os principais grupos que participaram da guerra, os saduceus, os essênios, os zelotas e os sicários, foram desarticulados e quase desapareceram. A guerra desestruturou a vida dos habitantes da região da Judeia. Os judeus cristãos e os judeus fariseus não assumiram a luta até o fim, por isso conseguiram sobreviver. Após a guerra, o grupo dos judeus fariseus começou a reorganizar a vida do povo.

Os fariseus e os escribas, menos dependentes do Templo, desenvolveram uma estrutura alternativa. Fazia tempo que eles exerciam suas atividades nas sinagogas, por meio da função de explicar e interpretar a Lei. No contexto de destruição das principais instituições judaicas, como o Templo e o sínédrio – conselho supremo dos judeus –, o povo buscou refúgio e segurança no movimento dos fariseus e escribas. Aos poucos, os judeus fariseus foram se fortalecendo, a sinagoga passou a ser forte instituição para garantir, proteger e controlar a vida do povo. Assim, os romanos perceberam que seria vantajoso se aliar aos judeus fariseus.

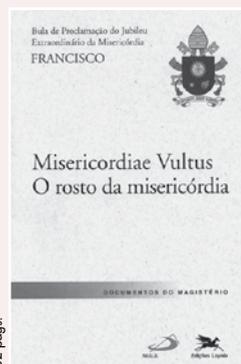
A aliança com os romanos favoreceu o desenvolvimento dos grupos de linha farisaica. Surgiram muitos grupos, entre os quais a Academia de Jâmnia, fundada pelo rabi Iohanán ben-Zakai. O chefe desse grupo foi reconhecido pelo império romano como representante do povo judeu. Como aliado dos romanos, eles tinham o direito de

Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia

“Misericordiae Vultus”

O rosto da misericórdia

Papa Francisco



A Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia é um documento composto por 25 itens que descreve as principais características da misericórdia e define o tema à luz de Cristo. Com esse texto, Francisco oficializa o próximo ano como o Ano Santo da Misericórdia.

“Precisamos contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado.”

Insignis meramente illustrativus.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL

paulus.com.br





interpretar e aplicar a Lei, utilizando-a também para cobrar tributos dos judeus. Isso interessava aos romanos.

A principal Lei era a do sábado. Uma lei que nasceu para manter viva a memória da libertação e defender a dignidade humana se tornou, porém, no decorrer do tempo, uma lei opressora. O cumprimento da Lei foi colocado acima da pessoa. Outra Lei igualmente importante era a da pureza. Essa lei dividia as pessoas e as coisas em puras e impuras.

A lei do puro e do impuro definia quem estava mais perto e quem estava mais longe de Deus. Uma pessoa doente ou com alguma deficiência física era considerada impura por causa de algum pecado, uma vez que a doença era vista como castigo de Deus. O simples contato com pessoas ou coisas impuras já causava impureza. Estar impuro significava não poder participar do culto e, conseqüentemente, do povo de Deus e da salvação.

Muitas pessoas viviam em condições quase permanentes de impureza. As autoridades judaicas, por meio da Lei, tinham a pretensão de controlar o corpo e a vida das pessoas. Essa situação de opressão tinha maior peso para a mulher, que ficava impura por causa da menstruação (Lv 15,19), das relações sexuais (Lv 15,18) e do parto (Lv 12,2-5). Para se purificar, as pessoas deviam levar ofertas e pagar o tributo religioso em dia. Isso custava muito caro, dificultando aos pobres o cumprimento da Lei.

Os judeus fariseus viam o cumprimento da Lei como uma exigência do próprio Deus. Essa crença, unida à crença na ressurreição dos mortos e na teologia da retribuição, com prêmios e castigos para esta vida e a outra, era usada para manter o povo na obediência rigorosa às normas impostas pelos dirigentes fariseus. A teologia da retri-

buição estava ligada à ideia de troca: se a pessoa cumprisse a Lei, seria abençoada com terra, descendência e vida longa. Se não cumprisse, receberia o castigo: pobreza, esterilidade e vida breve (Dt 30,15-20).

O ensino da Lei era feito por meio da sinagoga. Por volta do ano 85, as sinagogas estavam espalhadas na Ásia Menor. Nessa região, a comunidade judaica vivia certa autonomia, como uma cidade dentro da cidade. A aliança com os romanos possibilitou que a religião judaica, organizada pelos judeus fariseus, fosse considerada *religião lícita* – religião permitida pela lei do império romano. Os judeus ligados à sinagoga conquistaram o direito de se reunir, manter uma caixa comum e ter propriedades. Eram dispensados de prestar culto às divindades do império romano,

tinham o direito de observar o sábado, de praticar seu culto e sua Lei, e participavam, quando necessário, do exército só de judeus. Cada comunidade local tinha suas leis administrativas, estabelecia locais para estudo, culto e sepultamentos; oferecia ajuda aos indigentes e mantinha tribunais para julgar disputas entre judeus.

Os judeus fariseus, na tentativa de preservar a sua identidade como grupo e manter seus interesses, começaram a exigir uma observância rigorosa da Lei. Havia 613 regras para ser cumpridas. A opressão era muito grande. No interior da sinagoga surgiram alguns grupos, entre os quais o grupo dos cristãos, que começaram a relativizar a importância da Lei, pondo em primeiro lugar a vida humana. Isso provocou vários conflitos. Aqueles que não cumpriam a Lei foram perseguidos, torturados e expulsos da sinagoga e conseqüentemente ficaram sujeitos à perseguição do império romano (cf. Jo 16,1-2). No final do período do imperador Domiciano (81-96 d.C.), a perseguição con-

**"A lei do puro
e do impuro definia
quem estava mais
perto e quem estava
mais longe
de Deus."**



tra os cristãos foi intensificada e generalizada, atingindo especialmente os grupos cristãos da Ásia Menor.

Entre esses grupos, havia a comunidade joanina. Essa comunidade surgiu entre os judeus que acreditaram ser Jesus o Messias esperado por eles. A guerra dos judeus contra os romanos (66 d.C.) provocou a dispersão das comunidades cristãs. Essa comunidade foi para o norte da Palestina e de lá emigrou para a Síria e Éfeso.

A comunidade joanina era composta de pessoas pobres e marginalizadas que começaram a viver de um jeito diferente: irmãos e irmãs unidos não pela Lei, mas pelo amor. É muito provável que essas pessoas vivessem sob a opressão da Lei. Elas conseguiram ver na proposta cristã um caminho alternativo. Vivenciaram o amor mútuo e a certeza de que a presença do Verbo encarnado em cada mulher e homem era a base que sustentava e animava sua vida. Era comunidade mista, com pessoas provenientes de vários grupos e religiões.

2. A comunidade de João e suas características

A diversidade de grupos existentes na comunidade joanina exigiu-lhe maior abertura e constante aprendizagem para a convivência com pessoas de mentalidades diferentes. Essa experiência só foi possível por meio da vivência do amor (Jo 15,12-15). O grupo de Betânia, nome cujo sentido em hebraico é casa do pobre, representado por Lázaro, Maria e Marta (Jo 11,1-44), retrata bem essa comunidade. Um grupo que acredita na presença de Jesus como portador de vida nova e vive a experiência do amor; uma comunidade de amigos, de pessoas que se amam e cuidam umas das outras.

A presença forte de samaritanos e estrangeiros e a liderança das mulheres provocaram a perseguição dos judeus fariseus. A situação

Todos vós sois irmãos

Jesus, nosso irmão, e os Religiosos Irmãos na Vida Religiosa Consagrada

Fabiano Aguilár Satler



FABIANO AGUILAR SATLER

TODOS VÓS SOIS IRMÃOS

Jesus, nosso irmão, e os Religiosos Irmãos na Vida Religiosa Consagrada

172 págs.

O interesse desse livro é refletir sobre a fraternidade evangélica a partir da perspectiva do irmão leigo. Essa forma particular de vocação dentro da Vida Religiosa Consagrada carrega uma dupla identidade: fraterna e laical. O Vaticano II significou, para os irmãos leigos, a possibilidade de reconquistar sua cidadania batismal no conjunto do Povo de Deus, além da construção de uma identidade nova alicerçada em raízes antigas. É necessário resgatar o elemento fundamental para a identidade do irmão leigo: o próprio Jesus, feito nosso irmão pela sua encarnação, vida, paixão, morte e ressurreição. Trata-se de refletir sobre uma cristologia na perspectiva de Jesus irmão.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



PAULUS



dos samaritanos, um povo marginalizado e desprezado que acolhe Jesus, era semelhante à situação dessa comunidade. Por professarem a fé em Jesus Cristo e assumirem a mesma prática sua, essas pessoas sofreram várias ameaças, chegando alguns membros a ser mortos (cf. Jo 11,16; 16,2). Neste contexto de sofrimento interno e externo e na tentativa de manter vivo o projeto de Jesus de Nazaré, nasce o Evangelho de João.

3. Conhecendo o Evangelho de João

O Evangelho da comunidade de João nasceu do anúncio vivo, da memória de homens e mulheres que guardavam e praticavam os ensinamentos transmitidos por Jesus. É a comunidade viva, com suas lutas e dificuldades em meio aos conflitos vividos com as autoridades judaicas, com o império romano e entre os seus próprios membros, com suas diferentes compreensões da mensagem de Jesus.

Diante das perseguições e das crises internas e externas, a comunidade sentiu a necessidade de reafirmar a própria fé e definir a sua identidade. Para isso, os autores selecionaram algumas expressões e acontecimentos marcantes da vida de Jesus com a finalidade de levar os seus primeiros leitores à fé em Jesus como o Messias, o Filho de Deus, presente na história: “E o Verbo se fez carne e armou sua tenda entre nós” (Jo 1,14).

A situação de perseguição levou a comunidade joanina a usar uma linguagem simbólica que, porém, lhe era familiar, com imagens tiradas do cotidiano, da tradição judaica e do momento presente. Por exemplo, a apresentação de Jesus é feita por meio da expressão *Eu sou*, termo muito conhecido do povo judeu, o próprio nome de Javé (Ex 3,14). A comunidade acrescenta: eu sou

o pão da vida (Jo 6,35.48.51), a luz do mundo (Jo 8,12; 9,5), a porta das ovelhas (Jo 10,7.9), o bom pastor (Jo 10,11.14), a ressurreição e a vida (Jo 11,25) e a verdadeira videira (Jo 15,5). Imagens simbólicas, ligadas ao cotidiano das pessoas, que revelam o cuidado de Jesus com a vida de seus discípulos e discípulas.

Ao longo do Evangelho de João, há grande variedade de imagens simbólicas. Podemos classificá-las em quatro tipos:

“A presença forte de samaritanos e estrangeiros e a liderança das mulheres provocaram a perseguição dos judeus fariseus.”

- *Símbolos ligados a números:* seis talhas de pedras vazias (Jo 2,6), uma referência às seis festas judaicas mencionadas no evangelho (Jo 2,13; 5,1; 6,4; 7,2; 10,22; 11,55). Os cinco maridos da mulher samaritana lembram os cinco povos que foram deportados de outras regiões para a Samaria (2Rs 17,24).

- *Objetos:* as talhas para a água, o poço de Jacó e o cântaro (Jo 2,6; 4,12.28): podem ser uma referência à Lei.

- *Natureza:* a videira e os ramos (Jo 15,1-2), um símbolo da comunidade.

- *Personagens:* Discípulo Amado, mulher samaritana, Lázaro, Maria de Betânia, Marta e Maria Madalena – representantes das comunidades joaninas.

O uso de símbolos é característica marcante do Evangelho de João. Outra característica importante é o jeito de os autores organizarem a estrutura desse livro. Vamos ver como ele foi planejado.

4. Plano do Evangelho

O Evangelho de João pode ser estruturado de várias formas. Nós escolhemos a estrutura que divide o texto em duas grandes partes: a primeira apresenta os sete sinais realizados por Jesus, e a segunda, o grande sinal: a entrega de Jesus por amor.



A primeira parte (Jo 2,1-11,54) e a segunda (Jo 13,1-20,29) podem ser divididas pelo tema da hora: a hora não chegou (Jo 2,4), e a minha hora já chegou (Jo 13,1). Entre essas duas partes há um texto que marca a passagem de uma para a outra (Jo 11,55-12,50), no qual vemos que a hora de Jesus se aproxima.

É possível dividir o Evangelho de João da seguinte forma:

- **Prólogo** – 1,1-18: abertura e síntese do livro. No prólogo encontramos um resumo de todos os temas que serão desenvolvidos ao longo do evangelho.
- **Seção introdutória** – 1,19-51: pequena introdução na qual aparece João Batista, o seu testemunho a respeito de Jesus e os primeiros discípulos de Jesus.
- **Primeira parte** – 2,1-11,54: a hora de Jesus ainda não chegou (2,4). O Livro dos Sinais apresenta sete sinais, número que significa perfeição. Os sinais indicam a realização do tempo messiânico.
 - 1º sinal (2,1-12): bodas em Caná.
 - 2º sinal (4,46-54): a cura do filho de um funcionário real.
 - 3º sinal (5,1-9): a cura de um paralisado.
 - 4º sinal (6,1-15): a multiplicação dos pães.
 - 5º sinal (6,16-21): Jesus caminha sobre as águas.
 - 6º sinal (9,1-41): a cura de um cego de nascença.
 - 7º sinal (11,1-44): a ressurreição de Lázaro.
- **Passagem** – 11,55-12,50: a hora de Jesus está se aproximando.
- **Segunda parte** – 13,1-20,29: chegou a hora de Jesus (“Jesus sabia que tinha chegado a sua hora, a hora de passar deste mundo para o Pai”, 13,1). Essa parte é conhecida como o Livro da Glorificação. É uma catequese para a comunidade e pode ser subdividida em três unidades:
 - Os capítulos 13 a 17 são chamados o livro da comunidade. Antes de entregar sua vida,

Jesus reúne os seus para um jantar de despedida no qual realiza um gesto simbólico e profético: o lava-pés (13,1-20). Nessa ocasião, Jesus faz um discurso de despedida e deixa como herança à comunidade o novo mandamento do amor mútuo (13,34-35; 15,12-17), promete que enviará o Espírito da Verdade (14,26; 16,12-15), faz uma avaliação de sua vida e missão e reza ao Pai pela unidade (17).

- Relato da paixão (18-19), parte que culmina com uma última palavra de Jesus: “Tudo está consumado” (19,30).

- Cenas da ressurreição (20): privilegia a narração do encontro de Jesus com Maria Madalena (20,11-18).

- **Epílogo** – 20,30-31: a primeira conclusão.
- **Apêndice** – 21,1-23: nova manifestação de Jesus aos discípulos.
- **2ª conclusão** – 21,24-25.

5. Algumas mensagens do Evangelho de João

O Evangelho de João continua nos desafiando para a vivência do amor até as últimas consequências: “Ele, que tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1). O único mandamento que encontramos nesse evangelho é o mandamento do amor: “Eu dou a vocês um mandamento novo: amem-se uns aos outros. Assim como eu amei vocês, que vocês se amem uns aos outros!” (Jo 13,34; 15,17).

A medida do nosso amor é o amor de Cristo: amar até dar a vida! É um projeto de vida muito exigente! Significa trilhar o mesmo caminho de Jesus, assumindo a condição de servo. Jesus declara ser Mestre e Senhor pelo serviço e desafia seus seguidores a fazer o mesmo (Jo 13,13-14). Será que estamos dispostos a seguir esse caminho de amoroso cuidado uns com os outros em nossas comunidades, igrejas, grupos e diversas associações?



Para assumir as atitudes de Jesus, é preciso permanecer, conviver com ele, reavivar nossa experiência de fé. Como discípulas e discípulos, queremos conviver com o Mestre, refazer a nossa experiência de discipulado e dar continuidade ao nosso seguimento de Jesus nos tempos de hoje. O amor é o caminho. É ele que cria, recria, transforma e ressuscita. O caminho é aberto a todas as pessoas que querem viver o amor-serviço.

Vejamos algumas mensagens importantes:

1. Solidariedade e sensibilidade.

As bodas de Caná (Jo 2,1-11). Jesus e seus discípulos são convidados a uma festa de casamento. A mãe já estava lá, o que pode indicar que não era convidada, e sim fazia parte da organização. Ela representa a Israel que percebe a falta do vinho, ao passo que o chefe da cerimônia representa os judeus preocupados com a falta de água para a purificação. A falta do vinho – alegria, bênção de Deus – simboliza o sofrimento do povo por causa de uma religião ritualista, a ausência de relações de amor e cuidado.

De acordo com a religião oficial, defendida pelas autoridades da sinagoga, a salvação de Deus vinha somente pela observância rigorosa da Lei e não pela prática da solidariedade e do serviço ao próximo. A religião ritualista aprisionava o povo. Jesus Cristo, salvador, transforma a água das talhas, usada nos rituais de purificação, em vinho bom, símbolo da vida plena. É importante observar que o milagre da vida acontece com a participação das pessoas sensíveis e solidárias como a mãe de Jesus e os serventes.

2. Superação de preconceitos. O encontro entre Jesus e a mulher samaritana (Jo 4,4-42). Ao reler essa narrativa, somos convocados

para reavivar a nossa experiência de encontro com Jesus e anunciá-lo. O encontro começa com a sede de Jesus: ele pede água à mulher samaritana. Como havia desentendimentos entre judeus e samaritanos, a mulher imediatamente refuta o pedido. Após a mulher apresentar algumas objeções, Jesus explica que pode dar uma água que tem o poder de acabar definitivamente com a sede.

A mulher, representando o povo samaritano, também à espera do Messias, abre-se para o encontro com Jesus: “Eu sou esse Messias, eu que estou falando com você” (Jo 4,26). Ela deixa o cântaro e vai para a cidade com a certeza de que Jesus é o Messias. Havia muitos samaritanos nas comunidades cristãs, como também muitos estrangeiros; uma realidade conflituosa e difícil de aceitar, sobretudo para os judeus cristãos, enraizados na tradição judaica. Fazer memória da prática

de Jesus é uma forma de voltar às raízes da proposta cristã e abrir-se para os outros povos, romper com os preconceitos e discriminações de etnia, origem, religião, gênero e idade.

3. Ser pastores e pastoras uns para os outros.

O bom pastor (Jo 10,1-18). Essa narrativa apresenta a liderança de Jesus e nos convoca para rever nosso modelo de liderança. No Antigo Oriente, pastor era um título dado aos reis e aos governadores, que tinham o dever de defender e conduzir o povo. No tempo do Evangelho de João, Jesus é apresentado como o bom pastor que veio para dar a vida por suas ovelhas em oposição ao mercenário, que rouba, destrói e mata. Por trás desse texto está o conflito entre a comunidade cristã e as autoridades judaicas, de tendência farisaica, que buscam seus próprios interesses.

O bom pastor dá a vida por suas ovelhas e busca a vida plena para as pessoas. A comu-

“O Evangelho de João continua nos desafiando para a vivência do amor até as últimas consequências.”



nidade joanina reforça qual é a missão de Jesus e das pessoas que seguem a sua prática: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Vida em abundância significa condições dignas de vida. Ouvir a voz do pastor é assumir o mesmo projeto. É comprometer-se com o projeto da justiça até o fim. É um convite para revermos se a nossa liderança conduz para a liberdade ou para a dependência e a passividade.

4. Amar e servir. “Vocês também devem lavar os pés uns dos outros” (Jo 13,1-20). O episódio do lava-pés apresenta Jesus ajoelhado, lavando os pés de seus discípulos. É um exemplo do que as comunidades cantavam desde a década de 50 d.C.: “Ele esvaziou-se a si mesmo e tomou a forma de servo” (Fl 2,7). No Antigo Oriente, lavar os pés constituía gesto de acolhida e hospitalidade que, em sua origem, era feito pelo dono da casa. No decorrer do tempo, tornou-se um serviço desprezado, feito por escravos. Em casa que não havia escravos, era realizado pelas filhas ou pela esposa do dono da casa.

Em uma sociedade escravista e hierárquica, um mundo organizado para que o escravo servisse o senhor, Jesus, Mestre e Senhor, assume o serviço de lavar os pés, eliminando a desigualdade e as diferenças sociais e, ao mesmo tempo, propondo uma sociedade igualitária e fraterna. Que esse gesto profético possa inspirar nossa vida e missão e reforçar nossa consciência de que seguir Jesus implica assumir a prática do amor-serviço e concretizar relações de cuidado recíproco nos meios em que vivemos. A comunidade deixa claro: Jesus é Mestre e Senhor pela capacidade de amar e servir. Essa é a nossa missão!

5. Reavivar a fé em Jesus ressuscitado. “Eu vi o Senhor” (Jo 20,11-18). Maria Madalena representa a comunidade junto ao sepulcro. Ela experimentou dor, angústia e sofrimento (Jo 20,11-15). Sua busca foi escrita ten-

CENTRO BÍBLICO VERBO

Um centro de estudos que há mais de vinte anos está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades.

Cursos intensivos

- Especialização em Bíblia – Primeiro e Segundo Testamento
- Mestrado
- Estudos de temas específicos
- Línguas do mundo bíblico (hebraico e grego)

Retiro bíblico

- Cursos extensivos
- Introdução ao Primeiro e Segundo Testamento (um sábado por mês)
- Hebraico e grego (semanal)
- Especialização e aperfeiçoamento (semanal)

Cursos nas paróquias e outras entidades

Além dos cursos realizados na sede do Centro Bíblico Verbo, a equipe presta assessoria a dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países.

Maiores informações:

Tel.: (11) 5181.7450

E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br

Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br

facebook.com/cbiblicoverbo



do por inspiração a atitude da amada de Cântico dos Cânticos, que enfrenta várias dificuldades para encontrar o amado e não desiste enquanto não atinge seus objetivos (Ct 3,1-4). Mesmo sofrendo, a mulher permanece próxima ao túmulo e faz a experiência de encontro com o Ressuscitado ao ser chamada pelo nome.

A certeza que impulsionou a comunidade joanina e que continua nos impulsionando e nos enviando em missão é a de que Jesus está vivo e presente em nosso meio. Maria Madalena é a primeira testemunha da ressurreição. Esse encontro aconteceu porque ela venceu o medo. Em meio à situação de morte, a mulher resistiu, permaneceu até encontrar o Senhor. Na comunidade de João há muitas mulheres discípulas fiéis a Jesus que animam os outros a fazer o mesmo. Que o testemunho dessa comunidade cristã continue nos iluminando e nos enviando em missão.

Uma palavra final

A leitura do Evangelho de João é sempre nova e atual. É fonte que sempre borbulha

novas águas para a nossa vida e missão. Ela reaviva, de diversas formas, a certeza de que Jesus é o enviado de Deus e que a intrínseca ligação entre Jesus e a comunidade tem sua fonte em Deus: “Da mesma forma que o Pai me amou, eu também amei a vocês: permaneçam no meu amor” (Jo 15,9).

Permanecer no amor de Jesus é ser fiel ao projeto do Pai. Esse é o testemunho da comunidade joanina. O mandamento do amor não pede que amemos a Deus, mas que amemos os irmãos: “Amem-se uns aos outros, assim como eu amei vocês” (Jo 15,12; cf. 13,34; 15,17). A melhor forma de amar a Deus é a vivência do amor até o fim, até a entrega da própria vida.

E mais, acreditamos que a única forma de Deus continuar se encarnando é pela vivência do amor: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará. Eu e meu Pai viremos e faremos nele nossa morada” (Jo 14,23). O Evangelho de João está em nossas mãos! É a nossa herança! Que a vivência da comunidade joanina nos ajude a encontrar caminhos para vivenciar o projeto de Jesus e continuar abrindo espaço para que o Verbo se faça carne entre nós! ●

“Em uma sociedade escravista e hierárquica, Jesus, Mestre e Senhor, assume o serviço de lavar os pés, eliminando a desigualdade e as diferenças sociais.”

A Igreja e seus ministros

Uma teologia do ministério ordenado

A Igreja é uma comunidade articulada em diferentes funções. Todas elas provêm do Espírito de Deus. Esta obra trata de estabelecer a maneira como a Escritura e a Tradição nos apresentam o ministério ordenado, para posteriormente analisar a celebração do sacramento da ordem e o valor nela expresso. (328 páginas)

VENDAS:
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

 pauluseditora.oficial
 editorapaulus
 paulus.com.br



imagens meramente ilustrativas.



Eu sou o Bom Pastor: uma leitura de Jo 10,1-21

Shigeyuki Nakanose, svd*

A intensificação da perseguição dos judeus fariseus e do império romano mergulhou a comunidade joanina em uma crise profunda. Surgiu então o Evangelho de João, para orientar e animar a caminhada da comunidade. De modo especial, João 10,1-21 aborda a figura da liderança: o bom pastor e o falso pastor. Para os cristãos, Jesus é seu pastor, aquele que realiza a esperança de um messias-pastor que protege e conduz seu povo sofrido.

*Religioso verbita, assessor do Centro Bíblico Verbo, leciona no Itesp (São Paulo) e na Faculdade Católica de São José dos Campos. Juntamente com a equipe do Centro Bíblico Verbo, tem publicado todos os anos pela Paulus um subsídio para reflexão e círculos bíblicos para o mês da Bíblia. Para o ano de 2015, o subsídio é *Permanecei no meu amor para dar muitos frutos – entendendo o Evangelho de João*.
E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br
Facebook.com/shigeyuki.nakanose

Em 2005, seu Antônio, do Parque Santo Antônio, em São Paulo, faleceu por causa de um tumor na cabeça. Não recebeu tratamento adequado por motivo bem conhecido: atendimento ruim no sistema público de saúde. Ele fez longa romaria: espera desesperada por atendimento; falta de leito e de material para o tratamento. Passou alguns dias no corredor do hospital e acabou falecendo na enfermaria. Este foi o último pedido do seu Antônio: “Reze para mim aquela oração do bom pastor: ‘O Senhor é o meu pastor, nada me faltará. Em verdejantes pastagens me faz descansar e sobre águas tranquilas me conduz’”. O bom pastor do Salmo 23 – figura forte na espiritualidade do povo sofrido!

O Novo Testamento também registra várias menções ao bom pastor. Um dos textos mais conhecidos está no Evangelho de João: “Eu sou o bom pastor: conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai, e exponho minha vida pelas ovelhas” (Jo 10,14-15).



Por volta do ano 95 d.C., os judeus fari-seus e o império romano intensificaram a perseguição, mergulhando a comunidade joanina em profunda crise. O grupo sofreu e foi perseguido até mesmo pelos próprios governantes. Surgiu, então, o Evangelho de João, para orientar e animar a caminhada da comunidade. De modo especial, João 10,1-21 aborda a figura da liderança: o bom pastor e o falso pastor.

1. A imagem do pastor no Antigo Testamento

A imagem do pastor, frequente na Bíblia, surgiu do trabalho cotidiano do povo do Antigo Oriente. A tarefa de pastorear era assumida pelos membros da família, sobretudo pelos homens, por causa dos riscos de enfrentar feras e outros perigos, como assaltos e roubos. Mulheres e crianças cuidavam do rebanho somente nas proximidades da casa (cf. Ex 2,16-17; 1Sm 16).

Os pastores deviam ser prudentes, pacientes e dedicados. No verão, era muito difícil encontrar novas pastagens e manter o equilíbrio entre o pastoreio, o abastecimento de água, o descanso e a viagem. O pastor devia cuidar incansavelmente dos animais indefesos. As feras e os bandos de salteadores atacavam os rebanhos com bastante frequência (cf. Gn 31,39; 1Sm 17,34-37).

No Antigo Oriente, o rei era comparado ao pastor. Esse título era comum entre os governantes na Assíria e na Babilônia. Usavam muito os verbos conduzir e pastorear para falar da ação de governar. Ser chamado de pastor era uma honra, especialmente pelas características de cuidado e proteção. Neste sentido, Ezequiel, profeta exilado para a Babilônia junto com o rei Joaquin, na primeira deportação (597-587 a.C.), critica

o rei Sedecias e os governantes de Jerusalém pelos abusos e descuidos com o rebanho:

Ai dos pastores de Israel que são pastores de si mesmos! Não é do rebanho que os pastores deveriam cuidar? Vocês bebem o leite, vestem a lã, sacrificam as ovelhas gordas, mas não cuidam do rebanho. Vocês não procuram fortalecer as ovelhas fracas, não curam as que estão doentes, não tratam as feridas daquelas que sofrem fratura, não trazem de volta aquelas que se desgarraram e não procuram aquelas que extraviaram. Pelo contrário, vocês dominam sobre elas com violência e opressão (Ez 34,2-4).

Para apascentar o rebanho, o grupo de Ezequiel apresenta Javé mesmo como o pastor do seu povo: “Assim diz o Senhor Javé: eu mesmo vou procurar minhas ovelhas para cuidar de-

elas. Como o pastor conta seu rebanho quando está no meio de suas ovelhas que se haviam dispersado, eu também contarei minhas ovelhas e as reunirei de todos os lugares por onde se haviam dispersado, nos dias nebulosos e escuros” (Ez 34,11-12).

No exílio, surge a promessa de que o próprio Javé-pastor dará ao seu povo o messias-pastor, como Davi, que liberta seu povo e o reúne num só rebanho: “Providenciarei um só pastor para cuidar de minhas ovelhas. Será o meu servo Davi. Ele cuidará delas e será seu pastor” (Ez 34,23). Segundo o grupo de Ezequiel, Javé, por meio do seu Messias como rei, governará seu povo. É o messias rei que as autoridades religiosas judaicas pregavam ao longo dos anos posteriores até o tempo do Novo Testamento. Na época de Jesus, por exemplo, o povo judeu sonhava com um messias pastor como o rei Davi, que poderia estabelecer o reinado definitivo de Israel, derrotando os roma-

“Em meio à realidade de sofrimento e de abandono, os pobres da terra também sonham com Deus como pastor.”

nos e expulsando os governantes corruptos e opressores.

No exílio, os camponeses, chamados “pobres da terra” (Am 8,4; Sf 2,3), também foram deportados para a Babilônia, na segunda deportação (587 a.C.). O grupo não teve a mesma sorte dos primeiros deportados junto com Ezequiel, foi tratado como escravo e despojo de guerra. A Babilônia “não teve compaixão dele e colocou um jugo pesado nos ombros dos anciãos” (Is 47,6). “Os pobres e os indigentes buscam água, mas não a encontram! Estão com a língua seca de sede” (Is 41,17). Os deportados estavam cansados e enfraquecidos, sem esperança no futuro (Is 40,29). Levavam uma vida de prisioneiros como semiescravos!

Em meio à realidade de sofrimento e de abandono, os pobres da terra também sonham com Javé como pastor: “Como um pastor, ele cuida do rebanho e com seu braço o reúne. Leva os cordeirinhos no colo e guia mansamente as ovelhas que amamentam” (Is 40,11). Todavia, enquanto o grupo de Ezequiel apresenta o messias como o rei Davi, os pobres da terra propõem o messias servo para proteger e conduzir seu povo sofrido:

Vejam meu servo, a quem eu sustento. Ele é o meu escolhido, nele tenho o meu agrado. Eu coloquei sobre ele meu espírito, para que promova o direito entre as nações. Eu, Javé, chamei você para a justiça, tomei-o pela mão e lhe dei forma. E o coloquei como aliança de um povo e luz para as nações, para você abrir os olhos dos cegos, para tirar os presos da cadeia, e do cárcere os que vivem no escuro (Is 42,1.6-7).

O grupo dos pobres da terra lança um olhar sobre a história e constata que, há muitos anos, o povo vem sendo oprimido pela tirania dos grandes impérios e explorado pelos próprios governantes da monarquia. Com base em sua memória das aldeias comunitá-

O ministério da coordenação da animação bíblico-catequética

Pe. Eduardo Calandro /
Pe. Jordélio Siles Ledo, CSS



Sabemos que evangelizar é, acima de tudo, conduzir a pessoa a um encontro com sua humanidade, para poder anunciar Jesus Cristo, centro da ação de uma catequese evangelizadora. Este livro é indicado para todos os catequistas, e não somente para quem coordena. Apresenta pistas de reflexão sobre a importância da coordenação na Animação Bíblico-Catequética. Coordenar é ato de amor e serviço que exige de quem exerce esse Ministério atitudes humano-cristãs que encontram suas fontes nas virtudes cardeais e teológicas, pois “quem ama coloca o outro em primeiro lugar. Vê o outro como prioridade”. Não teremos comunidades vivas se não tivermos uma boa organização do ministério da coordenação da Animação Bíblico-Catequética. Pois é pelo ministério da catequese que a Igreja se sustenta desde os primórdios, e com ele perseguiremos por todo o sempre a missão de Jesus, confiada a homens e mulheres de boa vontade que desejam levar adiante a sua mensagem de vida em plenitude.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





rias e também de sua experiência da sobrevivência comunitária dos exilados escravos, o grupo projeta nova liderança – a do “Servo”, com características diferentes dos tiranos e dos reis injustos: uma liderança baseada no amor, na ternura, na gratuidade, na não violência; na justiça, na solidariedade e, sobretudo, no maior cuidado com os sofredos, imagem que os cânticos do servo nos apresentam (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-11). O messias servo dá até sua própria vida por amor ao seu povo (Is 53,12).

Nos evangelhos sinóticos, as comunidades cristãs compreendem e apresentam o seguimento de Jesus no caminho do messias servo: “Se alguém quiser seguir após mim, negue-se a si mesmo, carregue sua cruz e me siga” (Mc 8,34). A fidelidade ao amor e à justiça do Deus da vida leva Jesus à perseguição, à cruz e até à morte. Sua prática como o messias servo é do carinho e do amor de um pastor: “Quando Jesus desceu da barca, viu uma grande multidão e se encheu de compaixão, porque eram como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34).

No Evangelho de João, Jesus é descrito mais diretamente como o bom pastor, com características do messias servo (Jo 10,1-18). Ele conhece suas ovelhas e elas o conhecem, e ninguém pode arrebatá-las de sua mão. Como os pobres da terra no exílio da Babilônia, a comunidade sofrida de João sonha e reza para que seja conduzida e protegida por Jesus, o bom pastor.

2. Eu sou o bom pastor

A narrativa do bom pastor tem como pano de fundo o conflito com os fariseus, as autoridades religiosas do tempo do Evangelho de João, como está descrito no capítulo anterior, no episódio do cego de nascença (Jo

9). O modo de agir dos fariseus está em conflito com as obras de Jesus. Eles, que se julgam líderes dos judeus e donos de Deus e da Escritura, perseguiram e expulsaram o cego – seguidores de Jesus – da sinagoga, centro comunitário dos judeus. No final desse episódio, os fariseus são condenados como falsos pastores: “cegos” e “pecadores” (Jo 9,41), eles veem um cego não como pessoa que necessita da solidariedade, mas como pecado. São chamados de “ladrão” e “assaltante” na narrativa do bom pastor.

Diferentemente da narrativa da cura do cego de nascença, com a longa discussão entre o cego e os fariseus, a primeira cena da narrativa do bom pastor é a parábola da porta do curral (Jo 10,1-6). É parábola que nasce no cotidiano da vida do campo: de manhã, o pastor chama cada ovelha pelo nome para levá-la à pastagem e, à tarde, ele reúne o rebanho num recinto para a noite. Nessa parábola, o autor descreve as características e os deveres do bom pastor e de seus seguidores:

a) “Ele chama cada uma de suas ovelhas pelo nome” (Jo 10,13). Chamar a pessoa pelo nome na Bíblia significa um relacionamento de amor e de comunhão: “Não tenha medo, porque eu o protegi e o chamei pelo nome. Você é meu” (Is 43,1; Jo 20,16). Conhecer as ovelhas e ser reconhecido por elas são virtudes fundamentais da liderança de ontem e de hoje. “O pastor tem de sentir o cheiro de suas ovelhas”, afirmou recentemente o papa Francisco.

b) “Ele as conduz para fora e caminha na frente delas” (Jo 10,3-4). O bom pastor conduz suas ovelhas às pastagens verdejantes e as protege contra predadores e ladrões. Entrega até a própria vida em

“A narrativa do bom pastor tem como pano de fundo o conflito com os fariseus, as autoridades religiosas do tempo do Evangelho de João.”



favor de suas ovelhas. Ontem e hoje, o bom pastor é a imagem do líder que conduz, apascenta e protege a vida do povo e, ao mesmo tempo, é uma advertência contra a liderança que assume esta posição por interesses de lucro, poder e vaidade e, na dificuldade, abandona suas ovelhas.

c) “Elas nunca vão seguir um estranho” (Jo 10,5). As ovelhas devem ouvir a voz do seu pastor, sem se deixar seduzir ou enganar pela voz dos estranhos. Para os cristãos, Jesus é seu pastor. Seguindo sua palavra e prática, eles podem encontrar a plenitude da vida.

Ao contrário do bom pastor, os falsos pastores são chamados de ladrões e assaltantes, termos associados a uma ação violenta, ou seja, arrebatar, flagelar, roubar, o que também acontecia nas sinagogas (Mt 10,17; Jo 16,2). Flávio Josefo, historiador judeu do século I d.C., e os rabinos usavam esses termos para falar dos métodos empregados pelos zelotas e outros grupos nacionalistas em suas práticas de guerrilha. Nos evangelhos, esses termos designam os assaltantes e bandidos que roubam, machucam e matam as pessoas (Mc 15,27; Mt 27,44; Lc 10,30; Jo 18,40).

Enfim, os termos “ladrão” e “assaltante” são usados para enfatizar o uso da força, da ação violenta de entrar no curral para roubar, destruir e matar as ovelhas. Na realidade, é uma prática corrente das lideranças político-religiosas contra o povo no tempo das comunidades joaninas. Eles não estão preocupados com a vida do povo, mas com a segurança de suas instituições e a manutenção do poder, para defender seus interesses e privilégios.

A descrição sobre o contraste entre a maneira de Jesus, bom pastor, agir e a das autoridades judaicas junto com o império romano é ampliada e detalhada na segunda cena, marcada pelos dois discursos: Jesus é a porta

das ovelhas (Jo 10,7-10); Jesus é o bom pastor (Jo 10,11-18).

No primeiro discurso, a afirmação mais importante é “eu sou a porta”. De que porta se trata? Da porta do redil... Aprofundando o contexto bíblico, a porta de uma cidade ou de uma aldeia era importante espaço da vida cotidiana, era o local de comércio e também do tribunal. Acontecia ali muita injustiça: “Eles odeiam aqueles que se defendem na porta e têm horror de quem fala a verdade. Porque esmagam o fraco, cobrando dele o imposto do trigo. [...] Pois eu sei como são numerosos seus crimes e graves seus pecados: exploram o justo, aceitam subornos e enganam os necessitados junto à porta” (Am 5,10-12).

“Todos os que vieram antes de mim são ladrões e assaltantes” (Jo 10,8). Os fariseus, os adversários por excelência das comunidades joaninas, perseguiram e expulsaram os cristãos da sinagoga, deixando-os na pobreza, na miséria e no risco de morte. Os conflitos com os fariseus eram, portanto, não só na teologia, mas também no cotidiano da vida: comércio, trabalho, justiça etc. Jesus é porta. Os autênticos pastores são aqueles que entram pela porta de Jesus – porta da gratuidade, da partilha e da justiça que faz brotar a vida: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

No segundo discurso, o tema principal é aprofundar a qualidade fundamental do bom pastor: “Eu sou o bom pastor” (Jo 10,11a). Só nesse momento Jesus se apresenta de maneira explícita como o “bom pastor”. Essa afirmação de Jesus, “eu sou”, evoca a apresentação de Deus a Moisés na sarça ardente como “Eu sou” (Ex 3,14). É o nome próprio de Javé! Portanto, a obra de Jesus “Eu sou” é divina e autêntica com as imagens conhecidas: porta, pão da vida, pão descido do céu, caminho, verdade e vida.

Jesus, o “Eu sou” que conduz as ovelhas até os pastos, demonstra ser o autêntico guar-



dião do rebanho, como o bom pastor na hora do perigo, aquele que não foge e arrisca a própria vida para defender suas ovelhas. A figura de oposição é o assalariado, com a finalidade de excluir aqueles que almejam o título de pastor. Da mesma forma que os ladrões, os salteadores e os estranhos ficaram desqualificados como pastores, assim se dá com o mercenário.

Em Jo 10,12-13 a imagem do mercenário aparece de maneira negativa. Na vida rural da Palestina, os pastores contratados eram comuns e deles se exigia que fizessem todo o possível para afastar os animais selvagens. Conforme a Mishná (as opiniões rabínicas) em caso de descuido, os mercenários eram obrigados a reparar os danos materiais. O relacionamento entre os mercenários e as ovelhas era mediado somente pelo aspecto econômico, por isso eles não criavam vínculos amorosos com elas. Nesse contexto, a imagem do bom pastor torna-se ainda mais apaixonante: é aquele que está profundamente unido, por laços de amor e amizade, às suas ovelhas. Podemos nos perguntar: como ficam os dirigentes políticos e religiosos que, em nome da Lei, expulsam o povo da sinagoga (Jo 9,22.34; 12,42) e se preocupam unicamente em manter seus próprios interesses (Jo 11,48)?

A imagem do lobo assaltando os rebanhos é aplicada aos falsos profetas e doutores (Mt 7,15; At 20,29). Jesus envia seus discípulos no meio de lobos (Mt 10,16; Lc 10,3), ou seja, em situações difíceis, de perseguição e risco de vida. Em Jo 10,12 aparece duas vezes a palavra lobo para se referir às ameaças a que a comunidade, as pessoas, simbolizadas pelas ovelhas, estavam expostas. Ao mesmo tempo, o texto indica que a fonte de vida e proteção está em Jesus, o verdadeiro pastor.

O bom pastor estabelece relação de conhecimento e amor recíprocos com suas ovelhas: “Eu sou o bom pastor: conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai. Eu dou a vida pelas ovelhas” (Jo 10,14-15). Jesus estabelece com as pessoas relações de amizade e confiança. Conhecer significa ter relações de intimidade e de comunhão. É o amor que cria a união: “Ele, que tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1; 16,27; 17,26).

“O relacionamento entre os mercenários e as ovelhas era mediado somente pelo aspecto econômico, por isso eles não criavam vínculos amorosos com elas.”

A relação de amor entre Deus Pai e seu Filho é o modelo e o fundamento da comunhão entre Jesus e os seus. João 10,27-30 mostra que Jesus conhece as ovelhas que o seguem. Mas o vínculo permanente que une as suas ovelhas está fundamentado no Pai, que cuida para que ninguém as roube. Com base na unidade com o Pai, Jesus pode cumprir sua missão. Não é um conhecimento teórico-racional, mas compreensão que conduz a nova

volta ao Deus que elege e salva (Os 11,1-4). Jesus dá a vida pelos seus, porque os conhece e os ama.

A missão do pastor é conduzir também as outras ovelhas que não são deste curral (Jo 10,16). Aqui, o olhar da comunidade vai além do pequeno grupo que se encontra no ambiente judaico, mas tem um horizonte amplo que inclui os samaritanos, os gregos, os romanos, enfim, todas as pessoas que aceitaram o projeto de vida de Jesus em todos os lugares e em todos os tempos.

A condição de pastor, própria de Jesus, atinge o seu ponto culminante: “O Pai me ama: porque eu dou a minha vida para retomá-la de novo” (Jo 10,17). Jesus assume o projeto do Pai (Jo 6,39). A memória dos gestos de amor faz a comunidade identificar Jesus com Deus Pai. Dar a vida é gesto máximo

de liberdade e amor até o fim. A liberdade de Jesus e o seu compromisso com a defesa da vida ameaçada provocam o ódio dos dirigentes judaicos (Jo 7,1.19; 8,37.40).

Jesus é livre diante da entrega de sua vida (Jo 3,35; 13,3). Existe forte relação de intimidade entre Jesus e o Pai, marcada pelo amor e pelo respeito. O Pai nada força. É da relação entre Jesus e o Pai que brota nova relação entre Jesus e aquelas e aqueles que o Pai lhe confiou. Notemos bem: Jesus é o bom pastor, mas não é o dono do rebanho (Jo 10,29; 17,12). Ele é a porta, o caminho... (Jo 10,9; 14,6). Jesus não é o ponto de chegada, mas a passagem. O seu pastoreio se realiza na liberdade. O seu sonho é que os seus tenham vida plena: saúde, educação, família, comida, casa, lazer, convivência humana na igualdade e na fraternidade; enfim, que cada pessoa viva de maneira digna.

Jesus propõe um único mandamento: amar até o extremo (Jo 10,18; 13,1). Esse mandamento é vivenciado por Jesus, que o transmite às comunidades joaninas: “amem-se uns aos outros” (Jo 13,34; 15,12.17). É o amor que cria e renova a comunidade: “Se vocês tiverem amor uns aos outros, todos vão reconhecer que vocês são meus discípulos” (Jo 13,35). O amor fortalece a comunidade e a impulsiona a trabalhar em busca de mais vida para todas as pessoas.

“Ninguém tira a minha vida; eu a dou livremente. Tenho poder de dar a vida e tenho poder de recebê-la” (Jo 10,18). Dessa forma, a comunidade apresenta Jesus rompendo com o poder e a hierarquia. A entrega de sua vida gera nova vida. O poderio de Jesus se desdobra em gestos de amor e serviço. Lembremo-nos da famosa cena do lava-pés: Jesus tira o manto e coloca a toalha. O manto é símbolo do poder. A toalha significa serviço. Ao voltar para a mesa, ele retoma o manto, mas não tira a toalha. É apenas um detalhe, mas pleno de significado: o poder só tem sentido se está a serviço do bem comum.

Alívio para o sofrimento e a depressão O papel da compreensão e da fé

James F. Drane



A dor e o sofrimento, a preocupação, a ansiedade e a depressão são parte da vida humana na terra. Alguns são mais afetados que outros por esses problemas, mas todos nós temos de lidar com eles, de um jeito ou de outro, em algum momento da vida. Há intervenções médicas e psiquiátricas que oferecem algum alívio por algum tempo, mas não fornecem de fato uma resposta. Aí está o papel da compreensão e da fé. Sem uma filosofia coerente de vida e uma fé profunda em Deus, o indivíduo fica sem esperança e muitas vezes cai no desespero. Doutor Drane, valendo-se de seu vasto conhecimento da natureza humana e de sua extraordinária competência nas áreas da psicologia, filosofia e religião, demonstra que a compreensão e a fé podem ter um papel potente no alívio de todas as espécies de sofrimento e depressão em todas as idades do indivíduo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Na última cena da narrativa (Jo 10,19-21), a comunidade joanina apresenta a reação dos ouvintes diante dos discursos, ou seja, a reação dos fariseus e seus seguidores: “Muitos diziam: ‘Ele tem um demônio! Está louco! Por que vocês o escutam?’” A reação de rejeição! Demonizar é a melhor maneira de contestar e rejeitar seu inimigo. Os chefes das sinagogas rejeitam Jesus e oprimem o povo, cuidando apenas do seu interesse e do poder que sua função proporciona.

Mas outros diziam: “Essas palavras não são de um possesso; será que um demônio poderia abrir os olhos de cegos?” (Jo 10,20-21). Ou seja, como diz o cego de nascença: “Sabemos que Deus não ouve os pecadores, mas aquele que o respeita e faz a sua vontade, a este Deus ouve. Nunca se ouviu falar de ninguém que tenha aberto os olhos de alguém que nasceu cego. Se esse homem não tivesse vindo de Deus, não poderia fazer nada” (Jo 9,31-33). A obra de Deus, que cria e alimenta a vida, desafia os seus opositores.

Hoje, Jesus bom pastor e “Eu sou” continua agindo no meio de nós, sobretudo no meio das pessoas injustiçadas e empobrecidas. O projeto do bom pastor é muito claro, objetivo e exigente: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Seguir o bom pastor é dar continuidade a esse projeto; é tornar vivo o sonho de Deus para todos. Assim, cabe-nos aceitar o desafio de ser conduzidos por Jesus: O Senhor é o meu pastor, nada me faltará...

3. A origem de Jesus e a sua humanidade segundo o Evangelho de João

Ao ler o Evangelho de João, percebe-se que a comunidade, na discussão e no conflito

com os judeus fariseus e o império romano, salienta a soberania e a divindade de Jesus. Nesse evangelho, Jesus aparece aclamado com a afirmação da divindade e da realeza. Já no prólogo lemos: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1,1). Diante de Pilatos, Jesus fala com autoridade e afirma sua realeza (Jo 18,28-40).

Não é difícil, porém, também constatar a afirmação da humanidade de Jesus no Evangelho de João. No mesmo prólogo, lemos: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). O Verbo encarnado no meio de nós. Ele é carne! É o bom pastor que conduz, apascenta e dá até sua vida pela vida do povo. Eis aqui alguns textos exclusivos de João que descrevem a origem e a humanidade de Jesus:

“Os falsos pastores não estão preocupados com a vida do povo, mas com a segurança de suas instituições e a manutenção do poder, para defender seus interesses e privilégios.”

1) “Tendo ouvido essas palavras, alguns da multidão diziam: ‘Ele é mesmo o Profeta!’ Outros diziam: ‘Ele é o Cristo’. Mas outros diziam: ‘Por acaso o Cristo vem da

Galileia? A Escritura não disse que o Cristo vem da descendência de Davi e de Belém, a aldeia de onde era Davi?’” (Jo 7,40-42). Jesus viveu na aldeia de Nazaré e passou a maior parte de sua vida na Galileia. Era uma região de terra fértil para a agricultura e de rica pesca. Mas o povo das aldeias e dos vilarejos da Galileia sofria com a exploração, opressão e violência do poder civil e religioso: os impostos e a presença do exército romano; a extorsão e ladroagem dos líderes religiosos de Jerusalém. Fome, miséria e doenças eram realidades constantes. Então Jesus de Nazaré experimentou na própria pele a dureza e o sofrimento: “Quando Jesus desceu da barca, viu uma grande multidão e se encheu de compaixão, porque eram como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34).

2) “Algumas pessoas de Jerusalém diziam: ‘Não é a esse que estão procurando para matar? Ele está aí falando abertamente, e ninguém lhe diz nada! Será que as autoridades se convenceram de que ele é o Cristo? Mas este, nós sabemos de onde vem; quando o Cristo vier, ninguém saberá de onde ele vem’” (Jo 7,25-27). Na tradição apocalíptica do tempo do Novo Testamento (cf. Ap 14,14), o Messias viria de um lugar misterioso e ninguém saberia a sua origem. Porém, Jesus, o filho de José, de Nazaré (Jo 1,45; 6,42), viveu no meio do povo, pregando, atuando e andando de uma aldeia a outra na Galileia, convivendo com os pobres, empobrecidos e excluídos: “Enquanto eles continuavam pelo caminho, alguém disse a Jesus: ‘Eu te seguirei aonde quer que fores’. Jesus lhe respondeu: ‘As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça’” (Lc 9,57-58).

3) “Quando a festa já estava pela metade, Jesus subiu ao Templo e começou a ensinar. Os judeus ficaram admirados e diziam: ‘Como é que esse homem tem tanta instrução, se nunca estudou?’” (Jo 7,14-15). Jesus não frequentou a escola dos rabinos! Mas, em Nazaré, na pequena vila dos judeus, Jesus foi criado, aprendeu e guardou as tradições de Moisés e dos profetas, vivenciadas e transmitidas pelos pobres camponeses que lutavam pela sobrevivência. Os atos, ensinamentos, ditos e parábolas de Jesus estavam enraizados em sua experiência da vida camponesa da sua terra; sobretudo, nas instruções sapienciais decorrentes das preocupações e angústias cotidianas dos pobres da Galileia: “Nessa mesma hora, Jesus exultou de alegria no Espírito Santo e disse: ‘Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas

O Vaticano II

Contado aos que não o vivenciaram

Daniel Moulinet



Para bom número de cristãos, o Concílio Vaticano II (1962-1965) representou um fulgor extraordinário, um convite à intrepidez e à esperança, pondo em evidência a importância da Escritura, de sua leitura e meditação, a colaboração entre presbíteros e leigos, a restauração do diaconato permanente, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso e a abertura ao mundo.

Mas, afinal, o que aconteceu naqueles anos de 1960? Meio século depois, o que permanece? De leitura fácil e agradável, indo ao essencial, a obra de Daniel Moulinet apresenta às novas gerações as principais etapas e os textos essenciais do concílio, lembrando como esse acontecimento singular na história do cristianismo continua a ser fonte de energias benfazejas para a Igreja e o anúncio do Evangelho no mundo atual.

Ingresso meramente ilustrativo.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos” (Lc 10,21).

4) “Quando chegou ao lugar onde estava Jesus e o viu, Maria caiu a seus pés e disse: ‘Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido’. Ao ver que Maria e os judeus que iam com ela estavam chorando, Jesus se comoveu interiormente e se perturbou. E disse: ‘Onde vocês colocaram Lázaro?’ Disseram-lhe: ‘Senhor, vem e vê’. E Jesus chorou” (Jo 11,32-35).

O episódio da ressurreição de Lázaro (Jo 11,1-44), o último dos setes sinais, descreve o poder de Jesus sobre a morte, preparando os leitores para o Grande Sinal: sua morte e a ressurreição. Apesar de ser marcado pela ação libertadora e pela soberania de Jesus, o episódio traz à tona a memória da vida de Jesus com seus seguidores e seguidoras, representados por Lázaro, Marta e Maria.

Diante da fragilidade da existência humana – a morte –, Jesus chora sozinho ao ver o túmulo. O sentimento de perda! A vida ensina e faz o ser humano crescer... Assim foi a vida do homem Jesus de Nazaré.

Em comparação com os evangelhos sinóticos, o Evangelho de João destaca a soberania e a divindade de Jesus. Mas, ao mesmo tempo, procura descrever a humanidade de Jesus: ele é o Verbo encarnado, o filho de José, de Nazaré, que age na história e na vida cotidiana do povo da Galileia.

A descrição da humanidade de Jesus tem sua importância na comunidade joanina, porque ela sofre com o movimento da “gno-

se”. É um movimento, com influência grega, que separa o humano do divino, a terra do céu. Os cristãos gnósticos procuram obter a salvação somente pelo conhecimento da divindade de Cristo Jesus – o Verbo encarnado – e chegam a ponto de negar sua humanidade. Pregam um Jesus divino e soberano, desprezando a palavra e a prática de Jesus nazareno em sua existência humana: ele é carne.

Por isso, o Evangelho de João emprega o termo “conhecer” no sentido existencial (Jo 14,4-17; 17,20-26; cf. 2Jo 1-2).

“Hoje como ontem, podemos constatar a existência de muitos movimentos cristãos que acentuam o Jesus divino e glorioso, menosprezando o Jesus humano.”

Nesse evangelho, o conhecimento não provém de um exercício puramente intelectual, espiritual e elitista, mas da experiência e convivência humana. O verdadeiro conhecimento do amor de Deus é conhecer e praticar o amor de Jesus em suas palavras e seus atos: “Eu sou o bom pastor: conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai, e exponho a minha vida pelas ovelhas” (Jo 10,14-15).

Hoje como ontem, podemos constatar a existência de muitos movimentos cristãos que acentuam o Jesus divino e glorioso, menosprezando o Jesus humano, o Verbo encarnado na história. Quem confessa e segue Cristo Jesus, bom pastor, como um dos caminhos para construir o Reino de Deus é chamado a praticar as palavras e os atos de Jesus de Nazaré nas atividades cotidianas: conscientizar e promover a vida; ser solidário com os mais desprezados e rejeitados pelos poderes do mundo, seduzidos pela ambição desenfreada de bens, poder, prazer e honra que promove a morte: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). ●



A ressurreição de Jesus segundo a comunidade joanina: uma leitura de João 20,11-18

Maria Antônia Marques*

Maria Madalena, diante do sepulcro vazio, representa a comunidade. A ausência do corpo de Jesus provoca angústia, dor e tristeza. É o sofrimento que distorce e dificulta a visão e a compreensão. Há vários motivos que abatem e dificultam a crença da comunidade no Senhor ressuscitado. Eles precisam reavivar sua fé e reacender a esperança para resistir aos sofrimentos e perseguições e crer na possibilidade da vida nova.

* Assessora do Centro Bíblico Verbo e professora na Faculdade Dehoniana, em Taubaté; na Faculdade Católica de São José dos Campos e no Itesp, em São Paulo. Juntamente com a equipe do Centro Bíblico Verbo, tem publicado todos os anos pela Paulus um subsídio para reflexão e círculos bíblicos para o mês da Bíblia. Para o ano de 2015 o subsídio é *Permaneço no meu amor para dar muitos frutos – entendendo o Evangelho de João*. E-mail: ma.antoniacbv@yahoo.com.br

Jesus ainda não tinha chegado à aldeia; estava no lugar onde Marta o havia encontrado. Quando os judeus que estavam na casa com Maria, procurando consolá-la, a viram levantar-se depressa e sair, foram atrás dela, pensando que iria ao túmulo para aí chorar. Ao chegar ao lugar onde estava Jesus, ela o viu. Maria caiu a seus pés e disse: “Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido” (Jo 11,30-32).

O encontro entre Maria e Jesus é pleno de sentimentos. Ela se prostra, não tem receio de ser ela mesma, de expressar sua dor e tristeza pela perda do seu irmão Lázaro. Uma cena comovente: de um lado estão os judeus que se comovem e choram a morte de seu amigo; de outro, Jesus, que se compadece e se emociona (Jo 11,33). Morte, dor, angústia, sofrimento e muita tristeza!

O episódio, que narra a doença, a morte e a ressurreição de Lázaro, inicia-se mostrando o sofrimento: em João 11,1-6, a palavra “doença” aparece cinco vezes. A repetição desse termo reflete a situação de sofrimento das comunidades joaninas, provoca-



da pela perseguição; da comunidade representada por Lázaro, cujo nome significa “a quem Deus ajuda”, Marta, “dona de casa” ou “senhora”, e Maria, “a amada”. Eles estão localizados em Betânia, a “casa do pobre” ou “da aflição”. Esse grupo abraçou a fé cristã e, por isso, foi perseguido pelo império romano e pelas autoridades judaicas. Os judeus fariseus chegaram a ponto de expulsar os judeus cristãos da sinagoga, o centro comunitário dos judeus da época: “Eu tenho falado todas essas coisas, para que vocês não fiquem escandalizados. Não excluíam vocês das sinagogas. E vai chegar a hora quando alguém, matando vocês, julgará estar prestando culto a Deus” (Jo 16,1-2).

No episódio de Lázaro, o sinal de morte transparece na palavra de Tomé ao ouvir de Jesus a decisão de ir para a Judeia: “Vamos nós também para morrermos com ele” (Jo 11,16). Os membros da comunidade joanina estão sendo torturados e mortos na perseguição. A comunidade descreve que a morte de Lázaro é definitiva: ele já está morto há quatro dias. O fim de todas as esperanças da vida! Ainda mais: a crença na ressurreição do último dia, conforme à tradição farisaica, torna difícil para a comunidade crer na vida nova: “Eu sei que ele vai ressuscitar na ressurreição, no último dia” (Jo 11,24). Não há a “ressurreição” na vida da comunidade?

A comunidade precisa reavivar a fé e reacender a esperança para resistir aos sofrimentos e às perseguições! No episódio de Lázaro, é possível afirmar que uma profunda relação de amizade e amor, capaz de gerar vida nova entre os membros, ajuda a comunidade a superar o abandono e o sofrimento. Em tal contexto, esse episódio relata uma relação de intimidade e afeto entre Jesus e suas amigas e amigos.

“Jesus chorou” (Jo 11,35). Jesus é tomado por um sentimento intenso de perda e tristeza. Diante do choro, os judeus concluem: “Vejam como ele o amava!” (Jo 11,36). Essa é a principal característica das comunidades joaninas do discípulo amado: o amor mútuo entre Jesus e os membros da comunidade. “Se vocês tiverem amor uns aos outros, todos vão reconhecer que vocês são meus discípulos” (Jo 13,35).

Por trás da reação de Jesus, tão humana e afetiva, podemos ler as atitudes cotidianas das comunidades joaninas: a convivência e os laços de amor que unem os membros entre si na dor e na alegria. Sinal da presença de Jesus ressuscitado na comunidade. Essa força transparece na cena em que Lázaro passa da morte à vida: “Jesus gritou em alta voz: ‘Lázaro, venha para fora!’” (Jo 11,43). Lázaro sai com os pés e as mãos enfaixados e com o rosto recoberto com um sudário. Jesus diz à comunidade:

“Soltem-no e deixem que ele ande” (Jo 11,44).

É a comunidade que ajuda a ressuscitar Lázaro, desata-lhe as mãos e os pés. A comunidade colabora para devolver a vida a seus membros. O *grito* de Jesus e da comunidade expressa o clamor pela vida! É a convivência, sedimentada pelo laço de amor, que faz a comunidade defender a vida e *ressuscitar*. A vida nova depende da ação solidária e amorosa da comunidade. À medida que as pessoas vão sendo libertas de suas amarras, elas se abrem para uma nova vida.

A ressurreição de Lázaro encerra o Livro dos Sinais (Jo 2,1-11,54). É o maior sinal realizado por Jesus: a vida que supera a morte. Ao mesmo tempo, é anúncio e preparação do grande sinal: a própria morte e ressurreição de Jesus (Jo 18-20). Na perspectiva cristã, Jesus é a ressurreição e a vida (Jo 11,25-26). Quem crê nele viverá na prá-

“No episódio de Lázaro, é possível afirmar que uma profunda relação de amizade e amor é capaz de gerar vida nova entre os membros da comunidade.”



tica da fraternidade, da justiça e do amor como ressuscitado.

Como o episódio de Lázaro, o relato da ressurreição de Jesus é, inicialmente, marcado por angústia, dor e sofrimento:

No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi bem cedo ao túmulo de Jesus, quando ainda estava escuro. E logo viu que a pedra tinha sido retirada do túmulo. Então saiu correndo e foi encontrar com Simão Pedro e o outro discípulo, aquele a quem Jesus amava. E lhes disse: “Tiraram do túmulo o Senhor, e não sabemos onde o colocaram”. Maria continuava ali, chorando junto ao túmulo (Jo 20,1-2.11a).

Maria, representando a comunidade que busca o corpo de Jesus para ungi-lo, vai ao sepulcro em que ele fora colocado e encontra a pedra removida e o local vazio. A ausência do corpo de Jesus provoca angústia, dor e tristeza. É o sofrimento que distorce e dificulta a visão e a compreensão da realidade. A comunidade, então, compreende que o corpo de Jesus foi roubado. Não compreende que a ausência do corpo indica o sinal da vida nova: a ressurreição. Há vários motivos que abatem e dificultam a crença da comunidade no Senhor ressuscitado:

1) Os cristãos sofrem com a perseguição: “Se perseguiram a mim, vão perseguir a vocês também” (Jo 15,20). Há falta de esperança em meio ao sofrimento, à miséria e à desolação. Alguns membros da comunidade ficam prisioneiros do círculo do sofrimento e da morte.

2) Segundo a cultura greco-romana, o ser humano é dividido em duas partes: a alma e o corpo. Enquanto a alma é imortal, o corpo é mortal. Não há nenhuma possibilidade da ressurreição do corpo. As comunidades cristãs sofrem com a influência de diferentes ideias e crenças sobre a morte. Alguns membros da

comunidade cristã de Corinto, por exemplo, rejeitam a ressurreição de Jesus e a dos mortos: “De que maneira os mortos ressuscitarão? Com que corpo voltarão?” (1Cor 15,35).

3) A tradição farisaica prega que a pessoa justa por cumprir a Lei é ressuscitada para a vida eterna e o injusto vai para o castigo eterno. Por isso, Paulo testemunha: “Nós anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus” (1Cor 1,23). É escândalo porque Jesus rompe as barreiras da lei do puro e do impuro e morre na cruz, considerada “maldição de Deus” e “ato de impureza” (Dt 21,22-23).

Tudo isso põe em dúvida a ressurreição de Jesus. É necessário levar a comunidade a depositar sua fé no Senhor ressuscitado, o Senhor da vida. Com o relato da aparição a Maria Madalena, o Evangelho de João, então, prepara o leitor para fortalecer a esperança e, nela, entrar na presença do Ressuscitado.

O Evangelho de João 20,11-18 relata o encontro entre Maria Madalena e Jesus: ela começa o processo de superar a prisão do círculo do sofrimento e morte e encontra Jesus Cristo ressuscitado. O relato do encontro se inspira no Cântico dos Cânticos, um poema do amor e, ao mesmo tempo, um grito de libertação, no qual a amada procura pelo amado. Uma busca intensa que termina com o encontro: “Encontrei o amado da minha vida, agarrei-o e não o soltarei...” (Ct 3,4).

Jesus e Maria Madalena no jardim (Jo 20,11-18)

“No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi bem cedo ao túmulo de Jesus, quando ainda estava escuro. E logo viu que a pedra tinha sido retirada do túmulo” (Jo 20,1). A comunidade continua no escuro, ainda não vivenciou a experiência da ressurreição. Todos os evangelhos citam a presença de Maria Madalena no momento da morte como testemunha e anunciadora da ressurreição. Quem é essa mulher?



Maria Madalena foi uma liderança importante nas origens do movimento de Jesus. Eis algumas observações sobre Maria Madalena nos evangelhos:

- Seguiu Jesus desde a Galileia até o momento da morte: “Também algumas mulheres estavam aí, olhando de longe, entre elas Maria Madalena, Maria mãe de Tiago Menor e de Joset, e Salomé. Elas seguiam e serviam Jesus, quando ele estava na Galileia. E muitas outras que tinham subido com ele para Jerusalém” (Mc 15,40-41; Mt 27,55-56; Lc 23,49).

- Ela, juntamente com outras mulheres, mesmo de longe, observou o sepultamento de Jesus (Mc 15,45-47). É fiel até o fim!

- Ao lado de outras mulheres, ela vai ao túmulo no primeiro dia da semana (Mc 16,1-2; Mt 28,1; Lc 24,1.10).

- Está entre as primeiras a receber e comunicar a notícia de que Jesus ressuscitou (Mt 28,5-8).

- Ela e outras mulheres são as primeiras que veem Jesus depois da ressurreição: “Eis que Jesus foi ao encontro delas e disse: ‘Alegrem-se!’ Elas então se aproximaram, abraçaram-lhe os pés e se ajoelharam diante dele. Então Jesus lhes disse: ‘Não tenham medo! Vão avisar meus irmãos que se dirijam para a Galileia. Aí eles me verão’” (Mt 28,9-10).

Além dos evangelhos canônicos, há outros textos antigos que citam a presença de Maria Madalena; existe até mesmo um evangelho cuja autoria lhe é atribuída. Nos primeiros séculos, Maria Madalena foi referência muito importante e significativa para as comunidades cristãs. No Evangelho de João, ela representa a comunidade, chamada a vivenciar e anunciar a ressurreição (Jo 20,18). Vejamos, passo a passo, como esse autor descreve o encontro no jardim entre Jesus e Maria Madalena.

Mesmo encontrando o túmulo vazio, a sua busca continua: “Maria continuava ali, cho-

rando junto ao túmulo” (Jo 20,11). Ela é imagem da comunidade inconsolada com a morte de seus membros e com dificuldade de perceber os sinais de ressurreição. Essa situação é descrita numa linguagem simbólica, inspirada no livro do Cântico dos Cânticos. Nesse livro, a jovem sai ao encontro do amado: “Em meu leito, durante as noites, saí à procura do amado da minha vida. Eu o procurei, mas não o encontrei! Preciso levantar-me, dar uma volta pela cidade, pelas ruas e praças à procura do amado da minha vida. Eu o procurei, mas não o encontrei!” (Ct 3,1-2). Maria vai ao sepulcro chorar a morte do Senhor. Ela está presa à ideia da morte como o fim de tudo. De longe, no escuro, Maria Madalena percebe que o túmulo está vazio. Desesperada, vai ao encontro dos discípulos, que constatarem o fato e retornam para casa. Maria permanece chorando junto ao sepulcro.

A mulher, angustiada e ainda chorando, olha para o interior do túmulo e vê dois anjos. No livro do Cântico dos Cânticos, a jovem pergunta aos guardas: “Acaso vocês viram o amado de minha vida?” (Ct 3,3). No Evangelho de João, são os anjos que perguntam a Maria a razão de sua dor. A mulher responde: “Tiraram o meu Senhor daqui, e não sei onde o colocaram” (Jo 20,13), expressão da dificuldade da comunidade em tomar consciência da ressurreição de Jesus. A dor, o desespero e o medo não deixam a comunidade perceber que a vida é mais forte que a morte.

O seu objetivo é encontrar o corpo do Senhor. Jesus se aproxima e lhe pergunta: “Mulher, por que você está chorando? A quem está procurando?” Maria pensou que fosse o jardineiro e disse: “Se foi você que o levou, diga-me onde o colocou, eu vou buscá-lo” (Jo 20,15). Enquanto Maria continuar olhando para o túmulo, não poderá encontrar-se com Jesus, pois ele não está no sepulcro. A mulher continua

“A dor, o desespero e o medo não deixam a comunidade perceber que a vida é mais forte que a morte.”



sem esperança, ainda não conseguiu ver os sinais de vida, mas, apesar disso, persiste na busca. O termo “mulher” foi usado para a Mãe, em Caná e na cruz, e para a Samaritana (Jo 2,4; 19,26; 4,21). Maria Madalena representa a comunidade como “esposa” da nova aliança, que busca o esposo no meio da desolação. Ela chama Jesus de *meu Senhor*, tratamento dado ao marido conforme o costume da época. Porém, ela continua perplexa, sem nada entender...

Maria Madalena reconhece Jesus só quando ele a chama pelo nome: “‘Maria’”. Ela voltou-se e exclamou em hebraico: ‘Rabuni!’’, que quer dizer ‘Mestre’” (Jo 20,16). Agora, ela já não olha para o sepulcro. Seu olhar é dirigido para o Ressuscitado. É o início da nova criação. Maria faz a experiência de ser amada e acolhida como discípula: “Não tenha medo, porque eu o protegi e o chamei pelo nome. Você é meu” (Is 43,1). Ela é a ovelha que reconhece a voz do pastor (Jo 10,2-3). Uma situação semelhante é descrita no Cântico dos Cânticos: “Eu dormia, mas meu coração estava desperto a ouvir a voz do meu amado” (Ct 5,2).

É a experiência humana de intimidade, de convivência no amor, que faz a pessoa viver. Quando Maria encontra o amado, é um momento de grande alegria e emoção. Ela quer abraçar e segurar o Senhor. No entanto, Jesus lhe diz: “Não me retenhas, pois ainda não subi para junto do Pai. Mas vá encontrar os meus irmãos e diga a eles: ‘Eu estou subindo para junto do meu Pai e Pai de vocês, do meu Deus e Deus de vocês’” (Jo 20,17).

Não, a missão ainda não acabou. É preciso continuar as obras de Jesus. O Reino de Deus é para todos, por isso é necessário que Maria vá anunciar aos “meus irmãos”; e isso, no contexto da comunidade de João, não é apenas para os discípulos e discípulas: o anúncio é universal. Todos são chamados ao amor, a experimentar o Ressuscitado vivo na comunidade (Jo 20,19-31).

É preciso ir além da narrativa e ver o simbolismo dessa cena. Jesus é o esposo da nova

Liturgia Mistério da Salvação

Guido Marini



44 págs.

O Concílio Vaticano II dedicou à liturgia todo um documento, aliás, o primeiro na ordem de publicação. É a Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Os padres conciliares decidiram salientar o caráter sagrado da liturgia. Ou seja, trata-se do mistério da salvação em Cristo, mistério confiado à Igreja, para que esta o torne disponível em qualquer tempo e lugar, através da objetividade do rito litúrgico-sacramental.

“Toda celebração litúrgica, enquanto obra de Cristo sacerdote e de seu corpo que é a Igreja, é ação sagrada por excelência...” (*Sacrosanctum Concilium*). Ou seja, a liturgia é convocação que provém de Deus, para estarmos em presença; é a vinda de Deus até nós.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





aliança, da nova criação (Jo 2,1-11), e Maria Madalena é a comunidade como a nova esposa. Como no livro do Gênesis, eles estão no jardim: a morte e a glorificação de Jesus dá origem a nova humanidade. É a nova criação. Maria Madalena procura, encontra, vê, ouve, acredita e anuncia. O amor vence o temor, e a vida desabrocha e floresce até os nossos dias! A vida triunfou! Ele continua vivo e presente entre nós!

Textos exclusivos de João na narrativa da paixão, morte e ressurreição de Jesus

Todos os evangelhos narrram a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus. Ao ler esses relatos, não é difícil perceber uma longa história de redação, condicionada pelas diferentes realidades das várias comunidades cristãs. A última palavra de Jesus na cruz, por exemplo, é boa amostra de recordações, reflexões e interpretações de cada comunidade:

- “Às três da tarde, Jesus deu um grande grito: ‘Eloi, Eloi, lamá sabactâni’, que, traduzido, significa: ‘Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?’ Então Jesus, dando um grande grito, expirou” (Mc 15,34.37).
- “Perto das três da tarde, Jesus deu um forte grito: ‘Eli, Eli, lamá sabactâni?’ Quer dizer: ‘Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?’ E de novo Jesus deu um forte grito e entregou o espírito” (Mt 27,46.50).
- “Jesus deu um forte grito: ‘Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito’” (Lc 23,46).
- “‘Tudo está consumado’. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito” (Jo 19,30). Diferentemente dos sinóticos, em João, Jesus não morre: é Deus. Ele se entrega!

É evidente que a comunidade joanina interpreta a morte de Jesus como a consu-

mação da obra designada pelo Pai. Nas bodas de Caná (Jo 2,1-11), o primeiro sinal, Jesus Cristo afirma: “Minha hora ainda não chegou” (Jo 2,4). Após a realização dos sete sinais, primeira parte do evangelho (Jo 2,1-11,54), Jesus Cristo, em sua despedida da comunidade (13,1-17,26), é descrito da seguinte forma: “Jesus sabia que tinha chegado a sua hora, a hora de passar deste mundo para o Pai. Ele, que tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1).

A morte de Jesus é compreendida como a vitória do amor, da verdade e da vida sobre o mundo da morte: “Eu venci o mundo” (16,33). E o último gesto de Jesus é “entregar o espírito”, o espírito do Pai, que acompanhou e orientou toda a sua

obra. Após a ressurreição, o mesmo Espírito voltará à comunidade para guiá-la no caminho da verdade e da vida: “Tendo falado isso, Jesus soprou sobre eles, dizendo: ‘Recebam o Espírito Santo’” (Jo 20,22).

No relato da paixão, da morte e da ressurreição, a comunidade joanina acrescenta vários textos exclusivos em vista de sua realidade, de seus problemas e conflitos, sobretudo com o mundo (o império romano e os judeus fariseus). Era necessário para a comunidade, perseguida pelo **mundo**, elaborar mensagens e argumentos para fortalecer seus membros. Eis alguns desses textos exclusivos de João:

1) Jesus diante de Pilatos: “Jesus respondeu: ‘O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus servos teriam lutado para eu não ser entregue aos judeus. Mas agora meu reino não é daqui’” (Jo 18,36). O reino de Jesus não é da ordem – poder e dominação – do império romano. Sim, é Reino do Céu, ou seja, reino do “meu Pai”, caracterizado pelo amor:

“O amor vence o temor, e a vida desabrocha e floresce até os nossos dias!”



“Deus é Amor: quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele” (1Jo 4,16). Na fidelidade e na firmeza na comunhão do amor de Jesus, o reinado da verdade de Deus se realiza: “Se vocês permanecem na minha palavra, são de fato meus discípulos; e conhecerão a verdade, e a verdade libertará vocês” (Jo 8,31-32); “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6); “Quem é da verdade ouve a minha voz” (Jo 18,37).

2) O rei Jesus: “Pilatos disse aos judeus: ‘Aqui está o rei de vocês’. Eles gritavam: ‘Fora! Fora! Crucifique-o!’ Pilatos lhes disse: ‘Mas eu vou crucificar o rei de vocês?’ Os chefes dos sacerdotes responderam: ‘Nós não temos outro rei, senão César’. Então Pilatos lhes entregou Jesus para ser crucificado” (Jo 19,14-16a). Depois de ameaçar Pilatos para condenar Jesus (Jo 19,12-13), a autoridade judaica aclama César seu único rei, para manter seu privilégio junto ao poder do império romano. Com a descrição da leviandade dos judeus, a comunidade joanina denuncia a falsidade e a perversidade dos judeus fariseus, a autoridade religiosa do seu tempo. Para a comunidade cristã, Jesus é o único rei com a força do amor, da justiça e da fidelidade.

3) Jesus e sua mãe: “Junto à cruz de Jesus estava sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas, e Maria Madalena. Quando Jesus viu sua mãe e, ao lado dela, o discípulo que ele amava, disse à sua mãe: ‘Mulher, eis aí o seu filho!’ Depois disse ao discípulo: ‘Eis aí sua mãe!’ E desde essa hora o discípulo a recebeu em casa” (Jo 19,25-27). Enquanto os três evangelhos sinóticos registram a permanência das mulheres à distância da cruz, o Evangelho de João apresenta, junto à cruz, as mulheres e o discípulo amado. Nas falas de Jesus, Maria, sua mãe, recebe o tratamento de “mulher”, a discípula fiel ao amor de Jesus (Jo 2,4; 19,26), a qual, com o discípulo amado, funda nova

comunidade de amor. E então nasce ao pé da cruz a Igreja com o Espírito Santo, nova humanidade e novo Israel, para continuar a missão do servo crucificado e morto por causa da prática da justiça, da solidariedade e do amor (Jo 19,30; 20,22).

4) O golpe de lança: “Quando se aproximaram de Jesus, viram que já estava morto; por isso, não lhe quebraram as pernas. Mas um dos soldados lhe perfurou o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água. Essas coisas aconteceram para se cumprir a Escritura: ‘Nenhum osso dele será quebrado’. E ainda outra passagem diz: ‘Olharam para aquele a quem traspassaram’” (Jo 19,33-34.36-37). Jesus morto na cruz é o verdadeiro messias. Nele, as palavras da Escritura são confirmadas: a primeira citação, que vem de Ex 12,46, testemunha Jesus como o cordeiro da nova Páscoa, a festa da libertação; a segunda, que vem de Zc 12,10, serve para comprovar a inocência de Jesus. Os homens, ao contemplar o “traspassado”, arrependem-se e entram em luto: “Quanto àqueles que traspassaram, chorarão por ele como se chora pelo filho único”. Confirma-se que a morte de Jesus não é o fim. Do sangue (a sede da vida, cf. Gn 9,4) e da água (símbolo do Espírito, cf. Is 44,3) de Jesus Cristo brota a vida para todos e todas.

5) Crer sem ver: Tomé, ausente na ocasião da aparição de Jesus, ao reencontrar os demais discípulos (Jo 20,24-25), poderia ter acreditado no testemunho deles, afirmando sua fé sem ver e tocar (cf. Jo 20,8). Oito dias depois, Jesus volta ao meio deles, agora com a presença de Tomé. Vendo e ouvindo Jesus, sem tocá-lo, faz sua confissão de fé. Ao vacilar entre o ver e o crer, Tomé motivou o pronunciamento de Jesus sobre a bem-aventurança dos que creem sem ver o Ressuscitado: “Felizes os que não viram e acreditaram” (Jo 20,29). As narrativas de aparição são um fator de convencimento da comunidade sobre a presença de Jesus vivo em seu meio.



Todos esses textos exclusivos de João têm como pano de fundo a situação da comunidade joanina, que sofre com as perseguições e os conflitos internos. É preciso alimentar a fé na presença de Jesus crucificado e ressuscitado no meio da comunidade para orientar e fortalecer a missão e o testemunho cristão no mundo do império romano.

Hoje, somos chamados à convivência do amor do Crucificado (At 2,42-47) e à bem-

-aventurança dos que creem sem ver o Ressuscitado (Jo 20,19-20; cf. 1Pd 1,3-9). A fé em Jesus de Nazaré ressuscitado, que continua vivo entre nós, leva a reconhecer sua presença nos sinais do amor manifestado nas diversas comunidades e culturas dos nossos tempos. Assumir essa fé no Deus da vida nos move à solidariedade global pela paz e pela vida, superando o império da fome, da guerra e da morte. ●

BIBLIOGRAFIA (referente aos três artigos sobre o Evangelho de João)

- BEASLEY-MURRAY, George R. John. *World Biblical Commentary* – Texas: Word Books, v. 36, 1987.
- BORTOLINI, José. *Como ler o Evangelho de João: o caminho da vida*. São Paulo: Paulus, 1994.
- BROWN, R. E. *A comunidade do Discípulo Amado*. São Paulo: Paulus, 1984.
- _____. *Evangelio según San Juan*. Madrid: Cristiandad, 1999.
- CENTRO BÍBLICO VERBO. *Da comunidade nasce a nova vida!* – Evangelho de João: roteiro e subsídios para encontro. São Paulo: Paulus, 2000.
- CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB). *Caminho para a vida em abundância: uma leitura de João em perspectiva de festa*. Brasília: CRB, 2009.
- FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos (II)*. São Paulo: Loyola, 1992.
- KONING, Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2000.
- LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João*. São Paulo: Loyola, 1996. 4 v.
- MATEUS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de João*. São Paulo: Paulus, 1989.
- _____. *O Evangelho de João: análise linguística e comentário exegético*. São Paulo: Paulus, 1996.
- ONUKI, Takashi. *O Evangelho de João*. Tóquio: Christian Church Publisher, 1996.

ABC da Bíblia

Trata-se de um livrete-programa para cinco encontros, destinados às comunidades de base, círculos bíblicos e outros grupos dedicados ao estudo da Bíblia. É útil também para uma leitura pessoal. De apresentação bastante simples, não oferece dificuldade para o leitor de nenhuma categoria social. (40 páginas)

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



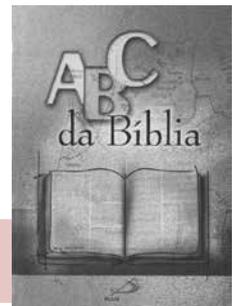
pauluseditora.oficial

editorapaulus

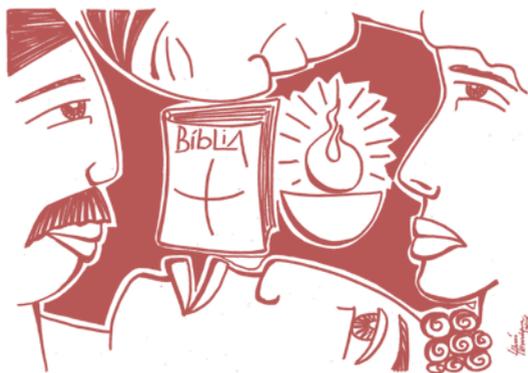
paulus.com.br



PAULUS



Imagens meramente ilustrativas



Animação bíblica da pastoral (ABP) e o jubileu do Vaticano II

Décio José Walker*

O clima jubilar dos 50 anos de conclusão do Concílio Vaticano II nos convida a olhar, com profunda gratidão, para o caminho aberto pela constituição Dei Verbum. O impulso que deu à redescoberta da Palavra de Deus na vida da Igreja gerou a consciência de que essa Palavra é a fonte de toda a sua ação evangelizadora. O artigo faz breve memória e aborda o momento atual.

* Pe. Décio Walker é especialista em Teologia Sistemática com acento em Bíblia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção (São Paulo-SP), professor do Instituto Missionário de Teologia (Santo Ângelo-RS) e assessor da Comissão Episcopal Pastoral de Animação Bíblico-Catequética da CNBB. E-mail: deciwalker@gmail.com

Nós recebemos o livro

“Jesus foi a Nazaré, onde se criara, e, segundo seu costume, entrou no sábado na sinagoga e se pôs de pé para fazer a leitura. Entregaram-lhe o rolo do profeta Isaías...” (Lc 4,16-17a). Depois houve um tempo em que o rolo (livro) não era mais entregue para ler. Então o Espírito soprou e nasceu o movimento bíblico no Brasil e em outros países. Ele ajudou a superar um velho preconceito que ligava a Bíblia apenas às Igrejas provenientes do protestantismo. Era, por isso, um risco para a fé católica, agravado ainda mais pela dificuldade de interpretá-la em virtude da falta de formação. Aos poucos o livro, a Bíblia, foi entregue ao povo “para fazer a leitura”.

Abrindo o livro, encontramos a Palavra

“Desenrolou-o e encontrou o texto que diz: o Espírito do Senhor está sobre mim...” (Lc 4,17b-18a). Novo sopro do Espírito pôs em marcha o Concílio Vaticano II e com ele



veio a constituição *Dei Verbum*, para convocar o povo para escutar e conhecer a Palavra de Deus presente nas Sagradas Escrituras. Desse apelo nasceu a pastoral bíblica, que animou muitos homens e mulheres para o serviço da Palavra, e como consequência muitas entidades foram criadas para tornar esse serviço mais qualificado e saciar melhor a sede do povo.

A pastoral bíblica inaugurou um intenso processo de conhecimento, formação e escuta da Palavra de Deus na Bíblia e na vida, criando tal intimidade, que o povo começou a sentir a Bíblia como “nossa casa”, onde o Pai acolhe, ama e educa seus filhos. O amor e encantamento pela Palavra suscitaram forte mística bíblica que levou pessoas e comunidades por caminhos de sabedoria e profecia.

E a Palavra se fez a fonte da evangelização

“Porque ele me ungiu para que dê a boa notícia aos pobres; enviou-me a anunciar a liberdade aos cativos e a visão aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, para proclamar um ano de graça do Senhor” (18b-19).

A pastoral bíblica, embora tão fecunda, é pastoral justaposta a tantas outras e teve uma ação limitada. Com exceção da liturgia e da catequese, as outras pastorais não sentiam muita necessidade de partir da Palavra de Deus ao planejar suas ações.

O Espírito, então, despertou novo paradigma, segundo o qual a palavra de Deus na Bíblia é colocada no centro, como fonte de toda a ação evangelizadora da Igreja. Podemos comparar esse passo com o Ano de Graça que Jesus anunciou em Nazaré, referindo-se ao Ano Jubilar, experiência de reorganiza-

ção da vida, a cada 50 anos. Pensando bem, se a Palavra de Deus se tornar a alma da ação evangelizadora, também será força de transformação na sociedade atual.

A proposta da animação bíblica da pastoral foi entrando, aos poucos, na reflexão teológica e pastoral da Igreja. Em Aparecida (2007), já aparece de forma clara, mas foi oficialmente assumida pela Igreja toda no Sínodo dos Bispos (2008), como diz a exortação pós-sinodal *Verbum Domini*:

“O amor e encantamento pela Palavra suscitaram forte mística bíblica que levou pessoas e comunidades por caminhos de sabedoria e profecia.”

O Sínodo convidou a um esforço pastoral particular para que a Palavra de Deus apareça em lugar central na vida da Igreja, recomendando que se incremente a pastoral bíblica, não em justaposição com outras formas de pastoral, mas como animação bíblica da pastoral inteira. Não se trata simplesmente de acrescentar qualquer encontro na paróquia ou na diocese, mas de verificar que, nas atividades habituais das comunidades cristãs, nas paró-

quias, nas associações e nos movimentos, se tenha realmente a peito o encontro pessoal com Jesus Cristo, que se comunica a nós na sua Palavra (cf. VD 73).

A proposta está agora lançada para a Igreja toda. O Brasil e a América Latina, que já haviam ensaiado passos nessa direção, partiram logo para uma ação mais intensa. O episcopado brasileiro, além de motivar todas as comunidades, confiou à Comissão Episcopal Pastoral para a animação bíblico-catequética a missão de articular a ABP em nosso país.

Metodologia para uma Palavra viva e eficaz

Entre os anos 2009 e 2012, envolvendo os bispos, biblistas e agentes de pastoral,



houve um processo de reflexão e elaboração que resultou no Doc. 97 da CNBB: *Discípulos e servidores da Palavra de Deus na missão da Igreja*, aprovado na Assembleia-Geral de 2012. Seu principal objetivo: trazer as luzes da *Verbum Domini* para a caminhada da Igreja no Brasil e oferecer orientações metodológicas práticas para concretizar a animação bíblica da pastoral.

O Doc. 97 parte do princípio de que todos os membros do povo de Deus são interlocutores da ação pastoral como sujeitos, não apenas destinatários. Por isso propõe (cf. Doc. 97, n. 69):

- constituir comissões, com uma organização funcional, que ofereçam uma rede de serviços e ajudas práticas às pastorais;
- constituir equipes de assessoria para garantir formação bíblica permanente, sistemática e profunda aos multiplicadores da animação bíblica da pastoral;
- linhas de ação em três eixos, inspirados no Documento de Aparecida (cf. DAp 248), que aqui sintetizamos:

1. Caminho de conhecimento e interpretação da Palavra – eixo da formação (cf. Doc. 97, n. 70-85).

- ▶ Intensificar o estudo e exegese bíblica nos centros de formação teológico-pastoral e criar novos cursos de pós-graduação e extensão universitária.
- ▶ Promover o estudo bíblico para todos os cristãos, pois é direito do povo de Deus.
- ▶ Elaborar e divulgar subsídios com interpretações atualizadas e acessíveis a todo o povo.
- ▶ Usar os meios de comunicação social para ajudar a conhecer melhor a Bíblia.
- ▶ Favorecer e fortalecer os encontros ecumênicos de meditação e estudo bíblico.
- ▶ Promover congressos bíblicos (diocesanos, regionais e nacionais).

Encontro com Cristo Vencer medos, viver de esperança

Bruno Carneiro Lira



A obra se destina a todos os cristãos que desejam aprofundar sua espiritualidade na imitação da pessoa de Jesus Cristo. Em cada capítulo é apresentada uma faceta da vida do Senhor, sempre em relação com a nossa, ajudando leitores e leitoras a se engajar na construção de sentidos que a obra deseja realizar. Pleno de Jesus Cristo, seja você mesmo fonte de amor e esperança para aqueles que fazem parte de suas relações diárias. Levante o mesmo cálice do Senhor e resgate você e os outros para a vivência do amor.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





2. *Caminho de comunhão e oração da Palavra* – eixo da oração (cf. Doc. 97, n. 86-87):

▶ Levar ao conhecimento de todos os fiéis a Leitura Orante da Bíblia, principalmente o método da *Lectio Divina*. Que ele se torne uma prática normal nas reuniões pastorais.

▶ Valorizar e viver a presença e ação da Palavra de Deus na liturgia. Compreender a dimensão sacramental da Palavra e a unidade entre Palavra e sacramento.

▶ Se no dia do Senhor a eucaristia não é possível, faça-se a celebração da Palavra.

▶ Difundir a oração da Liturgia das Horas, forma privilegiada de escuta da Palavra.

▶ Realizar encontros ecumênicos, tendo a Bíblia como referência de comunhão.

3. *Caminho de evangelização e proclamação da Palavra* – eixo do anúncio (cf. Doc. 97, n. 88-89):

▶ A escuta da Palavra leve ao empenho pela justiça e solidariedade, pois “o compromisso pela justiça e transformação do mundo é constitutivo da evangelização” (VD 100).

▶ Oferecer aos grupos de reflexão roteiros que ajudem a exercitar a *Lectio Divina*.

▶ Reforçar programas bíblicos, de modo especial o mês da Bíblia, para uma atualização permanente.

▶ Incentivar, com base na Palavra de Deus, fecundo diálogo ecumênico e inter-religioso que favoreça a paz entre os povos.

▶ Na Iniciação à Vida Cristã, a Bíblia esteja sempre presente, pois ela era o “manual” de catequese das primeiras comunidades cristãs.

Com essas linhas de ação, o documento aposta na realização do sonho de ver a Pala-

vra de Deus se tornar a seiva que alimenta toda árvore das pastorais da Igreja.

A Palavra acontece...

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (2011-2015) propõem cinco urgências pastorais para os próximos anos, entre as quais esta: “A Igreja lugar de animação bíblica da vida e da pastoral” (DGAE 44-55).

Essa urgência hoje faz parte da maioria dos planos de pastoral dos regionais e das dioceses. Há um esforço admirável para implantar a ABP na maioria das dioceses.

O I Congresso Brasileiro de Animação Bíblica da Pastoral (Goiânia/GO, 8-11 de outubro de 2011), com o lema: “Palavra de Deus viva e eficaz” (Hb 4,12), reuniu 485 lideranças de

tudo o Brasil. Foi experiência de grande despertar que nos anos seguintes estimulou a organização de congressos regionais de ABP na maioria dos regionais e em algumas dioceses.

O I Congresso Latino-Americano de Animação Bíblica da Pastoral (Lima/Peru, 5-8 de agosto de 2013), promovido pelo Celam e pela Federação Bíblica Católica Latino-Americana (Febic-Lac), teve como objetivo proporcionar uma partilha das experiências dos diversos países e buscar certa unidade na prática da animação bíblica da pastoral em todo o continente. Revelou a criatividade, a alegria e a vibração que a Palavra de Deus suscita em toda a América Latina, nossa pátria grande.

O simpósio nacional Cinquenta Anos de Caminhada Bíblica (São Paulo/SP, 1-4 de outubro de 2015) faz parte da celebração do jubileu da *Dei Verbum*, responsável principal pela centralidade que a Palavra de Deus voltou a ocupar na Igreja. Mas terá também a função de apontar perspectivas, como mais adiante veremos.

“A escuta da Palavra leve ao empenho pela justiça e solidariedade.”



A Palavra e os desafios que fazem caminhar

A reflexão sobre a ABP realizada nos últimos anos já produziu subsídios e documentos preciosos. Na prática, porém, a mudança acontece com certa lentidão. Um processo que conduz a novo paradigma sempre exige certa paciência histórica. Sinais já existem, mas temos ainda longo caminho a percorrer.

O Doc. 97 da CNBB propõe a constituição de Comissões de ABP em nível nacional, regional e diocesano. O simpósio nacional Cinquenta Anos de Caminhada Bíblica, acima citado, além de fazer memória da *Dei Verbum*, tem o intuito de avaliar a implantação dessa metodologia e aperfeiçoá-la. Por isso os principais interlocutores serão os secretários dos regionais, coordenadores diocesanos de pastoral e coordenações de animação bíblico-catequética, principais responsáveis para concretizar a ABP.

Há muito tempo a Igreja no Brasil propõe a Bíblia como livro por excelência da catequese. Existem ainda resistências e casos de retorno ao catecismo de perguntas e respostas. Para avançar, a Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética lançou o *Itinerário catequético: iniciação à vida cristã, um processo de inspiração catecumenal*. Pois a semente lançada no processo da Iniciação à Vida Cristã, que forma discípulos de Jesus Cristo, será a garantia de nova consciência em relação à centralidade da Palavra de Deus na vida pessoal, eclesial e social.

O Vaticano II colocou a Bíblia no coração da Igreja e propôs métodos aos fiéis, especialmente a *Lectio Divina*, que se tornou uma chave de leitura e interpretação para o fiel extrair das Escrituras o alimento necessário para a sua vida de fé. Suscitou os grupos bíblicos, nos quais os leigos se encontram para meditar juntos os textos da Escritura. O entusiasmo que esse método despertou traz o

Dom Helder Câmara Profeta para os nossos dias

Marcelo Barros



224 p.égs.

“Não deixe cair a profecia!” Essa foi a última palavra que Dom Helder Câmara, já nos seus últimos dias de vida, disse a Marcelo Barros. Este livro foi escrito como um modo de cumprir aquele pedido. Em estilo leve de uma conversa entre pessoas amigas, Marcelo se dirige especialmente aos jovens e leitores que não puderam conhecer diretamente Dom Helder, lembrando as experiências de convívio e a colaboração pastoral vividas com esse grande profeta. A leitura dirige-se a toda pessoa que deseje refletir sobre a herança de Dom Helder para a humanidade do século XXI.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





risco de uma leitura fundamentalista, não contextualizada, tendo como consequência aplicações superficiais e distorcidas. O desafio, portanto, é investir o máximo em formação bíblica.

Conclusão

“Hoje, em vossa presença, cumpriu-se esta Escritura” (Lc 4,21). Jesus realiza, assim, o processo de transformar a escritura de séculos anteriores em Palavra de Deus viva e eficaz

para o seu tempo. Hoje, em “nossa” presença, também se cumprem as Escrituras quando animamos todas as instâncias eclesiais a fazer da Palavra de Deus o centro, a fonte, o coração, a alma, a seiva da árvore das pastorais. Isso nos faz viver o “Ano de Graça do Senhor”, ou seja, um tempo de graça, de alegria do evangelho, tempo de resgate do verdadeiro sentido da vida humana, de novas relações, mais ternas e amorosas, como reflexo do amor da Trindade santa, que tudo recria e renova. ●

BIBLIOGRAFIA

- BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2002.
- CELAM. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus – Paulinas; Brasília: CNBB, 2007.
- CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (2011-2015)*. Brasília: CNBB, 2011.
- _____. *Discípulos e servidores da Palavra de Deus na missão da Igreja*. Brasília: CNBB, 2012 (Documentos da CNBB, n. 97).
- COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. *Animação bíblica da pastoral*. Brasília: CNBB, 2012.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.
- PAPA BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini*. Brasília: CNBB, 2010.

Liturgia diária

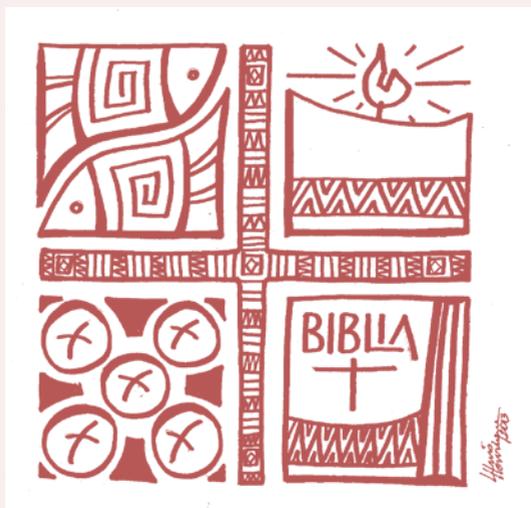
O periódico LITURGIA DIÁRIA facilita o contato com a Palavra de Deus na liturgia e na leitura pessoal; favorece uma melhor assimilação e compreensão da liturgia da missa.

As edições são mensais e trazem as leituras e orações da missa de cada dia, comentários, preces, pequenas biografias dos santos das memórias a serem celebradas, partes fixas da missa, orações eucarísticas e roteiros de outras celebrações.

Para fazer assinatura entre em contato com o setor de assinaturas da Paulus:

Tel.: (11) 3789-4000 • 0800-164011

E-mail: assinaturas@paulus.com.br



Celso Loraschi*

23º DOMINGO COMUM

6 de setembro

Fé em Deus: amor aos pobres

I. Introdução geral

A fé em Deus implica amar prioritariamente as pessoas empobrecidas. É o tema central das leituras da liturgia deste primeiro domingo do mês dedicado à Bíblia. Deus se revelou ao povo de Israel como libertador de todos os males que afligem a vida humana. O profeta Isaías, inserido numa realidade de marginalização e sofrimento do povo, torna-se o anunciador da esperança militante, capaz de transformar a tristeza em alegria, a fraqueza em força, o medo em confiança (1 leitura). Afinal, Deus jamais abandona o povo que sofre. Jesus, o Filho de Deus, solidariza-se com as pessoas doentes e excluídas e oferece-lhes a cura e a libertação (evangelho). Deixando-nos tocar pela sua



graça, recuperamos a integridade do nosso ser. A carta de Tiago lembra que, numa comunidade cristã, não pode haver aceitação de pessoas. Pelo contrário, deve-se acolher com todo o carinho as que são pobres e sem fama (II leitura). Assim como Deus Pai se revelou sempre próximo e zeloso das pessoas sofredoras, e assim como Jesus assumiu as dores da humanidade, também nós, filhos de Deus e irmãos de Jesus, somos instados a ser coerentes: a fé em Deus implica o amor prioritário às pessoas em situação de necessidade.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Is 35,4-7a): "Sede fortes, não temais!"

O movimento profético de Isaías Primeiro (cap. 1-39) situa-se pelo final do século VIII a.C. Internamente, o regime monárquico produziu frutos amargos ao povo de Israel. Onde deveria ser promovido o direito, o que apareceu foi a injustiça; onde deveria ser garantido o bem-estar do povo, o que se ouviu foram gritos de desespero (Is 5,7). Além da opressão interna, o exército assírio, pelo ano 722 a.C., invadiu e destruiu o Reino do Norte com sua capital, Samaria, deportando muita gente (cf. 2Rs 17), e em 701 a.C. tomou Jerusalém e as cidades da região sul, impondo altos impostos e mais opressão sobre o povo (cf. 2Rs 18). Isaías é testemunha desses acontecimentos e profetiza a partir do lugar social das vítimas do poder tanto interno como externo.

A profecia exerce função muito importante no meio das pessoas que sofrem opressão política e econômica. Por meio das palavras proféticas, Deus manifesta seu amor e solidariedade ao povo. É um Deus sensível, um pastor cheio de ternura, o protetor das pessoas indefesas. Deus é o padrinho dos po-

bres, o redentor dos oprimidos, o resgatador da dignidade humana.

O texto é o anúncio de uma boa notícia que revigora os fracos e encoraja os desanimados. Deus fala aos corações conturbados, dizendo que sejam fortes e não temam. Os poderosos deste mundo podem oprimir, mas não podem impedir a intervenção amorosa de Deus em favor dos oprimidos. "Ele vem para salvar!" Os cegos e os surdos recobrarão a capacidade de ver e ouvir, libertos da ideologia dominante. Os coxos poderão andar, e os mudos poderão falar com a liberdade de filhos de Deus. A terra seca será regada com a água da justiça, que produz frutos de vida em abundância a todos. Enfim, a palavra de Deus provoca a esperança militante e incute novo ânimo para a construção do mundo de paz e fraternidade. É importante nos deixar invadir pela palavra profética, libertando-nos de todas as amarras que nos impedem de abraçar com consciência e liberdade nossa missão no mundo.

2. Evangelho (Mc 7,31-37): "Ele tem feito tudo bem!"

Esse texto do Evangelho de Marcos mostra uma das ações de Jesus em terra estrangeira. Ele vem trazer a salvação a todos os povos. Os seus discípulos estão com ele, porém manifestam grande dificuldade de entender os seus ensinamentos e o seu modo de agir. Alimentam a expectativa de que Jesus manifeste em algum momento todo o poder de um Messias triunfalista, dominando os inimigos e restabelecendo o reino de Israel. Eles não entendem por que Jesus vai pregar o seu evangelho e realizar ações de libertação no meio dos estrangeiros, pessoas consideradas impuras, conforme o ensinamento dos fariseus; não entendem o significado da multiplicação dos pães, têm o coração endurecido, têm olhos e não veem, têm ouvidos e não ouvem. Na verdade, os discípulos estão totalmente contaminados pelo "fermento dos fari-



seus e de Herodes”, isto é, pela ideologia do poder religioso e político (cf. Mc 8,14-21).

Podemos perceber, então, qual é a intenção de Marcos ao relatar a cura do surdo e gago. Os verdadeiros surdos são os discípulos de Jesus, que, apesar de estarem na companhia do Mestre, de ouvirem seus ensinamentos e verem sua prática, ainda não entendem que tipo de Messias ele é. São surdos e cegos. E ainda são gagos: porque não entendem quem é Jesus, também não conseguem anunciar o seu evangelho com lucidez.

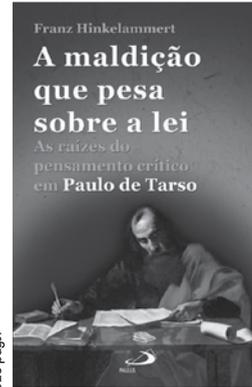
A cura do surdo e gago se dá na Decápole (região de dez cidades), situada além do rio Jordão, fora da Palestina. Nesse episódio, essa região representa todos os países estrangeiros para os quais os discípulos serão enviados a fim de anunciar o evangelho de Jesus e continuar a sua obra. Para isso, precisam ser libertados do seu nacionalismo exclusivista. Devem abrir os ouvidos para acolher a nova proposta de Jesus, diferente daquela dos escribas e fariseus. Portanto, a narrativa da cura do surdo e gago é mensagem dirigida diretamente tanto aos discípulos de Jesus no tempo em que Marcos escreve seu evangelho (por volta do ano 70) quanto a todos nós hoje, pois também podemos nos deixar influenciar pela ideologia dominante, que nos torna surdos aos apelos de Deus e gagos por falta de convicção e coragem de seguir e anunciar o seu evangelho.

É importante perceber a maneira pela qual Jesus cura o surdo e gago. Primeiro, ele o leva para longe da multidão, depois coloca os dedos nas orelhas dele, em seguida lhe toca a língua com a saliva e, por fim, levanta os olhos para o céu, geme ou suspira profundamente e pronuncia a palavra que liberta: “Abre-te!” Esse processo revela que, para sermos discípulos de Jesus, é necessário que nos afastemos da ideologia dominante, que massifica a consciência; é necessário deixar-nos conduzir pela mão do Mestre, permitir que ele nos toque com sua gra-

A maldição que pesa sobre a lei

As raízes do pensamento crítico em Paulo de Tarso

Franz Hinkelammert



Neste livro, se encontra a análise da presença de Paulo em Marx e a crítica da lei feita por Paulo. A estrutura da crítica da lei de Paulo e a de Marx se mostram idênticas. A lei a que ambos se referem tem um núcleo comum.

Para Paulo, a busca da justiça pelo cumprimento da lei produz a injustiça; e a lei se transforma em seu contrário, torna-se lei do pecado. Esse mesmo fenômeno aparece em Marx, que o denomina fetichismo. Quando se considera o cumprimento da lei, e por conseguinte, da lei do valor como ato de justiça, os crimes que se cometem no cumprimento da lei já não parecem ser crimes, mas sacrifícios necessários ao progresso.

Ingressos meramente ilustrativos.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





ça e que a vida divina (simbolizada pela saliva de Jesus) penetre nossa vida humana. Assim, a pessoa torna-se capaz de entender Jesus, de viver o seu evangelho e de anunciá-lo com toda a convicção.

Ao ver a prática de Jesus, as pessoas exclamam: “Ele tem feito tudo bem!” Assumindo a missão que lhe foi confiada, Jesus alimenta sua íntima amizade com o Pai (com os olhos voltados para o céu) e permanece solidário com as dores do próximo (geme e suspira profundamente), indicando-lhe o caminho da vida em plenitude. Assim, ele fazia todas as coisas bem-feitas. A amizade com Deus e a solidariedade com o próximo são o que caracteriza o jeito de ser do discípulo missionário de Jesus.

3. II leitura (Tg 2,1-5): Não fazer acepção de pessoas

A carta de Tiago foi escrita no final do século I e dirigida às “doze tribos da Dispersão”, isto é, ao novo povo de Deus formado pelas comunidades cristãs primitivas espalhadas pelo império romano. Percebe-se que, no meio dessas comunidades, existem condutas não condizentes com o evangelho de Jesus. Uma delas diz respeito à relação com os pobres, conforme indicação do texto deste domingo. Até quando os cristãos se reúnem para as celebrações litúrgicas, constatam-se entre eles atitudes de discriminação intoleráveis. Há líderes ou recepcionistas que acolhem as pessoas ricamente vestidas, dando-lhes atenção privilegiada e oferecendo-lhes lugares confortáveis. Com os pobres, no entanto, o tratamento é outro...

Tiago é um animador cristão que conhece a maneira pela qual Deus se revelou na tradição de fé judaica: acolhendo e libertando os oprimidos. Conhece também o ensinamento de Jesus e sua proposta do reino aos simples e pequeninos: “Atentai para isto, amados irmãos: não escolheu Deus os pobres em bens deste mundo para serem ri-

cos na fé e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam?” Como seguidor de Jesus, Tiago não usa de meias palavras ao alertar os membros da comunidade sobre essa conduta que contradiz a fé. Ele se revela como um discípulo que não é cego, nem surdo, nem gago. Tem clareza e convicção de sua missão. Uma Igreja fiel ao evangelho de Jesus não poderá jamais abdicar da opção preferencial pelos pobres.

III. Pistas para reflexão

– *A fé em Deus manifesta-se no amor às pessoas que sofrem.* Por isso, uma das dimensões que caracterizam a missão da Igreja no mundo é a dimensão profética. Ela deve renunciar ao espírito de poder-dominância para solidarizar-se com as pessoas oprimidas e promover a justiça. Deve deixar-se conduzir pelo Espírito de Deus e anunciar a esperança militante aos sofredores e abatidos, a fim de que se tornem protagonistas do novo mundo. Como a dimensão profética está sendo vivida em nossas comunidades eclesiais? Que tipo de “acomodações” devem ser rompidas para manter a fidelidade ao projeto de Deus?

– *Mudar de mentalidade para seguir Jesus.* Os discípulos tiveram muita dificuldade de entender e seguir Jesus com liberdade e convicção. Jesus dedicou-se a curá-los de sua situação de surdos e gogos. Ajudou-os a se libertar da ideologia dominante e ofereceu-lhes novo modo de pensar e de agir. É muito importante termos consciência de nossa condição de seguidores de Jesus: nós o conhecemos de fato? Ou o transformamos à imagem de nossas conveniências? Nós o seguimos e o anunciamos com convicção pelo testemunho de vida, pelas palavras honestas e pelas ações em favor do próximo necessitado? Em que tipos de discriminações incorremos hoje em dia? O que nos diz a palavra de Deus a esse respeito?



24º DOMINGO COMUM

13 de setembro

Fé e seguimento

I. Introdução geral

As leituras deste segundo domingo do mês dedicado à Bíblia sugerem uma reflexão sobre a fé em Deus e a fidelidade ao seu plano de amor. Na primeira leitura, o profeta Isaías Segundo apresenta-se como o porta-voz do povo que sofre no exílio da Babilônia e faz a experiência do amor terno e eterno de Deus. Conserva o ouvido aberto aos apelos divinos e o coração dócil às suas palavras. Mesmo perseguido, caluniado e desprezado, guarda a certeza do socorro que vem de Deus. Por isso, permanece de pé diante das dificuldades e resiste com coragem às investidas dos seus opositores. Essa firmeza se alicerça na convicção de fé no Deus que se manifestou na história de Israel como libertador de toda a opressão. O evangelho de hoje indica em que consiste a fé em Jesus: não basta a confissão explícita de que ele é o Cristo. É preciso renunciar a si mesmo, renunciar a toda mentalidade triunfalista e segui-lo no caminho da cruz. Na segunda leitura, Tiago, em tom definitivo, esclarece: “A fé, se não tiver obras, está totalmente morta”. São palavras de Deus que iluminam os nossos passos e fortalecem o nosso ânimo no seguimento de Jesus em meio aos desafios da atualidade.

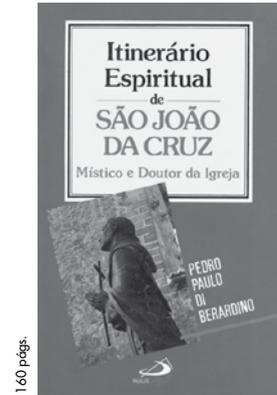
II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Is 50,5-9a): O socorro vem do Senhor

Esse texto de Dêutero-Isaías faz parte do terceiro cântico do servo sofredor. O servo é o povo exilado que, em meio à sua situação

Itinerário espiritual de São João da Cruz Místico e doutor da Igreja

Pedro Paulo Di Berardino



Com a presente obra sobre o Itinerário espiritual de São João da Cruz, místico e Doutor da Igreja, frei Pedro Paulo Di Berardino coroa um longo trabalho, atingindo um triplice objetivo:

- Completa uma trilogia que honra e celebra dignamente um grande santo da Igreja;
- Oferece uma verdadeira primícia espiritual ao público brasileiro;
- Propõe um conhecimento mais profundo e completo de São João da Cruz, tentando uma síntese entre palavra e vida, de modo a fazer refletir, brilhar, dilatar a vida à luz da palavra, que, pelo fato de ser a palavra de um santo, deve resultar em um espelho fiel de experiências vividas em primeira pessoa.

Ingressos meramente ilustrativos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





de dor e de abandono numa terra estranha, se sente amado e protegido por Deus. Não é só isso. Descobre que Deus lhe confia a missão de ser “luz para os povos”. Essa descoberta se dá porque o povo sofredor aguça os ouvidos ao plano divino, contrário ao plano dos opressores. É Deus quem abre os ouvidos para que sua palavra de esperança e alegria seja acolhida por aqueles que se tornam seus discípulos. E os discípulos não se fecham, nem se tornam rebeldes, nem recuam diante do que Deus lhes revela. Mesmo quando perseguidos, permanecem firmes; quando ameaçados de agressão física, oferecem as costas; quando lhes arrancam os fios da barba ou são cuspidos e injuriados, não desviam o rosto.

Essa resistência só é possível a quem deposita plena confiança em Deus. Identificam-se como seus “servos sofredores”, que não usam da mesma arma dos violentos e vingativos. A fé em Deus e a confiança incondicional no seu amor dão aos seus servos a capacidade de resistir até a morte se preciso for, sem jamais abdicar da atitude da não violência e do perdão. Não é passividade nem covardia! É a verdadeira coragem de quem tem lúcida consciência do que significa ser fiel à vontade divina. Por isso, esses servos de Deus, conforme Isaías expressa nesse cântico, não se sentem humilhados por agirem desse modo. Eles têm a certeza de que não serão confundidos, porque vivem e agem pela mesma causa defendida por Deus.

Os projetos de Deus se realizam na história humana por meio das pessoas fracas que nele depositam toda a confiança. Somente quem experimentou a fraqueza e o sofrimento sabe quanto necessita da ajuda divina. E Deus não decepciona. Ele se compraz com os pequeninos, anda no meio deles, mora neles e manifesta-se ao mundo por meio deles. Por meio de pessoas limitadas, Deus revela ao mundo o seu amor sem limites.

2. Evangelho (Mc 8,27-35): O caminho da cruz

O evangelho deste domingo sinaliza o momento em que Jesus inicia uma “virada” no seu ministério público. Até aqui, ele realizou muitos sinais de libertação, normalmente seguido por uma multidão de pessoas. Os discípulos, porém, apesar de acompanharem Jesus de perto, ouvirem seus ensinamentos e testemunharem sua prática, não conseguem entender verdadeiramente quem ele é. Permanecem na cegueira, contaminados pelo “fermento dos fariseus e de Herodes”, arrasados pela ideologia do poder. Por isso, a partir de agora, Jesus vai mudar de estratégia, para ocupar-se, de maneira especial, da tarefa de educar seus discípulos e revelar-lhes sua verdadeira identidade e sua missão neste mundo. O Evangelho de Marcos traduz essa estratégia de Jesus em forma de uma viagem pedagógica, rumo a Jerusalém, conforme poderemos perceber com maior clareza nos textos dos próximos domingos.

Há uma variedade de opiniões no meio do povo a respeito de quem é Jesus. Porém, é especialmente dos seus discípulos que Jesus deseja saber: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Pedro responde corretamente: “Tu és o Cristo”. Logo a seguir, no entanto, Pedro torna-se “Satanás”, tentando impedir que Jesus cumpra sua missão por um caminho nada convencional. Em vez de vencer os inimigos, Jesus “será vencido” por eles. Pedro não consegue admitir que seu Messias-líder esteja assim tão à mercê dos que já se posicionaram contra o seu projeto, o caluniaram e o ameaçaram de morte: os anciãos, os chefes dos sacerdotes e os escribas. Sente-se então na obrigação de dissuadir Jesus dessa decisão absurda de ir a Jerusalém para ser perseguido e morto.

Pedro é o representante dos discípulos. Eles seguem Jesus com a ideia de que seja um Messias que virá finalmente realizar as



expectativas de vingança contra seus inimigos e manifestar toda a sua força e glória. Que honra enorme devia sentir Pedro e os demais por seguirem um líder capaz de triunfar e estabelecer um reino poderoso. No entanto, a opção de Jesus de seguir o caminho da cruz como servo sofredor derruba as aspirações triunfalistas dos seus discípulos. Ele evita se apresentar como “Messias”, preferindo a expressão “Filho do homem”, pela qual manifesta o realismo de sua encarnação: assumiu plenamente a condição humana, com todas as consequências de quem cumpre fielmente a vontade de Deus. Essa fidelidade vai custar-lhe a vida.

Jesus aproveita a atitude satânica de Pedro para instruir a todos os discípulos e também a multidão. A Pedro ele ordena: “Vai para trás de mim”. Isto é, Pedro deve ser seguidor de Jesus, e não é Jesus que deve satisfazer as expectativas de Pedro. Assim é para todos os discípulos: “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me!” Jesus não ilude. Segui-lo é estar disposto a “perder a vida” no serviço abnegado da justiça, da verdade e da fraternidade.

3. II leitura (Tg 2,14-18): A fé sem obras é morta

Esse texto da carta de Tiago é bem conhecido e frequentemente lembrado em nossas comunidades cristãs. Certamente foi escrito para combater uma concepção equivocada que alguns cristãos defendiam: não importam as ações, é unicamente a fé que salva. Pode ser fruto de uma interpretação da justificação pela fé, que Paulo defende na carta aos Romanos e está sintetizada na expressão “o justo vive da fé” (Rm 1,17). Paulo, no entanto, está se opondo à ideia de que a salvação seria resultado dos méritos adquiridos pelas pessoas cumpridoras da Lei, conforme pregava a doutrina oficial judaica. Com isso, Paulo não está desvinculando a fé das obras. O seu próprio testemunho de vida revela que

O bode expiatório

René Girard



O bode expiatório supõe a ilusão persecutória. Os carrascos creem na culpabilidade de suas vítimas; estão convencidos, no momento da aparição da peste negra no século XIV, de que os judeus envenenaram os rios. A caça às bruxas implica que juizes e acusadas creem na eficácia da bruxaria. O bode expiatório torna-se o cordeiro de Deus. Assim é destruída para sempre a credibilidade da representação mitológica. Toda violência doravante revela o que a paixão de Cristo revela: a gênese imbecil dos ídolos sangrentos, de todos os falsos deuses das religiões, das políticas e das ideologias.

Ingenius meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





sua fé em Jesus o levou a doar-se totalmente pela causa do evangelho. Quando escreve aos gálatas, ele diz: “A fé age pela caridade” (Gl 5,6). Portanto, Tiago e Paulo se completam.

“A fé, se não tiver obras, está completamente morta.” O exemplo que encontramos na carta de Tiago ilustra o que significa ligar a fé com a prática. É amar, de maneira especial, o irmão e a irmã necessitados, garantindo-lhes as condições para que possam viver dignamente. A insistência dos autores da carta de Tiago sobre a prática da caridade para com as pessoas empobrecidas é muito grande. É sinal de que essa realidade constituía forte clamor às comunidades cristãs.

Portanto, ser cristão é relacionar-se com o próximo de modo fraterno, acolhê-lo como membro da família e garantir-lhe as condições necessárias para a sua vida. Ser cristão não é meramente manifestação de bons sentimentos ou boas intenções. Nesse sentido, percebe-se a íntima ligação com o texto do Evangelho de Marcos comentado acima: não basta confessar a fé em Jesus Cristo sem o compromisso de segui-lo na prática do amor ao próximo.

III. Pistas para reflexão

– *A fé em Deus consiste na fidelidade ao seu plano de amor.* É o que sugerem as leituras deste domingo. Iluminados pela palavra transmitida pelo Segundo Isaías, podemos renovar a confiança em Deus, nosso criador e libertador. Ele jamais nos abandona na caminhada da vida. Chama-nos a ser testemunhas do seu amor, apesar de nossos limites e fraquezas. No meio deste mundo conturbado em que vivemos, é importante manter “ouvidos de discípulos”, abertos à palavra de Deus, que ilumina os nossos passos. Muitas vezes enfrentamos adversidades e sofrimentos, incompreensões e perseguições.

– *A fé em Jesus Cristo e a fidelidade ao seu plano de amor implicam segui-lo no caminho*

da cruz. Não basta bela confissão de fé, como fez Pedro, representando os discípulos. É preciso renunciar a toda ambição de poder e às manifestações triunfalistas. Jesus fez-se “servo sofredor” na fidelidade ao plano de amor do Pai. Assumiu todas as consequências: foi incompreendido, rejeitado, perseguido e morto. Hoje também podemos ter a mesma mentalidade dos discípulos: uma religião de poder, brilhantes celebrações, acomodação ao sistema que exclui e mata, fuga do compromisso pela justiça... O apelo de Jesus continua atual: “Quem quiser me seguir...”. A carta de Tiago completa: “A fé sem as obras é morta”.

25º DOMINGO COMUM

20 de setembro

A vida dos ímpios e a vida dos justos

I. Introdução geral

As leituras deste terceiro domingo do mês dedicado à Bíblia refletem sobre duas diferentes lógicas pelas quais o ser humano pode conduzir a sua vida: a do ímpio e a do justo. O livro da Sabedoria informa que a lógica do ímpio desconsidera a vontade de Deus a fim de usufruir o tempo presente e os bens deste mundo, buscando satisfazer seus desejos egoísticos. Não se importa com o próximo necessitado e contrapõe-se ao modo de pensar e de agir da pessoa justa, caluniando-a, perseguindo-a e matando-a. Diferente é a lógica do justo: ele leva em máxima conta o conhecimento de Deus, segue sua vontade e se gloria de tê-lo por pai (1ª leitura). O evangelho chama a atenção: a lógica do ímpio pode contaminar os próprios discípulos de Jesus. Ela se manifesta na atitude de disputa de poder entre eles, contrariando os ensina-



mentos e a prática de Jesus: “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos”. A carta de Tiago (II leitura) adverte que “onde há inveja e preocupação egoística, aí estão as desordens e toda sorte de más ações”. E orienta para o modo verdadeiro de conduzir a vida: conforme a sabedoria que vem de Deus.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Sb 2,12.17-20): O justo perseguido

O livro da Sabedoria é resultado da reflexão dos judeus da diáspora. Foi escrito em grego, na cidade de Alexandria, no Egito, pelo ano 50 a.C. O texto reflete a situação do povo judeu, fora de sua pátria, incompreendido e hostilizado por causa da fidelidade às suas leis. Os autores concebem dois tipos de pessoas: os justos que conhecem a Deus e os injustos ou ímpios que, além de não o conhecerem, zombam de quem lhe é fiel.

Para além da relação conflituosa entre os judeus e os estrangeiros, o texto nos inspira a refletir sobre os efeitos que a prática da justiça pode causar. O modo de pensar e de se comportar das pessoas justas incomoda os injustos. Ao ler todo o capítulo 2 do livro da Sabedoria, percebemos que os justos estão convencidos de que Deus recompensará a quem segue o caminho de santidade. Sentem-se protegidos por Deus e gloriam-se de tê-lo por pai. Os ímpios, ao contrário, concebem a vida – já que é passageira – como uma oportunidade de satisfazer os instintos egoísticos. Oprimem o pobre e agem com prepotência, a ponto de pôr à prova a fidelidade dos justos por meio de calúnias, perseguições e até de condenação à morte. Nesse sentido, o texto chega a ser uma prefiguração de Jesus Cristo.

CD Sei que ele me conduz

Padre Valdecir Ferreira



20 faixas

CD O mistério em canto

*Daniel De Angeles /
Frei Telles Ramon do Nascimento*



16 faixas

Duas obras cantadas para celebrar o momento litúrgico, com a certeza de que “Deus nos conduz”, nos faz viver o Evangelho da Alegria.

Pequenos pensamentos que, na verdade, são verdadeiros testamentos espirituais de homens e mulheres cujos destinos foram direcionados para a vontade de Deus.

Assim como são múltiplas as formas de encontrar o Senhor, escolhemos variadas melodias que nos fazem elevar nossa voz em canto para louvar, reverenciar e adorar o Senhor, conduzindo-nos a encontrar nele o princípio e o fim de nossa existência.

Ingressos meramente ilustrativos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



PAULUS



2. Evangelho (Mc 9,30-37): Jesus, o justo incompreendido

Jesus encontra-se a caminho de Jerusalém, onde será condenado à morte. Os discípulos ainda não compreendem que tipo de Messias ele é. Para eles, está sendo muito difícil mudar de mentalidade. O Evangelho de Marcos mostra que esse caminho para Jerusalém indica o processo de formação pelo qual os discípulos devem passar. O próprio Jesus é o formador. Com paciência e dedicação, procura abrir os olhos dos discípulos para que o reconheçam como o servo de Deus e não como um rei poderoso.

Por três vezes Jesus anuncia que vai a Jerusalém, onde deverá sofrer e morrer. O texto deste domingo refere-se ao segundo anúncio. O primeiro anúncio foi objeto de nossa reflexão no domingo passado. Em cada um dos anúncios há uma reação dos discípulos, demonstrando que não estão entendendo o ensinamento de Jesus. E estão com medo de perguntar. Talvez estejam lembrando a forte repreensão de Jesus a Pedro, quando o chamou de “Satanás” por tentar impedi-lo de cumprir sua missão até o fim. Eles têm medo das exigências de Jesus. Persistem na sua ambição de poder. Seguem Jesus discutindo quem seria o maior entre eles. Essa aspiração à grandeza e ao prestígio popular era bem evidente entre os líderes religiosos e entre os políticos. Vestiam-se e comportavam-se na sociedade de modo que chamassem a atenção sobre si; buscavam sempre os primeiros lugares... Jesus já havia chamado a atenção dos discípulos: “Cuidado! Guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes” (Mc 8,15). Mas parece que não adiantou. Em vez de seguir o exemplo de Jesus, seguem a ideologia dos poderosos. Em vez de serem servos uns dos outros, preferem disputar entre si.

O momento é propício para uma instrução especial. Ao passar por Cafarnaum, Jesus

entra na casa e, após perguntar aos discípulos o que estavam discutindo pelo caminho, senta-se. É a posição de mestre. Essa casa de Jesus representa as comunidades cristãs no tempo em que Marcos está escrevendo. Também essas comunidades são identificadas como “o caminho”. Ao ressuscitar, Jesus permanece no meio delas, caminhando junto e ensinando-as por meio do seu evangelho.

Jesus está na casa. Chama os doze para junto de si. Não porque estejam distantes fisicamente, mas porque estão resistindo a segui-lo verdadeiramente. Por isso, o ensinamento que ele vai ministrar-lhes agora é de muita importância: “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos”. E para que não esquecessem jamais essa lição, ilustra seu ensinamento, tomando uma criança e colocando-a no meio. Mais uma vez, Jesus revela a sua relação de carinho e de solidariedade com os pequeninos, os desprezados e os marginalizados. A criança representa aqui todas as pessoas necessitadas que devem ser amadas, acolhidas, cuidadas e protegidas pelas comunidades cristãs em nome de Jesus. Para agir desse modo, é necessário que cada cristão abandone as aspirações de “ser o maior” e torne-se “servidor” dos pequeninos. Na criança, tudo é gratuidade. Assim, quem ama os pequeninos está amando o próprio Jesus e também o Pai, que o enviou.

3. II leitura (Tg 3,16-4,3): A sabedoria que vem do alto

Nas comunidades cristãs primitivas, como também nas de nossos dias, existem atitudes contrárias ao ensinamento de Jesus. Não foram somente os doze apóstolos que demonstraram muita dificuldade de entender e de seguir Jesus. Por meio desse texto da carta de Tiago, percebemos que também no meio dos cristãos do final do primeiro século havia “inveja e preocupação egoística”. As consequências disso, conforme escreve Tia-



go, são as “desordens e toda espécie de más ações”: lutas, guerras, cobiça, avidez...

Tiago tem consciência de que isso não pode acontecer com quem se declara seguidor de Jesus. Percebe que essas atitudes são próprias de gente insensata que atrapalha a missão da Igreja neste mundo: anunciar o evangelho não só por palavras, mas também pelo testemunho de amor mútuo. Como podemos sonhar com um mundo fraterno se, entre os próprios cristãos, existem divisões, inveja e busca de prestígio pessoal, até sob a capa de piedade?

Diante dessas coisas, Tiago adverte os cristãos de que devem orientar sua vida conforme a “sabedoria que vem do alto”. E esclarece como ela se manifesta: é *pura*, isto é, não contaminada com a ideologia do poder; é *pacífica*: alimenta-se da paz que vem de Deus e não promove divisões; é *indulgente*: relaciona-se com educação e respeito com o próximo; é *conciliadora*: não age com orgulho ou imposição, mas promove a união entre as pessoas; é *cheia de misericórdia*: acolhe e ama o outro, buscando o seu bem com toda a sinceridade; é *imparcial*: não toma partido, visando ao seu próprio interesse; é *sem hipocrisia*, isto é, age com transparência e honestidade, sem esconder-se sob a máscara da mentira ou das aparências enganosas... Sem dúvida, essa “sabedoria que vem do alto” é o caminho que Jesus trilhou nesta terra a fim de construir o reino de Deus. É também o caminho para os cristãos de todas as épocas.

III. Pistas para reflexão

– *Há duas lógicas pelas quais podemos nos orientar*: a do ímpio ou a do justo. O nosso modo de viver cotidiano demonstra qual delas nós seguimos. A vida do ímpio se caracteriza pela busca de satisfação de seus desejos, mesmo que para isso tenha de destruir a vida de outros. A pessoa justa tem a consciência de ser filha de Deus e age de acordo

com essa condição. Sabe que Deus a ama e a protege. Esforça-se para ser fiel à vontade divina, mantendo-se livre da corrupção dos injustos, e, por isso, pode ser perseguida e até morta. O que significa ser uma pessoa justa nesta sociedade em que vivemos, com tantos sinais de exploração, de injustiça e de morte?

– *Quem é Jesus para nós?* Os discípulos manifestaram muita dificuldade para entender quem era Jesus porque se deixavam conduzir pela lógica dos ímpios e cada um queria ser maior do que os outros. Jesus os ajudou a mudar de mentalidade. Ele também nos ajuda a ser servos uns dos outros. A casa em que Jesus se senta para ensinar os discípulos representa a comunidade cristã. Essa “casa” é o lugar onde aprendemos a ouvir e praticar a palavra de Deus em família. Aí aprendemos a nos relacionar como irmãos, respeitar-nos mutuamente, acolher e ajudar a quem mais precisa, participar dos diversos serviços familiares e comunitários... Especialmente neste mês da Bíblia, podemos valorizar a importância da palavra de Deus na igreja doméstica, nos grupos de reflexão, nas CEBs...

26º DOMINGO COMUM

27 de setembro

Os dons de Deus não podem ser privatizados

I. Introdução geral

Neste último domingo de setembro, celebramos o dia da Bíblia. Por meio da Bíblia, temos a oportunidade de conhecer a Deus e o seu plano de amor. Ele se revela na história humana. Concede seus dons com liberalidade para o bem de todos. Os dons de Deus



não podem ser privatizados ou restritos a determinadas pessoas ou instituições. A primeira leitura relata um episódio de efusão do Espírito de Deus não somente sobre Moisés, o grande líder do êxodo, mas também sobre muitas outras pessoas, que começaram a profetizar. Diante disso, houve gente que tentou impedi-las. O Evangelho de Marcos conta como os discípulos tiveram a mesma reação ao constatar que outras pessoas faziam o bem em nome de Jesus sem pertencer ao grupo deles. Essas reações revelam a descabida pretensão de privatizar os dons de Deus. Também os bens materiais são dons de Deus que devem ser administrados de forma que proporcionem vida digna a todos. A segunda leitura denuncia veementemente a atitude dos ricos que privatizam esses bens e exploram os trabalhadores. Deus não deixará de ouvir o grito das pessoas injustiçadas e pedirá contas a quem retém os recursos que ele destinou a todos.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Nm 11,25-29): A efusão do Espírito de Deus

O povo de Israel encontra-se em caminhada pelo deserto, libertando-se da escravidão do Egito. Moisés foi chamado por Deus para liderar esse processo de conquista de uma terra de liberdade e vida. Esse chamado não significa a prática de um poder centralizado. Acima de tudo, é necessário garantir o projeto de Deus. Moisés é um dos protagonistas, mas não o único. A sociedade nova é construída com a participação do povo. Os setenta anciãos representam as lideranças necessárias para animar a organização social conforme a inspiração divina. Por isso, Deus lhes concede o seu Espírito, a fim de que cumpram sua missão com fidelidade. Eles exercem a profecia, isto é, falam e orientam o povo em nome de Deus.

Os setenta anciãos estão na mesma tenda com Moisés. Pertencem, portanto, ao grupo íntimo do principal líder. A tenda de Moisés é o espaço oficial das decisões a serem tomadas sobre aquilo que diz respeito a todo o povo. Os anciãos são oficialmente delegados para exercer a função de instruir, orientar e julgar o povo. Mas eis que duas pessoas que não se encontravam na tenda de Moisés também recebem o mesmo dom do Espírito e começam a profetizar no meio do acampamento. O texto conservou o nome dos dois: Eldad, que significa “Deus é amigo”, e Medad, “Deus é amor”. Um jovem corre para informar o fato a Moisés, certamente preocupado com a autonomia dos dois novos profetas que cumprem sua missão sem uma delegação oficial. Josué, que será o substituto de Moisés na condução do povo, sugere-lhe que os proíba. O outro, no entanto, percebe que a tentativa de proibição da parte de Josué é motivada por ciúme. Por isso o corrige. Moisés não teme ser ofuscado em sua autoridade. O que importa é que os dons de Deus, distribuídos conforme sua vontade, sejam acolhidos e administrados para o bem de todos. Os dons divinos não obedecem aos interesses de instituições oficiais. Deus é soberano em suas decisões, e sua liberalidade é extraordinária. Oxalá todo o povo se deixe conduzir pelo Espírito de Deus!

2. Evangelho (Mc 9,38-43.45.47-48): Praticar o bem: alguém pode impedir?

No domingo passado, refletimos sobre o texto do Evangelho de Marcos no qual os discípulos, após discutirem pelo caminho sobre qual deles seria o maior, recebem em casa uma instrução especial de Jesus. Tomando uma criança e colocando-a no meio deles, Jesus mostra qual é a atitude verdadeira que seus discípulos devem ter na vida: “Ocupar o último lugar e tornar-se servos uns dos outros”. O texto de hoje é a continuação desse



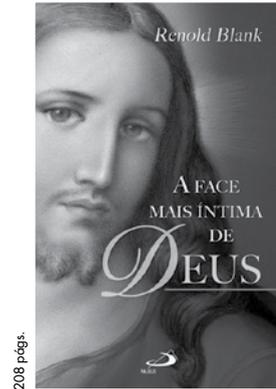
episódio. No caminho, eles não apenas haviam discutido quem seria o maior, mas também tentaram impedir que alguém não pertencente ao grupo realizasse boas ações em nome de Jesus. É João quem, dessa vez, representa a todos: “Mestre, vimos alguém expulsando demônios em teu nome e o impedimos, porque não nos seguia”.

Essa é mais uma atitude que revela o alto grau de imaturidade demonstrado pelos discípulos de Jesus. Eles também já haviam sido enviados por Jesus para pregar o evangelho e “expulsaram muitos demônios e curaram muitos enfermos” (Mc 6,12). Foi muito bonita essa experiência missionária, quando numerosas pessoas foram beneficiadas. Certamente se sentiram privilegiados por serem escolhidos por Jesus e enviados por ele para tão grande missão. O que não esperavam é que outras pessoas, além deles, pudessem realizar as mesmas obras. Ficaram aborrecidos e enciumados, como aconteceu com Josué, conforme ouvimos na primeira leitura. Moisés, cheio de sabedoria e de grande coração, corrigiu a atitude de Josué. Assim também Jesus, que veio ao mundo para salvar a todos, procura instruir os discípulos para que mudem de mentalidade e de atitude: “Não o impeçais... Quem não é contra nós está a nosso favor”. Com isso, Jesus está advertindo-os de que pode haver pessoas que, embora pertençam ao círculo íntimo dos discípulos, são contra ele; está pondo o projeto de vida para todos acima das pretensões pessoais.

Não se pode fazer uso do nome de Deus ou da religião para satisfazer interesses pessoais ou para disputas de poder. Essa atitude seria escândalo para os pequeninos, que olham para seus líderes esperando verdadeiro testemunho de fé e de amor. O escândalo existe quando alguém na comunidade pretende ser maior que os outros; ao invés de servir, quer ser servido. Jesus é enfático: melhor seria que essa pessoa se afogasse definitivamente no fundo do mar. E diz mais: é

A face mais íntima de Deus

Renold Blank



Para os cristãos deste século, marcado por crescente globalização cultural, surge uma nova e muito urgente indagação: Em que o Deus Supremo, afinal, se distingue das divindades de todas as outras religiões? Tal fato tem se tornado cada vez mais merecedor de discussões, porque, se a imagem de Deus — onipotente, infinito, santo, eterno e onisciente — já tinha sido mencionada pelos filósofos pagãos da antiga cultura grega, nasce, então, o seguinte questionamento: onde se encontra aquilo que é especificamente novo na concepção bíblica de Deus? Esta obra nos chama para voltar, a partir de novas perspectivas, às fontes que nos falam de Deus, para que cada vez mais e mais pessoas sintam-se tocadas pela sua verdadeira face mais íntima.

Ingressos meramente ilustrativos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





preciso *cortar a mão* que escandaliza, isto é, o mau agir; *cortar o pé*, que significa corrigir a direção ou a conduta errada na vida; *arrancar o olho*, ou seja, o modo de ver as coisas com cobiça, ciúme, inveja, ambição... Portanto, há necessidade de vigiar o modo de viver e exercer as funções comunitárias. É preciso extirpar tudo o que contradiz o evangelho e causa dano aos que querem entender e praticar verdadeiramente o que Jesus pede. A missão de promover a vida digna de todos constitui serviço abnegado e humilde, e não uma forma de projeção social, de exploração do sentimento religioso dos pequeninos ou de realização de outras intenções egoísticas.

3. II leitura (Tg 5,1-6): O grito dos injustiçados

A realidade contemplada pelos autores da carta de Tiago, conforme se deduz desse texto, é de terrível injustiça social. Não sabemos se esses ricos exploradores fazem parte das comunidades cristãs. Provavelmente não, pois seria explícita contradição da fé que professam. Ou seriam aqueles cristãos cuja fé é morta, como já foi alertado anteriormente nessa mesma carta? Dizem que têm fé, mas não têm obras (2,14-17).

O fato é que Tiago, com palavras duras e contundentes, denuncia a situação social em que os pobres estão sendo oprimidos. Percebe-se que os ricos são grandes proprietários de terras que se aproveitam da mão de obra dos pobres trabalhadores, pagando um salário irrisório (ou o retendo) e reduzindo-os à condição de escravos. A riqueza acumulada nas mãos desses senhores, fruto do suor e do sangue dos oprimidos, tornar-se-á motivo de sua própria condenação. Todo o seu ouro e prata, apesar de serem metais naturalmente consistentes, estão corroídos pela ferrugem. Os bens acumulados à custa de injustiça carregam a “ferrugem” da maldade. Eles serão usados como testemunhas contra os seus donos, pois o grito dos injustiçados sempre é

acolhido por Deus, que é justo e verdadeiro.

Ao longo da Bíblia, encontramos frequentes alusões ao uso dos bens materiais. Desde o episódio do maná no deserto, pelo qual Deus alimentou o seu povo, é-nos dada a orientação de que não se pode acumular, pois o acúmulo apodrece (Ex 16,19). Os profetas condenaram a injustiça social como enorme ofensa a Deus, a ponto de ele rejeitar qualquer tipo de manifestação religiosa enquanto não houvesse conversão (Am 5,21-24; Is 58,6-9). Nos evangelhos, encontramos vários textos que se referem ao perigo da riqueza e da insensibilidade social: um exemplo é o do homem rico e do pobre Lázaro (Lc 16,19-31). Chama a atenção o fato de que a salvação ou a condenação estão ligadas ao modo pelo qual cada um administra os bens. Não podemos reter ou privatizar o que Deus concedeu para a vida de todos.

III. Pistas para reflexão

– *A Bíblia nos revela a bondade e a generosidade de Deus.* Ele concede os dons e carismas com liberalidade. Cada pessoa que os recebe deve pô-los a serviço da vida. Não podem ser considerados bens privativos, pois são de Deus. Não podem ser usados como motivo de vanglória pessoal, e sim como expressão da bondade divina. Todas as pessoas recebem dons para a alegria e a felicidade de todos, independentemente da instituição ou da tradição religiosa a que pertencem. Portanto, não tem sentido o ciúme ou a competição. O que importa é que todos os dons sejam aplicados verdadeiramente no projeto de “vida em abundância” para todas as pessoas. Assim, cada pessoa e cada religião, a política e a economia, a arte, a ciência e a tecnologia devem visar ao bem social. Pode-se refletir sobre os efeitos sociais de uma vida ou atividade (mão, pé e olho) orientada pela ética e pelo amor, diferente da que busca objetivos egoísticos...



– *Os bens materiais são dons de Deus para a vida de todos os seus filhos e filhas.* Ofendemos a Deus quando os administramos de forma egoísta. A privatização da riqueza nas mãos de poucos denuncia o sistema social injusto em que vivemos: “Perdemos a capacidade de sentir. Essa é uma das causas de nossa miséria” (Herbert de Souza, o Betinho). Jesus preveniu: “Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a traça e o caruncho os corroem... Ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça nem o caruncho correm...” (Mt 6,19-21). Podem-se levantar os desafios sociais que existem na paróquia e no município e incentivar nosso compromisso de cristãos na construção do mundo justo, fraterno e solidário...

27º DOMINGO COMUM

4 de outubro

Deus nos fez família

I. Introdução geral

Outubro é o mês das missões. Somos todos discípulos missionários do Senhor a partir da família. Deus criou o homem e a mulher para que reconheçam que são extensão um do outro e vivam na igualdade e mútua complementaridade. O casamento é uma bênção divina. O marido e a esposa assumem o compromisso de se doarem um ao outro, conscientes de que já não são dois, mas uma só carne (I leitura). Jesus, em seu evangelho, ensina os casais a viver o amor em profundidade e não se deixar conduzir por ideologias que permitem e facilitam a separação por qualquer motivo. O amor exige sacrifícios (= fazer o que é sagrado), do mesmo modo que Jesus amou, doando sua vida em favor de todos. Ele abraça e abençoa cada criança, de-

fendendo seus direitos e sua dignidade. Faz-se solidário com cada mulher e homem, levando-os à perfeição (II leitura); pais e filhos são chamados a expressar cotidianamente o amor trinitário, vivendo e promovendo os valores do diálogo, do respeito mútuo, da igualdade e da paz.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Gn 2,18-24): Homem e mulher, uma só carne

O texto faz parte do segundo relato da criação (Gn 2,4b-25). Reflete sobre a missão que o ser humano recebeu de ser o colaborador de Deus no cultivo do “jardim” ou no cuidado com a natureza, a fim de que ela produza os alimentos necessários para a vida. O humano e a natureza estão intimamente unidos. É do húmus da terra que o humano é modelado. Ele recebe o poder de dar nomes aos outros seres, os animais. Tem a função de cuidar da criação de Deus.

A narrativa aponta para o caminho da realização do ser humano. Não é bom que esteja só. Deus não nos criou para a solidão. Entre todas as criaturas, o homem não encontrou uma “auxiliar” que lhe correspondesse. Enquanto está sozinho, sente-se inferior aos animais. Os autores procuram explicar como foram criados o homem e a mulher, interpretando a realidade que perpassa a existência humana. A linguagem revela que estão inseridos num contexto patriarcal. A palavra “auxiliar” não deve ser interpretada como ajudante submissa. Há igualdade na diferença. É do lado do coração do homem que nasce a mulher. Tornam-se companheiros e extensão um do outro. Revelam-se um ao outro na transparência. Necessitam-se, admiram-se e atraem-se mutuamente, unem-se e formam uma só carne. São duas pessoas livres e conscientes que vivem em comunhão e se reali-



zam mutuamente, sem anular-se em sua individualidade. O “sono profundo” no qual Deus faz cair o homem “é um sinal do mistério que cerca a relação homem-mulher. Um foi criado para o outro e, quando se unem na relação matrimonial, estão obedecendo ao projeto de Deus, que emerge do mais fundo de cada um, a fim de formar uma *nova unidade* para os dois, para os próprios filhos e para a sociedade” (STORNILOLO, I.; BALANCIN, E. *Como ler o livro do Gênesis*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 17).

Conforme podemos perceber no conjunto desse segundo relato da criação, estabeleceu-se íntima ligação não só entre homem e mulher, mas também com todas as demais criaturas. A relação de companheirismo e de comunhão entre ambos se estende para a relação com toda a natureza. Os seres humanos, a terra, a água, as árvores, os animais e todas as demais criaturas vieram da mesma fonte e necessitam-se mutuamente. O artífice divino tudo fez com muita arte e criatividade. E tudo entregou ao nosso cuidado.

2. Evangelho (Mc 10,2-16): A família como expressão do amor

Os fariseus se aproximam de Jesus para pô-lo à prova. Eles pertencem ao grupo de intérpretes da Sagrada Escritura, participantes de escolas rabínicas, onde se debatia sobre os motivos que justificavam o divórcio, uma vez que este era permitido pela Lei judaica. De fato, no livro do Deuteronômio (24,1), lê-se: “Quando um homem tiver tomado uma mulher e consumado o matrimônio, mas esta, logo depois, não encontra mais graça a seus olhos, porque viu nela algo de inconveniente, ele lhe escreverá uma ata de divórcio e a entregará, deixando-a sair de sua casa em liberdade”. Com base nessa orientação, podiam-se encontrar motivos para o divórcio com muita facilidade. Bastava o marido desejar a separação. É somente ele quem pode tomar a iniciativa,

pois, segundo a mentalidade dominante, ele exerce domínio sobre a mulher, considerada sua propriedade. Deduz-se daí que, tanto no ambiente doméstico como em outros níveis sociais, a opressão masculina era exercida com normalidade, legitimada pela interpretação oficial da Lei judaica, a cargo somente de alguns homens, responsáveis também por elaborar essas leis.

Os ensinamentos e a prática de Jesus revelam que a lei deve estar a serviço da vida do ser humano e não o contrário. Para os fariseus, porém, a Lei mosaica devia ser cumprida como condição para o homem ser justo diante de Deus. Jesus não nega a Lei judaica, mas a põe em seu devido lugar: “Foi por causa da dureza dos vossos corações que Moisés escreveu esse mandamento”. O texto da Sagrada Escritura não pode ser retirado de seu contexto. Também não pode ser interpretado de forma fundamentalista. O critério para a verdadeira interpretação é a vida digna sem exclusão, e não os interesses pessoais ou corporativos. Esse grupo de fariseus propositalmente não levava em conta outros textos que permitiam orientações diferentes para a questão do casamento e do divórcio. Jesus, porém, argumenta de outro ponto de vista. Ele resgata o plano inicial do Criador: “Desde o princípio da criação, Deus os fez homem e mulher... E os dois serão uma só carne”.

O casamento, portanto, deve basear-se no plano criador de Deus. Ele estabelece a igualdade fundamental entre o homem e a mulher. Nenhuma lei pode contradizer esse desígnio divino. Jesus condena a atitude de dominação do homem sobre a mulher e restabelece o direito igual para ambos de tomar decisões. Os dois se tornam uma só carne e, portanto, “o que Deus uniu o homem não separe”. Em outras palavras: se Deus criou a mulher e o homem com a mesma dignidade e a mesma liberdade, o homem não pode quebrar essa relação que fundamenta o amor verdadeiro entre ambos. Assim, a separação



não se dará por qualquer motivo. E se houver motivos sérios para isso, o discernimento e a decisão não podem ser unilaterais.

A sequência da leitura mostra que a casa/comunidade onde se encontram os discípulos de Jesus é o espaço do diálogo e do discernimento. É também o lugar da acolhida, do abraço e da bênção, com prioridade às crianças, as mais afetadas pelas atitudes egoístas ou insensatas dos adultos, representados pelos discípulos que repreendem as crianças. Essa atitude agressiva dos adultos contradiz o modo terno e acolhedor de Jesus, cuja vida é pautada pela não violência, pelo respeito ao outro, pelo perdão... Enfim, Jesus promove o projeto de inclusão familiar e social, de modo que todos usufruam as condições materiais e afetivas para uma vida feliz.

3. II leitura (Hb 2,9-11): Jesus se fez nosso irmão

Esse texto da carta aos Hebreus trata da opção solidária de Jesus por toda a humanidade, assumindo o sofrimento e a morte. Paradoxalmente, a honra e a glória de Jesus manifestam-se em sua morte em favor de toda a humanidade. A cruz, então, tornou-se para todos os que creem nele o caminho da vitória sobre toda a maldade, que procura impedir o plano de amor e de salvação de Deus. Ao assumir a condição humana com seus limites e dores, Jesus torna-nos também participantes de sua morte redentora. Ao identificar-se plenamente com o ser humano, possibilitou que este se identificasse com a sua divindade. Por isso, Jesus não se envergonha de nos chamar de irmãos.

A grandiosidade dele manifesta-se em sua radical humildade e obediência ao plano de Deus. É nosso modelo e caminho. Foi assumindo os sofrimentos e a morte, na fidelidade à sua missão, que Jesus nos redimiu e nos levou à perfeição. Como humanos, fazemos a experiência cotidiana dos limites e sofrimentos. Tornando-se um de nós, ele co-

nhece perfeitamente todos os problemas que enfrentamos. Não fomos criados para o sofrimento, e sim para a perfeição e a glória. No seguimento de Jesus, assumimos a realidade de nossa condição humana com a missão a que fomos chamados, deixando-nos conduzir pela graça de Deus, na certeza de seu amor sem limites. Aprendemos a reconhecer a sua vontade e nos esforçamos para ser fiéis. A fidelidade a Deus exige rompimento com as facilidades enganosas que nos desviam do caminho da perfeição. A plena realização somente se dá na obediência a Deus, a qual se concretiza no amor solidário. Na cruz de Jesus, morremos para o egoísmo e passamos a viver na condição divina. Aí reside nossa honra e glória de irmãos de Jesus.

III. Pistas para reflexão

– *Deus não criou o ser humano para a solidão.* Homens e mulheres foram criados para viver lado a lado, com a mesma dignidade e igualdade de direitos. Necessitam um do outro. Em nossos dias, a questão de gênero está em debate. O plano original de Deus no que diz respeito à relação entre mulheres e homens ainda não se concretizou. A visão dominante manifesta ainda preconceitos e discriminações relacionados à condição feminina. Prova-se até que a relação histórica de dominação do homem sobre a mulher refletiu-se na atitude dele de exploração da natureza e destruição do meio ambiente. Podem-se levantar fatos, atitudes e linguagens que revelam essa visão predominante ainda em nossos dias...

– *Somos discípulos missionários do Senhor a partir da família.* O casamento é uma instituição divina. Exige séria preparação a fim de que seja assumido com consciência e liberdade. Homem e mulher tornam-se uma só carne: concretiza-se a unidade na diferença. O amor entre marido e mulher é caminho de mútua santificação. Estende-se para os fi-



lhos. Jesus corrige a mentalidade farisaica, que permitia a separação por qualquer motivo. Ele resgata o plano original de Deus e restabelece a igualdade de direitos da mulher. É oportuno refletir sobre a importância da família para a vida de cada um de nós e sobre as consequências doloridas e até desastrosas de um ambiente familiar onde reina o machismo, a violência, o desrespeito...

– *Jesus fez-se plenamente solidário com o ser humano*, assumindo os sofrimentos e a morte. Ele é o nosso irmão maior. Conhece perfeitamente os limites e problemas que enfrentamos em nosso dia a dia. Seguindo Jesus, não desanimamos no caminho da perfeição. Todas as situações, mesmo as difíceis (crises no casamento, separações, doenças, mortes) podem ser assumidas como momentos propícios para acolher a graça de Deus, rico em misericórdia...

28º DOMINGO COMUM

11 de outubro

Viver com sabedoria

I. Introdução geral

As leituras deste segundo domingo do mês das missões nos levam a refletir sobre os verdadeiros valores que devem orientar a nossa vida. A primeira leitura apresenta o testemunho (atribuído a Salomão) de uma pessoa que suplicou ao Senhor o dom da sabedoria, considerada o maior de todos os tesouros e a mãe de todos os bens. O Evangelho de Marcos apresenta um homem rico que não consegue ser sábio. Ele procura Jesus para perguntar-lhe o que deve fazer para herdar a vida eterna. A orientação que Jesus lhe dá o deixa entristecido, pois implicaria a renúncia ao acúmulo dos bens a fim de parti-

ilhar com os pobres. O homem sai pesaroso, e Jesus, olhando ao seu redor, radicaliza: “É mais fácil um camelo entrar pelo fundo da agulha do que um rico entrar no reino de Deus”. Essa afirmação causou espanto até mesmo aos discípulos e questiona profundamente também os cristãos de hoje. É exemplo do que a carta aos Hebreus proclama: “A palavra de Deus é mais penetrante do que uma espada de dois gumes...”.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Sb 7,7-11): O dom da sabedoria

O livro da Sabedoria é resultado da reflexão dos judeus que se encontram em Alexandria, no Egito, ao redor do ano 50 antes de Cristo. O tema da sabedoria faz contraponto à ideologia dos governantes do Egito, com suas atitudes de dominação e de perseguição aos judeus. O caminho da sabedoria não segue a proposta idolátrica dos ímpios, que concebem a vida como oportunidade para toda espécie de prazer, desfrutando gananciosamente os bens presentes e perseguindo os justos. Em sua autossuficiência, descartam por completo a existência de Deus e não acreditam na vida após a morte. Os justos, porém, têm a Deus por pai e confessam que ele criou o ser humano para a imortalidade (cap. 2). A vida, portanto, não se resume no gozo do momento presente. Seu sentido verdadeiro somente as pessoas sábias conhecem.

Para dar maior importância e credibilidade à proposta da sabedoria, o escrito é atribuído a Salomão, que, na tradição judaica, é considerado o rei sábio por excelência (mesmo que historicamente ele não tenha sido tão sábio e tão justo como se apregoava). Esse Salomão idealizado pelos autores do livro tem consciência de ser uma pessoa comum



como todas as demais, que nasceu e cresceu como todos os humanos e sabe que sua vida na terra é transitória. Sua grande preocupação é viver e governar segundo a justiça. Isso será possível pela aquisição da sabedoria que vem de Deus. Por isso, ele a suplica com persistência, e Deus a concede generosamente.

A sabedoria é contemplada como o maior bem que uma pessoa possa adquirir, acima de todo poder e riqueza, “pois todo o ouro, ao lado dela, é como um punhado de areia”. Deve ser amada “mais que a saúde e a beleza”. Essas coisas passageiras somente adquirirem seu valor verdadeiro quando iluminadas pelo brilho da luz sem ocaso, que é o da sabedoria, “a mãe de todas as coisas”. Por ela distingue-se o verdadeiro absoluto em quem devemos depositar toda a confiança.

Quando o livro foi escrito, o povo de Israel tinha conhecimento de que a sabedoria fazia parte dos dons do Espírito de Deus, conforme anunciara o profeta Isaías, referindo-se à descendência de Davi: “Sobre ele repousará o espírito do Senhor, espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de conhecimento e de temor do Senhor” (Is 11,2). A sabedoria, junto com os demais dons do Espírito Santo, possibilita-nos orientar a nossa vida segundo os desígnios de Deus. É dom de Deus e, por isso, deve ser pedida com confiança. Jesus constatou que a sabedoria divina é revelada de modo especial entre os pobres e pequeninos e é ocultada aos grandes e “inteligentes” deste mundo (Mt 11,25-26).

2. Evangelho (Mc 10,17-30): Qual o jeito sábio de viver?

Jesus, com seus discípulos, encontra-se em caminhada para Jerusalém. Essa viagem tem, sobretudo, uma finalidade pedagógica. O episódio do homem rico vem proporcionar oportunidade especial para Jesus esclarecer qual relação seus seguidores devem ter

com os bens materiais. O homem rico é representativo de todos os que se consideravam justos por cumprir a lei de Deus, conforme as orientações do sistema religioso oficial. A mentalidade dominante via na riqueza o sinal concreto de bênção divina (teologia da retribuição). Aquele homem estava convencido disso e dirige-se a Jesus cheio de confiança em seus próprios méritos. Ele corre e ajoelha-se diante de Jesus. Demonstra estar ansioso por encontrar-se com o “bom mestre” para ser confirmado em sua mentalidade e atitudes. Jesus, porém, desarma-o já de início (talvez por perceber uma intenção de bajulação): “Ninguém é bom senão só Deus”.

O homem manifesta preocupação com a conquista da vida eterna. Considera-se uma pessoa justa, um judeu perfeito e, portanto, em seu íntimo, espera que Jesus lhe diga que está no rumo certo. De fato, no primeiro momento, Jesus o interpela sobre o caminho indicado pelos mandamentos. Cita, porém, somente aqueles que se referem à relação com o próximo, acrescentando “não defraudes ninguém”. É uma indicação de que os muitos bens que o homem possuía eram resultado da defraudação dos bens devidos aos outros. Cai por terra a concepção teológica de que o acúmulo seria sinal de bênção divina. Estaria o homem disposto a entrar na dinâmica da teologia do reino de Deus?

Jesus lhe demonstra muito amor, mostrando-lhe como poderia ser verdadeiramente livre, sábio e justo: “Vai, vende o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me”. Como se vê, enquanto o homem está preocupado com a vida eterna para si mesmo, Jesus preocupa-se com os seres humanos que neste mundo não possuem o necessário para viver. A vida eterna está garantida a quem segue Jesus na prática do amor para com as pessoas necessitadas. É no serviço abnegado ao próximo que encontramos a plena realização já neste mundo. Assim contribuímos para a construção de



uma sociedade nova – o reino de Deus –, que se fundamenta nas relações de justiça e fraternidade. Para isso, precisamos vencer o grande empecilho que é o apego aos bens materiais. Aquele homem rico não conseguiu dar o passo de aceitar o convite de Jesus, tornar-se seu discípulo e ter um tesouro no céu. Decepcionado com o desfecho do diálogo com Jesus, foi-se embora entristecido, “pois era possuidor de muitos bens”. Apesar de ser cumpridor das leis religiosas oficiais, demonstrou que seu deus era o dinheiro.

Jesus continua a aprofundar a reflexão com seus discípulos: “Como é difícil a quem tem riquezas entrar no reino de Deus... É mais fácil um camelo entrar pelo fundo da agulha...”. O contraste evidente entre o camelo e o buraco de agulha mostra a impossibilidade de um rico renunciar às seguranças e ao poder que a riqueza lhe dá para promover a justiça social. O espanto dos discípulos revela que também eles ainda estão imersos na mesma lógica do homem rico: “Então, quem pode ser salvo?” A resposta que Jesus lhes dá ressalta que a graça de Deus pode proporcionar a conversão também aos ricos, “pois para Deus tudo é possível”.

Aos discípulos que deixam tudo para segui-lo, Jesus lhes garante que usufruirão os benefícios do reino de Deus, isto é, da sociedade justa e fraterna. Nela não haverá discriminação nem miséria, e sim acolhida, afeto, partilha, vida em abundância para todos e, “no mundo futuro, a vida eterna”. É proposta construída pelos que se fazem últimos e servos de todos e que contradiz (por isso atrai perseguição) a dos primeiros (ricos e poderosos). Todos estão convidados por Jesus a desvencilhar-se da escravidão do dinheiro para se tornarem agentes do novo mundo. Esse é o jeito sábio de viver.

3. II leitura (Hb 4,12-13): A eficácia da Palavra de Deus

Após a morte, ressurreição e ascensão de Jesus, as comunidades cristãs alimentam sua

vida de fé e de amor especialmente por meio da palavra de Deus. O breve texto da carta aos Hebreus faz parte de um contexto maior (3,1-13), em que os autores aprofundam o tema da fé como condição para entrar no repouso de Deus. Consta-se que as comunidades a quem a carta é dirigida encontram-se em situação de sofrimento, de dúvidas e de instabilidade quanto à perseverança na fé em Jesus Cristo. O acontecimento do êxodo é evocado como luz e força para a caminhada dos cristãos, na certeza de que alcançarão o repouso prometido por Deus. Para isso, deverão permanecer vigilantes, a fim de não cair nas mesmas tentações em que caiu o povo de Israel na caminhada pelo deserto, quando endureceu o coração e não ouviu a voz do Senhor.

As comunidades cristãs formam o novo povo de Deus em caminhada para a terra prometida. Como no antigo êxodo, o caminho guarda perigos de toda espécie. Conquistarão o repouso prometido os que perseverarem na fé em Jesus, o verdadeiro líder que guia o povo à terra da liberdade e da paz. Deus falou de muitos modos antigamente por meio dos profetas e agora, por meio de seu Filho, Jesus (Hb 1,1).

A prática da palavra de Deus se dá no seguimento de Jesus, que é Palavra viva porque produz vida em abundância. Ele afirmou que suas palavras são “espírito e vida” (Jo 6,63); não são letra morta. Jesus, a Palavra que se fez carne, trouxe vida ao mundo. Ela é eficaz porque Deus realiza o que diz, cumpre o que promete; é eficaz também porque quem a pratica produz muitos e bons frutos, da mesma maneira que fez Jesus. Ela é cortante como uma espada de dois gumes, isto é, não há realidade que ela não possa penetrar, não há segredos que não possam ser descobertos, não há transgressão que não possa ser denunciada, não há escuridão que não possa ser iluminada, enfim, não há situação que não possa ser transformada. Ela julga as dis-



posições e as intenções do coração, pondo tudo a descoberto. Baseadas na palavra de Deus, as comunidades cristãs podiam confiar plenamente nas promessas divinas e caminhar com coragem e perseverança na fidelidade ao seu plano de amor e de salvação que se realizou plenamente em Jesus Cristo. Nós podemos também!

III. Pistas para reflexão

– *O discípulo missionário do Senhor vive com a sabedoria que vem de Deus.* Por ela sabemos discernir e praticar os verdadeiros valores. Sabemos responder com generosidade à vocação que Deus nos dá. Por ela exercemos a profissão com honestidade. A pessoa sábia resiste a toda espécie de maldade e se torna portadora da graça de Deus no mundo. A pessoa sábia é a que se esforça para fazer o bem sempre e em todo lugar...

– *A sabedoria se adquire e se cultiva pela oração e pela meditação da palavra de Deus.* Esta constitui o fundamento para a vida de fé e de perseverança no caminho do bem. A palavra de Deus é viva, eficaz, cortante como espada de dois gumes, torna-nos verdadeiros...

– *Somos peregrinos neste mundo, em caminhada para a terra prometida.* Sem a palavra de Deus, desorientamo-nos e somos levados por tantas outras “palavras” que o mundo nos oferece, como o apelo ao acúmulo de bens materiais, ao consumismo, à preocupação com o prestígio social, à busca ansiosa do prazer. Precisamos aprender com Jesus a não entrar na mentalidade dominante e a desvençillar-nos de todas as amarras que tornam nossos passos pesados. Seguir Jesus é aprender a caminhar na liberdade e leveza por meio da atitude de partilha e serviço mútuo.

O roteiro homilético para a solenidade de Nossa Senhora Aparecida pode ser acessado no site vidapastoral.com.br.

29º DOMINGO COMUM

18 de outubro

A oferta da vida como ação sagrada

I. Introdução geral

Os textos bíblicos da liturgia deste domingo apresentam o “servo de Deus” que entrega livremente a sua vida como sacrifício expiatório. A etimologia da palavra “sacrifício” indica uma “ação sagrada”, relacionada, portanto, com a realização da vontade divina. O “servo de Deus”, para o profeta Isaías Segundo, é o povo de Israel exilado na Babilônia. No meio do sofrimento, esse “servo” descobre a missão divina de levar sobre si as dores e transgressões de muitos e não somente de suas próprias faltas. Por meio do seu povo sofredor, Deus realiza seu desígnio de salvação para muitos outros povos (I leitura). As comunidades cristãs veem nesses textos a prefiguração de Jesus, o “servo sofredor” que veio ao mundo “não para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”, como exprime o Evangelho de Marcos. Os discípulos devem tomar consciência de que seguem um Messias antitriunfalista e, por isso, devem renunciar a toda ambição de poder e tornar-se servos uns dos outros (evangelho). Pela entrega de sua vida como sacrifício expiatório, Jesus tornou-se o único e eterno sacerdote, capaz de compadecer-se de nossas fraquezas, pois se fez solidário conosco em tudo, menos no pecado (II leitura). Podemos nos aproximar dele com toda a confiança, pois é fonte de eterna misericórdia e de abundantes graças.



II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Is 53,10-11): O sofrimento solidário

Esse pequeno texto de Isaías Segundo faz parte do quarto cântico do servo de Deus (52,13-53,12). Os autores elaboram nova teologia à luz da realidade dos exilados na Babilônia. Revelam o significado do sofrimento pelo qual passam os oprimidos. Deus os assumiu como o seu servo amado e deu-lhes uma missão muito especial. Todos vão testemunhar a incrível transformação pela qual Deus faz passar o seu “servo sofredor”. Até os opressores são obrigados a reconhecer. Eles diziam a respeito do servo: “Não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar. Era desprezado e abandonado [...], familiarizado com o sofrimento, como pessoa de quem todos escondem o rosto [...]; não fazíamos caso nenhum dele. Nós o tínhamos como vítima do castigo, ferido por Deus e humilhado [...]”. Porém, esses mesmos vão exclamar admirados: “No entanto, eram nossos sofrimentos que ele levava sobre si, eram nossas dores que ele carregava” (53,2-4).

A palavra profética ilumina o sentido que está por trás dos acontecimentos. Deus se revela de modo surpreendente em cada contexto histórico. Quem poderia imaginar que um punhado de gente desprezada e abandonada se transformaria em sujeitos de redenção para muitos, até mesmo para seus opressores que se convertem? É da vontade divina que os pequeninos se tornem veículos de sua graça para o mundo. Essa consciência que vai crescendo no meio dos exilados, com a animação da profecia, enche-os de coragem e esperança. O sofrimento passa a ser concebido já não como castigo divino, mas como desdobramento da atitude de fidelidade à vontade divina. A pessoa justa sofre porque

segue os desígnios de Deus e, assim, se contrapõe aos planos dos dominantes. Em vez de fazer o jogo dos vingativos e violentos, assume sobre si as transgressões e dores do povo. Livre e conscientemente, oferece sua vida em resgate da justiça para todos.

A atitude de fidelidade a Deus com todas as consequências faz do “servo sofredor” um vitorioso sobre a maldade do mundo. Não só isso. Porque ele oferece a sua vida como sacrifício expiatório, garantirá o triunfo do plano de Deus, que é a vida em plenitude para todos.

2. Evangelho (Mc 10,35-45): Jesus, o servo sofredor

As comunidades cristãs primitivas enfrentaram, como acontece nas comunidades de hoje, diversos conflitos internos. Um deles referia-se à disputa de poder entre as lideranças. Competições, ciúme e inveja se manifestam também entre os cristãos. São manifestações que contradizem o ensinamento e a prática de Jesus. Por isso, um dos objetivos do Evangelho de Marcos é “voltar às fontes” originais da fé em Jesus Cristo. Seus autores procuram recuperar a memória de Jesus de Nazaré a fim de que os cristãos permaneçam fiéis ao seu projeto e não se deixem contaminar pela ideologia de poder. Já se passaram aproximadamente 40 anos após a morte e ressurreição de Jesus. A maioria das testemunhas oculares de Jesus histórico já morreu. A segunda geração de cristãos, diante dos novos desafios, necessita de orientações sólidas. Para isso, nada melhor do que ver e ouvir de novo o que Jesus fez e disse.

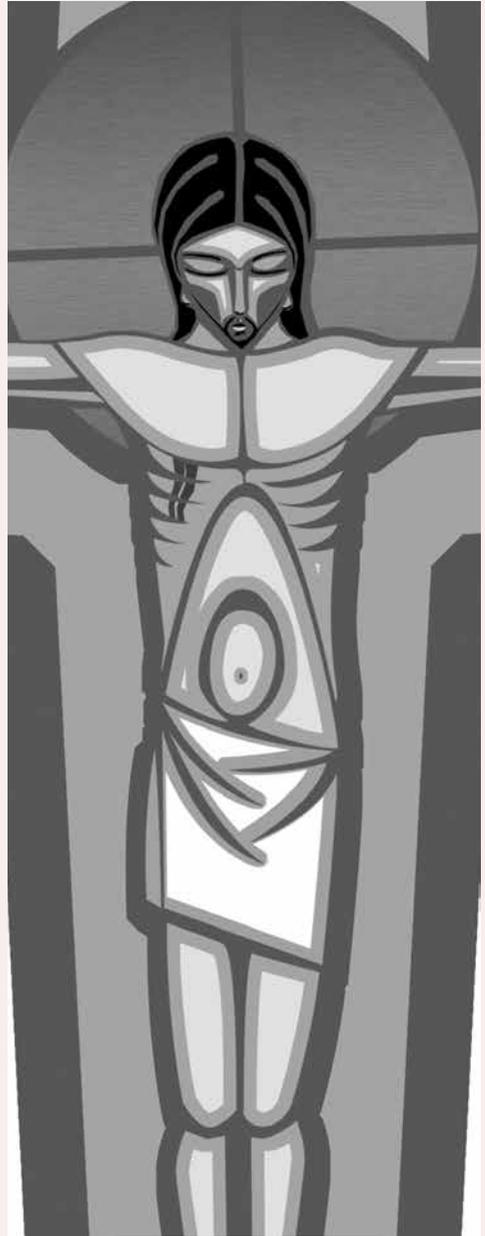
O Evangelho de Marcos concebe a viagem de Jesus com seus discípulos – da Galileia até Jerusalém (8,22-10,52) – como um caminho pedagógico. Nessa viagem, Jesus se preocupa, de maneira especial, em abrir os olhos dos discípulos para que compreendam que tipo de Messias ele é. Não basta confessar publicamente que Jesus é o Cristo, como fez



Pedro em nome de todos (8,29). É necessário superar a ideia de que o Messias seria um líder poderoso prestes a manifestar domínio e glória. De fato, o episódio imediatamente anterior ao texto deste domingo revela que os discípulos carregam a pretensão de tirar proveito do poder que Jesus conquistaria ao entrar na capital. Tiago e João lhe pedem encarecidamente que sejam distinguidos dos demais e possam sentar um à direita e outro à esquerda de Jesus em sua glória. Os demais discípulos ficam indignados com os dois, numa demonstração de divisão interna pela disputa de poder. Jesus os chama e, com paciência e misericórdia, mostra as atitudes que devem ser renunciadas e as que devem ser praticadas pelos seus verdadeiros seguidores.

Há um jeito de ser que caracteriza os cristãos, totalmente diferente do adotado pelos grandes e importantes deste mundo: enquanto estes dominam as nações, os discípulos devem fazer o contrário: “Aquele que quiser ser grande seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós seja o servo de todos”. Os critérios de Jesus subvertem os valores apregoados pela ideologia oficial. Seus critérios são os do reino de Deus. Somente pelo serviço abnegado de uns aos outros é que se estabelecem as relações sociais de justiça, paz e fraternidade.

Os discípulos ainda não conseguem captar o sentido das palavras de Jesus. Não conseguem imaginar um Messias sem honra e sem privilégios. Como poderiam seguir um sujeito que escolhe ser servo quando poderia ser rei? Jesus não desiste: nessa caminhada pedagógica, anuncia por três vezes que o Messias deverá sofrer e ser morto; adverte-os de que, para segui-lo, é necessário carregar a cruz. Seus ensinamentos são autenticados pelo testemunho concreto de sua vida: “O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”. Constata-se aqui íntima relação com o “servo sofredor” do profeta Isaías Segundo,



lúcio américo
arte sacra

tendalucio@gmail.com
(11) 98729.6727

www.lucioartesacra.com



conforme a primeira leitura da liturgia deste domingo. Jesus assume sua missão de fidelidade ao plano de salvação de Deus, entregando livremente sua vida. Abandonado e desprezado até pelos seus discípulos, doa-se por inteiro como vítima expiatória. Ele nos resgatou da morte para a vida.

As comunidades de Marcos e as comunidades de hoje são convidadas a analisar suas relações internas à luz do ensinamento e do testemunho de Jesus. Não há argumentos que possam justificar atitudes de superioridade de uns sobre os outros. As funções ou cargos necessários para dinamizar a evangelização não podem ser usados para benefícios e privilégios pessoais. No seguimento de Jesus não há lugar para “grandes”, e sim para “servidores”; não há lugar para “primeiros”, e sim para “servos de todos”.

3. II leitura (Hb 4,14-16): Jesus solidário com nossas fraquezas

O texto de Hebreus aprofunda o tema do sacerdócio de Jesus Cristo. Os interlocutores certamente conhecem o sistema sacerdotal do judaísmo, em que o sumo sacerdote exercia a função de mediador entre Deus e a comunidade, entrando uma vez por ano no Santo dos Santos (o lugar mais sagrado do templo de Jerusalém) para realizar o rito de purificação dos pecados em nome de todo o povo. Agora é Jesus o único mediador entre Deus e a humanidade. Já não há necessidade de ofertas e sacrifícios nem no Templo nem em qualquer outro lugar. Jesus mesmo se ofereceu em sacrifício, de uma vez por todas, como expiação por todos os nossos pecados. Ele veio inaugurar a nova e definitiva aliança.

Com sua ascensão, Jesus atravessou os céus e encontra-se junto de Deus Pai, onde exerce o seu sacerdócio eterno em favor de toda a humanidade. Tendo assumido a condição humana, experimentou no próprio corpo os limites e fraquezas inerentes a cada

pessoa. Em tudo se fez igual a nós, menos no pecado. Fez-se solidário com os nossos sofrimentos até a morte. Foi incompreendido, perseguido, maltratado, abandonado e condenado como um marginal desprezível. Como “servo sofredor”, carregou sobre si as dores da humanidade, garantindo a redenção a todos, também aos que o crucificaram. Ora, se Jesus foi tão radicalmente solidário com os seres humanos, cada um de nós pode aproximar-se dele sem nenhum receio, com total confiança. Ele nos compreende perfeitamente e sabe compadecer-se de nossas fraquezas. É a fonte de graças e pleno de misericórdia. Seu sacerdócio é permanente e eficaz.

Os autores da carta aos Hebreus transmitem às comunidades cristãs, formadas principalmente por judeus convertidos, a convicção de que estão vivendo novo tempo. Por isso, mesmo em situação de sofrimento, devem permanecer firmes na profissão de fé e aproximar-se de Jesus com toda a confiança para receber a ajuda oportuna. Os cristãos podem caminhar na certeza do amor sem limites de Deus, revelado no sacrifício (= ação sagrada) expiatório de Jesus.

III. Pistas para reflexão

– *Somos servos e servas de Deus.* O povo de Israel, no exílio da Babilônia, animado pela ação profética, descobre sua vocação de ser “servo de Deus”. O sofrimento em que se encontra já não é motivo de desânimo ou tristeza. Assumido livremente numa nova dimensão de fé, torna-se o meio pelo qual o povo percebe a presença amorosa de Deus, que lhe oferece uma missão especial: carregar as dores e as transgressões do mundo. Por meio do seu “servo sofredor”, Deus irradia sua misericórdia e manifesta sua salvação a toda a humanidade. Com base nessa “teologia do servo sofredor”, podemos refletir sobre como Deus se revela hoje por meio das pessoas excluídas.



– *Seguir Jesus com sinceridade.* O evangelho de hoje chama a atenção para as influências que as ideologias de poder podem exercer sobre nós. Seguir Jesus é renunciar à busca de fama e de prestígio e tornar-se servidor. Rompendo com toda forma de poder e assumindo a condição de servo, Jesus nos resgatou para a vida e abriu o caminho para a sociedade justa e fraterna. Nossa prática cotidiana corresponde ao testemunho de Jesus?

– *Jesus fez-se solidário conosco.* Ele conhece nossas fraquezas. Podemos contar sempre com sua misericórdia. Ele é o único e eterno sacerdote que se oferece para que tenhamos vida em plenitude. A carta aos Hebreus nos alerta: “Permanecemos firmes na profissão de fé”. Podemos caminhar com segurança nos passos de Jesus, oferecendo a nossa vida, com liberdade e consciência, na prática do amor e da justiça.

30º DOMINGO COMUM

25 de outubro

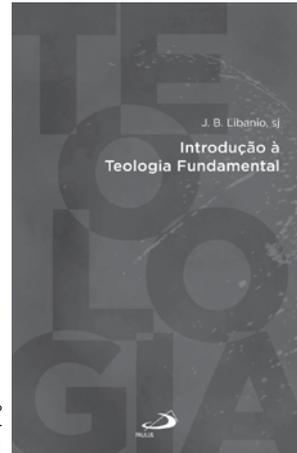
Deus vem em nosso socorro e nos liberta

I. Introdução geral

As leituras bíblicas deste domingo nos introduzem no mistério do amor de Deus, que se solidariza com as pessoas que sofrem e oferece-lhes a libertação de todos os males. É o Deus sempre fiel à aliança que estabeleceu com o seu povo. Em qualquer situação histórica, ele se encontra muito próximo, ouve as súplicas, acolhe as dores e indica os caminhos de vida e de liberdade. O profeta Jeremias proclama uma palavra de coragem e de esperança aos aflitos e desanimados no exílio da Babilônia: “O Senhor salva o seu

Introdução à teologia fundamental

João Batista Libanio



O simples fiel ou iniciante do curso de teologia pergunta-se: na condição sociocultural de hoje, que desafios o cristão enfrenta para crer com lucidez e honestidade? Quais valências positivas e negativas que interferem na compreensão da fé? E reflete então à luz do grande projeto salvador de Deus. Assim nasce a Teologia Fundamental. Nesta obra, João Batista Libanio abordou os elementos basilares dessa disciplina teológica, seu percurso histórico até a atualidade e suas perspectivas e desafios diante da evolução cultural e do quadro religioso contemporâneo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL

paulus.com.br





povo!” E Deus confirma que haverá de reunir o povo disperso, em meio ao qual “há cegos e aleijados, mulheres grávidas e que dão à luz, todos juntos”, porque ele é Pai de todos (I leitura). Seu amor se manifestou de modo pleno em seu Filho, Jesus Cristo, que veio para libertar o ser humano, sendo uma boa notícia para os excluídos – como foi para aquele cego à beira do caminho, Bartimeu, conforme narra o Evangelho de Marcos. Sua cegueira reflete a dos discípulos, que não conseguem entender que tipo de Messias é Jesus. Isso será compreendido somente após sua morte e ressurreição. Jesus é o Messias, Filho de Deus, que se entregou livremente para a vida do mundo. Ele é o sumo e eterno sacerdote, “capaz de ter compreensão por aqueles que o ignoram e erram” (II leitura). Em Jesus e com Jesus também nós assumimos o papel sacerdotal, oferecendo a nossa vida como dom para Deus e para os irmãos.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Jr 31,7-9): O Senhor salva o seu povo

Jeremias foi um profeta ativamente engajado na política de seu tempo. Sua atuação se dá em várias etapas, entre os anos de 630 e 580 a.C. O Reino do Norte (ou Efraim) fora invadido e destruído em 722 a.C. pelos assírios. Há muitos exilados na Assíria. Internamente, o povo sofre com a política centralizadora do rei Josias (cf. 2Rs 22-23). Além disso, Jeremias participou dos fatos que culminaram com a invasão do exército babilônico, a destruição do templo e da cidade de Jerusalém. Uma parte da população de Israel é deportada (cf. 2Rs 24-25). Devido à sua ação profética, Jeremias foi perseguido, preso e teve de fugir para o Egito, onde morreu.

O texto da liturgia deste domingo faz parte do chamado “livro da consolação” (Jr

30-31), em que, por ordem de Deus, Jeremias anuncia aos exilados um futuro de paz, de liberdade e de alegria na terra de Israel. Todos os exilados serão reunidos dos confins da terra e voltarão à sua pátria. Isso acontecerá por obra gratuita de Deus. É boa notícia que culminará com a celebração de uma nova aliança: “Então serei seu Deus e eles serão o meu povo... Todos me conhecerão, dos menores aos maiores, porque perdoarei sua culpa e não me lembrarei mais do seu pecado – oráculo do Senhor” (Jr 31,31-34).

A marca da sociedade que Jeremias sonha ver com a volta dos exilados não é a restauração da monarquia, mas a fidelidade à aliança com Deus. Ele liberta o seu povo da opressão do mais forte. Apresenta-se como “pai para Israel”, alguém que reúne os filhos dispersos e reconstitui sua família. Ninguém deverá ficar de fora. Os cegos, os aleijados e as mulheres grávidas são especialmente lembrados. Todas as pessoas fracas e indefesas recebem cuidado prioritário. As mulheres grávidas e que dão à luz prenunciam o futuro de vida e alegria para o povo.

A profecia cumpre a missão de animar a esperança militante no meio das pessoas vítimas da opressão e da violência dos grandes. Deus toma posição e vem salvar os seus filhos e filhas cuja vida está ameaçada. Uma terra de liberdade e vida para todos é vontade de Deus e tarefa nossa.

2. Evangelho (Mc 10,46-52): Jesus liberta da cegueira

A cura do cego Bartimeu se dá na última parada de Jesus com seus discípulos antes da chegada a Jerusalém. Como já constatamos nos domingos anteriores, essa viagem, desde a Galileia, constitui um caminho pedagógico no qual Jesus se ocupa, de maneira especial, da formação dos seus discípulos. Percebe-se que, no esquema do Evangelho de Marcos, esse caminho está emoldurado entre duas narrativas de curas de cegos: a de Betsaida



(8,22-26) e essa do cego à saída de Jericó. O primeiro cego recupera a vista após um processo gradual: Jesus o retira para fora da cidade, cuspe-lhe nos olhos e, por duas vezes, impõe-lhe as mãos. Esse cego de Jericó, para recuperar a vista, Jesus não precisa nem mesmo tocá-lo. O cego de Betsaida é conduzido a Jesus por outras pessoas e não lhe é dado nome próprio; o da saída de Jericó tem iniciativa própria, grita por Jesus de Nazaré sem se deixar intimidar pelos que procuram calá-lo e possui um nome próprio. Podem-se perceber outros detalhes que revelam as diferenças e semelhanças entre os dois relatos.

Ambos os cegos são representativos dos discípulos no que diz respeito ao conhecimento que têm de Jesus. De fato, logo após a cura do cego de Betsaida, constatamos a confissão pública de Pedro, que fala em nome dos demais discípulos. Teoricamente, ele sabe que Jesus é o Messias, mas não admite que seja vulnerável ao sofrimento e à morte a ser impingida pelas autoridades religiosas e políticas de Jerusalém. Nos discípulos permanece a concepção de um messianismo de poder e glória. Seguir Jesus, para eles, é a oportunidade para realizar as suas ambições de fama e de domínio, o que provoca discussões internas a respeito de quem seria o maior. Eles estão em situação de cegueira. Compreenderão, pouco a pouco, quem é realmente Jesus e qual é sua missão no mundo, conforme o texto de domingo passado: “O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (10,45).

O cego Bartimeu representa o estágio conclusivo do processo de abertura dos olhos pelo qual os discípulos estão passando. Não é fácil desvencilhar-se das ideologias dominantes, representadas, nesses episódios, pelas cidades. O primeiro cego, Jesus o retirou de dentro de Betsaida para poder curá-lo. Bartimeu já está fora de Jericó e encontra-se à beira do caminho. Essa situação lembra o en-

sinamento de Jesus contido na parábola da semente: “Os que estão à beira do caminho onde a Palavra foi semeada são aqueles que ouvem, mas logo vem Satanás e arrebatou a Palavra que neles foi semeada” (Mc 4,15). De fato, inicialmente Bartimeu se dirige a Jesus e, por duas vezes, o chama de “Filho de Davi”. Em sua concepção, Jesus seria o Messias à moda de um rei triunfalista. Satanás (que se manifesta nas ideologias dos grandes e poderosos) ainda domina a consciência de Bartimeu, como aconteceu com Pedro, quando tentou impedir que Jesus fosse a Jerusalém e seguisse o caminho de um servo sofredor. Jesus reagiu, dizendo: “Afasta-te de mim, Satanás, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens!” (8,33).

Jesus vence Satanás, que cega as pessoas. É necessária, porém, a disposição de deixar-se curar e mudar de mentalidade. É o que fez Bartimeu. Para isso, teve de vencer os impedimentos daqueles que o mandavam calar-se. Jesus ouviu o seu grito, parou e mandou chamá-lo. Deus ouve o clamor dos oprimidos! Perguntou Jesus: “Que queres que eu te faça?” O cego já havia se desvencilhado de seu manto, que simboliza suas seguranças pessoais, sua dependência da mendicância, seu passado de atrelamento e submissão a um sistema excludente. Está pronto para acolher a verdade que liberta – Jesus e sua proposta. Então já não se dirige a Jesus com o apelativo “Filho de Davi”, e sim com a expressão reverente “Rabbuni”, que significa “meu mestre”. E manifesta seu profundo desejo, fruto de longa busca: “Que eu possa ver novamente”. É sinal de que ele um dia enxergava. O veneno de “Satanás”, ou seja, os ideais que não são de Deus, cegaram-no. Bartimeu representa os discípulos que abrem os olhos com a graça de Jesus e o seguem no caminho da cruz. Bartimeu é cada um de nós: Jesus nos ajuda a abandonar o “manto” do egoísmo e da submissão às ideologias dominantes e tornar-nos conscientes da missão



que temos de construir um mundo como casa de vida digna sem exclusão.

3. II leitura (Hb 5,1-6): O sacerdócio de Jesus

A carta aos Hebreus apresenta Jesus como sumo e eterno sacerdote. Para que os ouvintes e leitores possam entender essa mensagem, os autores tomam como exemplo a função sacerdotal exercida na tradição judaica. O sumo sacerdote era investido da mais alta dignidade como mediador entre Deus e o povo. Sua função era oferecer dons e sacrifícios pelos pecados do povo e também pelos seus. Essa imensa honra só podia ser concedida a quem fosse chamado por Deus: por tradição de fé e legitimação legal, alguém da descendência de Aarão. A descrição do sumo sacerdote aqui é idealizada, pois sabemos que essa função no templo de Jerusalém foi, muitas vezes, conquistada por pessoas interesseiras, que faziam o jogo da política imperial. Também dificilmente um sumo sacerdote agia demonstrando consciência das próprias fraquezas e compreensão das fraquezas dos outros.

Portanto, a idealização da função sacerdotal visa a contemplar e acolher na fé o novo e definitivo sacerdócio de Jesus Cristo, totalmente superior ao antigo. Entregando-se como vítima expiatória pelos pecados de toda a humanidade, tornou-se o eterno sumo sacerdote. Ele não entrou na linhagem sacerdotal oficialmente concebida no sistema religioso judaico. Não foi por descendência de Aarão, e sim “segundo a ordem de Melquisedec”. Este personagem é de origem misteriosa. Ele aparece a Abraão (Gn 14,18-20) como “rei de Salém e sacerdote do Deus altíssimo”, concedendo a bênção ao pai do povo de Israel. Revela ser superior a Abraão. Com isso, relaciona-se com a superioridade do sacerdócio de Cristo sobre o sacerdócio de Aarão. O nome de Melquisedec significa “em primeiro

lugar ‘Rei da Justiça’; e, depois, ‘Rei de Salém’, o que quer dizer ‘Rei da Paz’” (Hb 7,2). É figura da missão sacerdotal de Jesus Cristo, recebida diretamente de Deus Pai. Jesus assumiu a condição humana e é capaz de compreender as fraquezas do ser humano. Com plena humildade e obediência a Deus, ofereceu-se de uma vez por todas para a justiça, a paz e a salvação do mundo.

III. Pistas para reflexão

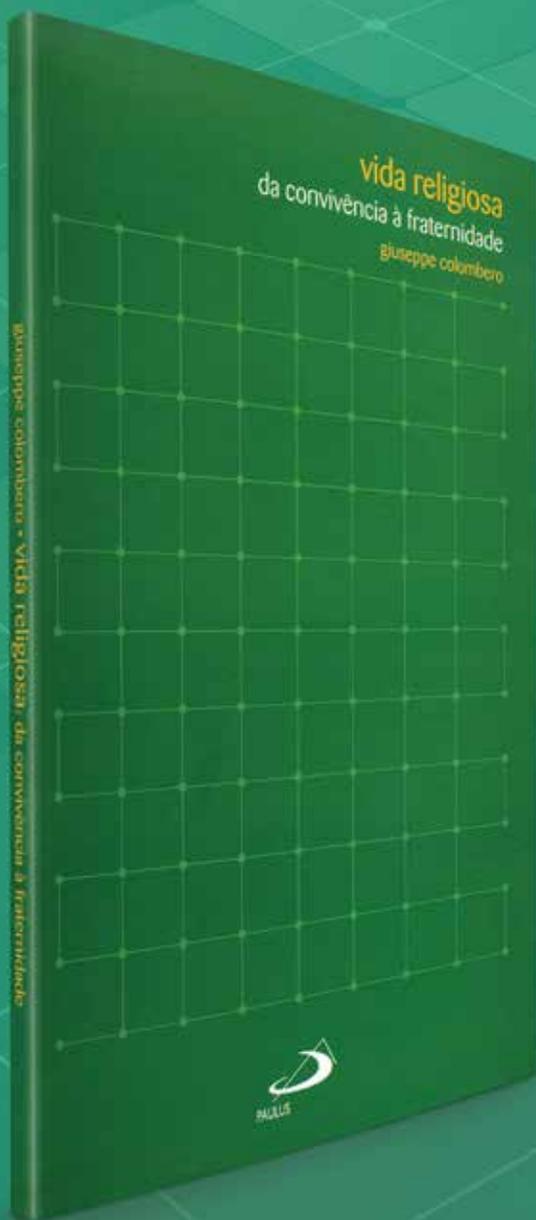
– *O Senhor, nosso Deus, vem para nos salvar.* Ele é nosso Pai misericordioso. O profeta Jeremias percebe a presença consoladora de Deus no meio do povo exilado. Anuncia a palavra de esperança e alegria, que é a reunião de todos os dispersos na terra onde reina a liberdade e a paz. Ninguém fica de fora: os cegos, os aleijados e as mulheres grávidas, que representam as pessoas frágeis e indefesas, recebem proteção e carinho especiais... É oportuno relacionar com o mês das missões...

– *Jesus é Deus que se fez carne.* Ele caminha com seu povo e ajuda os discípulos a reconhecerem-lo como o Messias servidor, curando-os da cegueira das ideologias dominantes. Bartimeu representa todos os que buscam Jesus com sinceridade. Vence as barreiras dos que desejam impedi-lo. Jesus ouviu o grito de Bartimeu, parou, deu-lhe atenção e a visão foi recuperada. O que nos impede de conhecer e seguir verdadeiramente Jesus Cristo? Em que “cegueiras” podemos cair hoje? Como podemos nos libertar delas? Pode-se enfatizar a importância de participar do processo de iniciação à vida cristã, dos cursos de formação...

– *Jesus é nosso mediador junto a Deus Pai.* Ele nos conhece integralmente, pois se fez nosso irmão. Deu o exemplo de entrega da vida pela paz e justiça no mundo. Envia e abençoa os seus discípulos missionários para que continuem a sua obra... ●

Entre consagrados

combater o desequilíbrio e buscar a harmonia



128 páginas

Vida religiosa Da convivência à fraternidade *Giuseppe Colombo*

O que se chama de clima ou ambiente comunitário tem grande influência sobre o ânimo dos membros de uma família religiosa, atuando diretamente em sua felicidade pessoal. O livro tem suas bases sobre esse registro humano, mostrando o que nos é possível fazer para vivermos melhor, juntos.

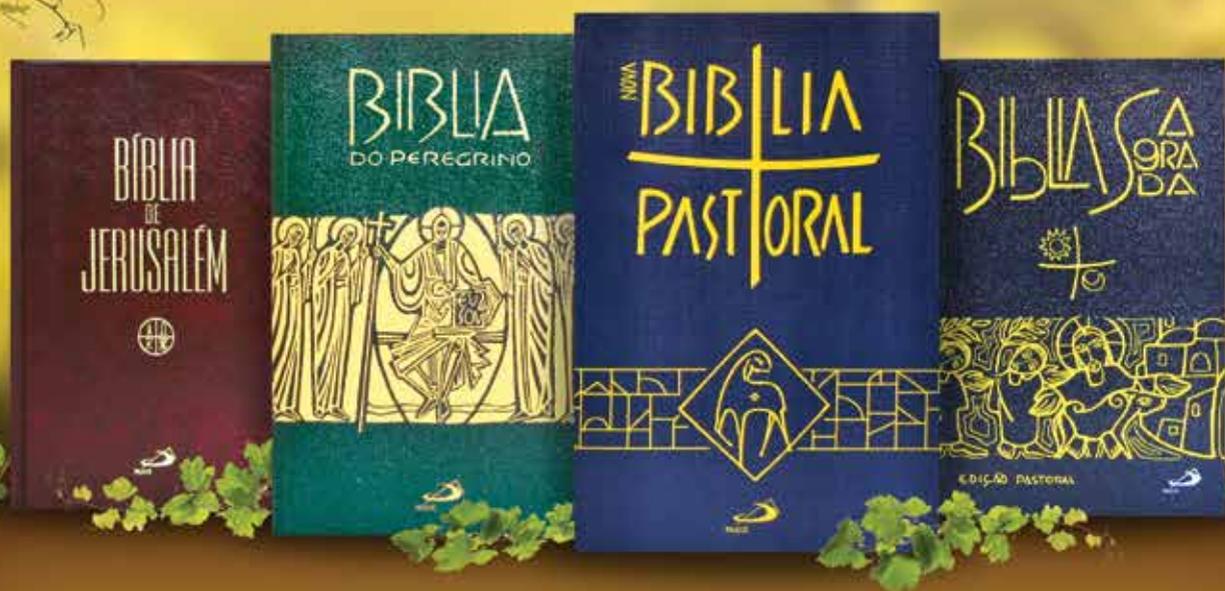
Gratidão PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

VENDAS:
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

 pauluseditora.official
 editorapaulus
 paulus.com.br


PAULUS

Para dar muito
fruto,
permanecei no meu
amor



CAMPANHA MÊS DA BÍBLIA

Em todas as PAULUS Livrarias, distribuidoras, lojas especializadas e site.
De 3 de agosto a 30 de setembro de 2015.

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br

 [pauluseditora.oficial](https://www.facebook.com/pauluseditora.oficial)

 [editorapaulus](https://twitter.com/editorapaulus)

 paulus.com.br


PAULUS